

JOÃO BATISTA DE ANDRADE FILHO

**VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA:
O CASO DE FURNAS DA BOA SORTE**

Três Lagoas

2007

JOÃO BATISTA DE ANDRADE FILHO

**VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: O CASO DE FURNAS DA
BOA SORTE**

ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO, VARIACIONISTA E QUANTITATIVO

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, para obtenção de título de Mestre em Letras (área de concentração: Estudos Lingüísticos)

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

Três Lagoas

2007

JOAO BATISTA DE ANDRADE FILHO

**VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: O CASO DE FURNAS DA
BOA SORTE**

ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO, VARIACIONISTA E QUANTITATIVO

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, para obtenção de título de Mestre em Letras (área de concentração: Estudos Lingüísticos)

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº Drº Dercir Pedro de Oliveira

Orientador

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profº Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti

UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Profº Drº José Antonio Menoni

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Três Lagoas, 16 de outubro de 2007

Dedico essa pesquisa a todas as pessoas que de algum modo contribuíram para que este estudo tenha se concretizado.

AGRADECIMENTOS

Ao criador pela supremacia da obra na natureza e da existência humana, capaz de nos outorgar o privilégio deste estudo, o qual não conseguiríamos, não fosse a renúncia do convívio à família de quem furtivamente tomamos o tempo. Igualmente também, esta tarefa não chegaria a bom termo, não fosse o incentivo da minha esposa Maria José Rodrigues Almeida e dos meus filhos Alexandre Luiz Almeida de Andrade e Fernanda Almeida Andrade, do orientador deste estudo Dr. Dercir Pedro de Oliveira e demais professores que também tivemos o privilégio do convívio e do aprendizado: Dr. José Batista Sales, Dr. Edson Rodrigues Carvalho, Dr. Antônio Rodrigues Belon, Dra. Aparecida Negri Isquerdo, Dra. Marlene Durigan, Dra. Vania Maria Lescano Guerra, professora Maria Madalena da Silva Lebrão, Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolletti e o Dr. José Antonio Menoni.

Reconhecemos ainda as colaborações de todos os participantes do ATLAS-MS pelas inúmeras colaborações prestadas do decurso deste estudo.

Somos ainda eternamente gratos às pessoas de Maria Cristina Dias de Oliveira, Sebastião Maciel de Lima, Carlito Ribeiro Maciel, pelas valiosas contribuições no percurso e apresentações dos informantes, necessárias para que conseguíssemos iniciar as entrevistas, bem como não esqueceremos a colaboração da Prefeitura Municipal de Corguinho, na pessoa da senhorita Solange Batista dos Santos, no tocante às informações históricas da comunidade de Furnas da Boa Sorte.

Aos informantes e demais pessoas na Comunidade de Furnas da Boa Sorte pelo carinho e hospitalidade com que nos receberam e por nos propiciarem momentos que ficarão marcados para sempre nas nossas memórias.

Há uma associação espontânea entre os sons vocais e as nossas impressões do mundo extralingüístico e que tal associação, de que as línguas não tomam conhecimento em suas estruturações formais, está pronta a vir à tona, quando o indivíduo se desvencilha das formas concretas de sua língua e das relações arbitrárias entre som e conteúdo que aí se estabelecem.

Câmara Júnior

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de revelar fenômenos lingüísticos, mormente de cunho fonético, morfossintático e lexical, bem como trazer à lume os aspectos socioculturais da comunidade quilombola de Furnas da Boa Sorte, situada no município de Corguinho, na região central sul-mato-grossense, realizado pela vertente da língua falada.

O estudo tem por base a teoria da variação quantitativa, registrando as ocorrências variacionais mais incidentes, quantificando-as por meio do conjunto de programas estatísticos do *software* Varbrul/2001.

A coleta de dados que compôs o *cópus* foi realizada por meio de entrevistas *in loco*, com questionário próprio. Para sistematizar as variantes encontradas, valemo-nos também da variável extralingüística “*sexo*”.

A interpretação do *cópus* dos fenômenos lingüísticos encontrados na comunidade, e que nos propomos a analisar, estabeleceu que a variável dependente **(1)** que representou a *aplicação da regra*, foi notoriamente maior que a variável dependente **(0)** que representou a *construção regular*, com percentuais próximos apenas no grupo semântico lexical, não obstante revelador da influência do meio ambiente, do elemento africano e resquícios do português lusitano.

Por tudo isso, podemos dizer que os contextos de variação lingüística captados na comunidade rural e negra de Furnas da Boa Sorte são de capital importância para os estudos da sociolingüística.

Palavras-chave: Sociolingüística, comunidade, variação.

RESUMEN

Este trabajo tiene el intuito de revelar fenómenos lingüísticos, sobre todo de cuño fonético, morfosintáctico y lexical, bien como traer a la luz los aspectos socioculturales de la comunidad “Quilombola de Furnas da Boa Sorte”, ubicada en el municipio de “Corguinho”, en la región central “sur-mato-grossense”, lo realizamos por la vertiente de la lengua hablada.

El estudio tiene por base la teoría de la variación cuantitativa, registrando las ocurrencias de variaciones más incidentes, cualificándolas a través del conjunto de programas estadísticos del *Software Varbrul/2001*.

La colecta de datos que compuso el *corpus* fue realizada por medio de entrevistas *in loco*, con cuestionario propio. Para sistematizar las variantes encontradas, nos servimos también de la variable extralingüística “sexo”.

La interpretación del corpus de los fenómenos lingüísticos encontrados en la comunidad, y que nos proponemos a analizar, estableció que la variable dependiente **(1)** que representó la aplicación de la regla, fue notoriamente, mayor que la variable dependiente **(0)** que representó la construcción regular, con porcentajes próximos apenas en el grupo semántico lexical, no obstante revelador de la influencia del medio ambiente, del elemento africano y vestigios del portugués lusitano.

Por todo ello, podemos decir que los contextos de variación lingüística captados en la comunidad rural y negra de “Furnas da Boa Sorte” son de capital importancia para los estudios de la sociolingüística.

Palabras clave: sociolingüística, comunidad, variación.

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1. SITUAÇÃO HISTÓRICA.....	06
1.1. ETNIA	07
1.2. CULTURA	07
1.3. ECONOMIA	09
1.4. RELIGIÃO CRENÇAS E OUTROS	11
1.5. POLÍTICA	13
1.6. COMENTÁRIOS	13
CAPÍTULO 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	15
2.1. PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA: ORIGEM.	15
2.2. A VARIAÇÃO NA ORALIDADE	16
2.3. AS VARIÁVEIS E AS VARIANTES LINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS.....	20
2.4. O MÉTODO DE ANÁLISE VARIACIONISTA.....	23
CAPÍTULO 3. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	25
3.1. PROCESSAMENTO SISTEMÁTICO DO PACOTE DE PROGRAMAS GOLDVARBRUL/ 2001.....	25
3.2. ANÁLISE DOS FENÔMENOS FONÉTICOS NA FALA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS NA BOA SORTE.....	30
3.2.1. lotização (B).....	34
3.2.2. Apócope (A).....	37
3.2.3. Rotacismo (R).....	39
3.2.4. Epêntese (E)	41
3.2.5. Binominal, 1 Level.....	43
3.3. ANÁLISES DOS FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS NA FALA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS NA BOA SORTE.....	44

3.3.1. Flexão de número na relação determinante + nome (Q).....	50
3.3.2. Enfraquecimento do futuro do presente (K).....	52
3.3.3. Flexão de número na relação sintagma nominal + sintagma verbal (C).....	54
3.3.4. Artigo diante de antropônimos (N).....	57
3.3.5. Pronome nós e a gente na conjugação do presente do indicativo (G)...	59
3.3.6. Advérbio de negação – presença ou não de dupla negação (D).....	63
3.3.7. Binominal, 1 Level.....	65
3.4. ANÁLISES DOS FENÔMENOS SEMÂNTICO-LEXICAIS NA FALA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS DA BOA SORTE.....	66
3.4.1. O Léxico	66
3.4.2. Binominal 1 Level	81
3.5. RESULTADOS DA FUNÇÃO REGRESSIVA MÚLTIPLA	82
3.5.1. Binominal Up & Down	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	98

TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos fatores fonéticos (B, A, R e E) de acordo com a variável dependente.....	32
Tabela 2 – Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (B) e a variável “sexo”	36
Tabela 3- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (A) e a variável “sexo”	38
Tabela 4- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “sexo”	40
Tabela 5- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (E) e a variável “sexo”	42
Tabela 6 – Distribuição dos fatores morfossintáticos (Q, K, C, N, G e D) de acordo com a variável dependente	47
Tabela 7- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (Q) e a variável “sexo”	52
Tabela 8- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (K) e a variável “sexo”	54
Tabela 9- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (C) e a variável “sexo”	56
Tabela 10- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (N) e a variável “sexo”	59

Tabela 11 - Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (G) e a variável “sexo” 62

Tabela 12- Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (D) e a variável “sexo” 64

Tabela 13 – Distribuição dos campos semânticos (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S de acordo com a variável dependente 70

Tabela 14 – Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento da variável dependente e a variável “sexo” 80

GRÁFICOS

Gráfico 1- Interação dos grupos de fatores fonéticos (B, A, R, e E) com a variável dependente 44

Gráfico 2 – Interação dos grupos de fatores morfossintáticos (Q, K, C, N, G e D) com a variável dependente..... 66

Gráfico 3 – Interação dos grupos de fatores semânticos lexicais (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S), com a variável dependente..... 82

QUADROS

Quadro A – Exemplos de codificação de dados.....	30
Quadro B – Exemplificativo de algumas ocorrências de iotização encontradas em Furnas da Boa Sorte.....	35
Quadro C – Exemplificativo de algumas ocorrências de apócope encontradas em Furnas da Boa Sorte.....	37
Quadro D – Exemplificativo de algumas ocorrências de rotacismo encontradas em Furnas da Boa Sorte.....	39
Quadro E – Exemplificativo de algumas ocorrências de epêntese encontradas em Furnas da Boa Sorte.....	41
Quadro F – Confrontação dos aspectos lingüísticos e apuração dos pesos variacionais relativos.....	86
Quadro G – Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos fonéticos com relação ao fator extralingüístico sexo.....	88
Quadro H– Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos morfossintáticos com relação ao fator extralingüístico sexo.....	89
Quadro I – Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos semânticos lexicais com relação ao fator extralingüístico sexo... 	90

A553v Andrade Filho, João Batista de.

Varição lingüística: o caso de Furnas da Boa Sorte/João Batista de
Andrade Filho. Três Lagoas, Ms: [s.n.], 2007.

104f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Câmpus de Três Lagoas, 2007.

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira.

1. Sociolingüística. 2.Comunidade. 3.Varição. I. Oliveira, Dercir
Pedro de. II. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus de Três
Lagoas. III. Título.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte da premissa maior de que a língua é instrumento social de identificação de uma comunidade em sua história, cultura e aspirações. Situamos o presente estudo da variação lingüística nos seguimentos fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical a partir de contextos locais de atualização da fala dos moradores da comunidade de Furnas da Boa Sorte.

Esse estudo de sistematização dos fenômenos lingüísticos variáveis é possível a partir da perspectiva da Teoria da Variação estabelecida por Labov que, para correlacionar com as variáveis lingüísticas, incluiu as variáveis extralingüísticas como faixa etária, classe social, grau de escolaridade e, entre outros, o fator “sexo”, como ocorre neste estudo.

Desse modo, a sociolingüística, para descrever e explicar a variação e a mudança lingüística, parte do contexto social onde está inserido o homem que interage com a comunidade de fala na qual está inserido e por ela é embebido lingüisticamente, como elemento vivo de transição na heterogeneidade lingüística e do acúmulo inesgotável do acervo lingüístico, histórico e cultural que propicia incessantemente a evolução da língua.

O *cópus* buscou na comunidade eleita, no dizer de Scherre (2005, p. 43) que [...] “a língua real – sistema transmitido de geração em geração em circunstâncias naturais - é de riqueza e de complexidade ímpares, que ainda não se deixou descrever nem explicar, na sua totalidade, pelos lingüistas mais brilhantes.”

Por isso, no presente trabalho, procedemos a investigações *in loco* utilizando-nos parcialmente dos critérios da dialetologia quanto ao sistema de questionário do Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS, daqui em diante), com as adaptações necessárias ao encaixamento do *cópus*, com os seguintes objetivos:

1. Resgatar, pelo viés da língua falada, os elementos socioculturais do meio rural remanescente de quilombo sul-mato-grossense, no caso Furnas da Boa Sorte;
2. Verificar quais dos fenômenos lingüísticos de ordem fonética, lexical e

morfossintática são mais ocorrentes na comunidade de fala, apresentando as explicações possíveis;

3. Proceder a uma análise quantitativa dos dados destes fenômenos para evidenciarem-se os mais relevantes de cada aspecto;
4. Constatar se, nos momentos de atualização da fala, a aplicação da regra, vale dizer, se a variação lingüística é mais ocorrente que a construção regular;
5. Observar se, dentre os fenômenos variáveis estudados, quanto à aplicação da regra (desvio), pôde se constatar, ou não, algum fenômeno lingüístico que evidencie a inovação ou evolução da língua, reminiscências de elemento africano e do português europeu.

A comunidade de fala traduz-se no alvo principal da Sociolingüística, despertando interesse ainda maior neste trabalho, o fato de Furnas de Boa Sorte situar-se em área rural, de acesso difícil, uma vez que se formou em situações adversas de fuga dos seus fundadores da escravidão, cujo isolamento em relação às outras camadas da sociedade, aliado ao lapso temporal [dos anos 80 do século XIX]¹ até este século XXI, estabeleceu uma vertente peculiar do português falado por seus moradores, que a nosso ver não pode ficar imune a um estudo sociolingüístico.

Como maior difusionista da língua portuguesa na colonização do Brasil, o negro assimilou, a seu modo, o português, elementos das línguas indígenas, além de ter contribuído com a sua cultura e elementos lingüísticos da África na composição na nossa língua.

Por isso objetivamos que dos resultados das variáveis lingüísticas de ordem fonética, morfossintática e lexical, captadas na língua falada em Furnas da Boa Sorte, venham assomar aspectos históricos da língua e da cultura, de forma a justificar a diversidade lingüístico-cultural, como fator de identidade e poder².

A metodologia aplicada partiu, essencialmente, de entrevistas gravadas nas residências dos informantes, em fitas magnetofônicas, que foram transcritas grafematicamente de acordo com os critérios do projeto NURC (Norma Urbana Culta) de São Paulo, com as adaptações necessárias.

¹ A chegada dos primeiros habitantes em Furnas da Boa Sorte, ver Capítulo 1, p. 6.

² Poder porque entendemos que a valoração lingüística e cultural há que partir do indivíduo para a sociedade, impondo e respeitando-se para desmistificar preconceitos lingüísticos e à própria pessoa.

Além de visitas anteriores à comunidade, a série de entrevistas ocorreu em maio e junho de 2006, com 8 (oito) informantes, metade de cada sexo, de faixa etária acima de 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, selecionados de forma aleatória das 36 (trinta e seis) famílias que lá habitam entre os 150 (cento e cinquenta) moradores, todos não alfabetizados e nascidos na localidade ou nas comunidades quilombolas geminadas de São Sebastião e Caridade³.

O critério de eleger os informantes com idades que oscilou entre 58 (cinquenta e oito) e 80 (oitenta) anos, ocorreu no intuito de realizar a investigação com pessoas mais antigas do local, no afã de obter resultados mais próximos dos contextos lingüísticos manifestados pelos primeiros habitantes da comunidade.

Estabelecemos ainda como critério que os informantes não tivessem se ausentado da comunidade por muito tempo e, se casados fossem, que os cônjuges devessem ter nascidos também na localidade.

Pela própria natureza da comunidade eleita e pelos objetivos do trabalho ora proposto, não se vislumbrou estratificar a comunidade pelo fator extralingüístico de classe social, haja vista, que lá todos labutam em agricultura familiar, não havendo divisões de classe social.

Quanto à transcrição dos dados coletados, adotamos o critério de tomar para cada fenômeno lingüístico de maior relevância em cada aspecto a que este estudo se propõe – os de caráter fonético⁴, lexical e morfossintático – os fenômenos que registrassem maior número de incidências nas respostas aos quesitos aplicados aos informantes.

Obtivemos a *iotização* que corresponde a mudança da lateral palatal /ɲ/⁵ para /y/, a *apócope* que é queda do fonema ou sílaba no fim do vocábulo, o *rotacismo* com a substituição por /r/ a partir da consoante /l/, seja na posição intervocálica seja antes de consoante, e a *epêntese* com o aumento de fonema no meio do vocábulo, compondo assim, os quatro fenômenos de natureza fonético-fonológica que mais incidiram nos registros da comunidade.

Dos fenômenos de natureza morfossintáticos, dentre as questões

³ São Sebastião e Caridade são comunidades próximas remanescentes de quilombo, cujas origens estarão dispostas no Capítulo 1.

⁴ Aqui incluídos os metaplasmos mais relevantes.

⁵ As transcrições fonéticas dispostas neste trabalho foram realizadas de acordo com o alfabeto internacional de fonética (revisado em 1993 e atualizado em 1996) cuja reprodução, segundo Cristóforo Silva (2005, p. 41) foi gentilmente autorizada pela Associação Internacional de Fonética.

apresentadas, após as transcrições, observamos que a maior ocorrência variacional encontra-se situadas nos fenômenos da flexão de número da relação determinante com o núcleo do sintagma nominal, enfraquecimento do futuro do presente, flexão de número no sintagma verbal, artigo diante de antropônimos, pronome nós e a gente na conjugação do presente do indicativo, advérbio de negação, presença ou não de dupla negação.

Quanto aos fenômenos de caráter lexical, elegemos o critério de analisar os vocábulos que surpreenderam, seja no sentido variacional ou quanto a sua origem ou etimologia, sempre distinguindo dentro dos dezenove campos semânticos estabelecido pelo ALMS, cujos resultados denotam a diversidade cultural no interior da comunidade lingüística em estudo. No *corpus* semântico-lexical nos deparamos com os contextos: {*ixu*} para designar diabo (afr.); {*bucaina*} para serra (tup.); {*defrus*} para defluxão (lat.), {*camisola*} para camiseta (p.e).

Para cada grupo de fenômenos analisados, atingimos percentuais acima de 10% (dez por cento) da representatividade da comunidade para quantificar estatisticamente os resultados. A soma dos dados que compuseram o *córpus* desta dissertação resultou em 3.314 ocorrências⁶.

Como anteriormente mencionado, adotamos a linha sociolingüística variacionista quantitativa e utilizamos o pacote do software VARBRUL⁷, versão 2001, que define estatisticamente, por meio de rodagens e confrontação de elementos lingüísticos e extralingüísticos os valores percentuais de variação do arcabouço de dados de fala que foram codificados. Em síntese, o programa matemático sob a teoria da variação, mediante tabelas e cruzamentos de variantes, fornece resultados probabilísticos dos fenômenos lingüísticos.

O conjunto VARBRUL, além de revelar resultados da quantidade de variação, indicando números e percentuais, confronta fatores e grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos estabelecendo pesos relativos (frequências corrigidas), selecionando os grupos relevantes. Os pesos relativos atribuídos indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno lingüístico (variável dependente).

Este estudo também vem confirmar a assertiva de que em toda comunidade de fala há variação. Como assevera Ilari & Basso (2006, p. 241) “[...] o português do

⁶ Destas 3.314 ocorrências, 184 são relativas a ocorrências fonéticas, 257 referentes aos contextos morfossintáticos e 2.873 concernentes aos fenômenos lexicais.

⁷ O pacote de programas VARBRUL/2001 está esclarecido no capítulo das análises, a partir da p. 25.

Brasil está mudando de geração para geração [...]” e no caso da comunidade em estudo, lembrando Gilberto Freire, prosseguem os lingüistas citados, dizendo que “[...] a convivência do branco com o negro tornou o português menos áspero, pois enquanto o senhor falava ‘faça-se’, o escravo ou a mucama dizia ‘me faça’, daí o rótulo de português com açúcar” (Ibid. p. 243-244).

E se para Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 126), “[...] nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”, partimos então, do conjunto formado pelos grupos de fatores lingüísticos composto pela variável dependente e, pelo fator extralingüístico constituído, no caso, pela variável independente sexo, visando a realizar uma análise pelo viés da variação lingüística na comunidade de Furnas da Boa Sorte.

Assim, por meio deste estudo sociolingüístico procuramos, por este recorte de análise, “fotografar”⁸ fenômenos lingüísticos da fala dos moradores da comunidade, no intuito de conhecê-los, resgatá-los, como instrumentos de identificação sociocultural e de poder dos seus integrantes, cujo estágio da língua falada na comunidade, pelas condições adversas que passou e que se encontra sedimentado, possa ser alvo de novas pesquisas, para se compreender e respeitar as diversidades regionais, culturais e lingüísticas independentemente da origem de seus entes. Em suma, como constata em Oliveira e Durigan (2004, p. 52), “não existe hierarquia de conhecimento”.

Realizamos este estudo variacionista, com o propósito de registrar a diversidade lingüística e cultural de Furnas da Boa Sorte, para o registro fiel dos sentimentos dos seus habitantes, no intuito de desmistificar a questão das “diferenças”, valorizando as suas maneiras de ser e compreender o mundo, nos diversos domínios da vida social.

⁸ Expressão emprestada de Fernando Tarallo (Org.), *Fotografias Lingüísticas*, 1989.

CAPÍTULO 1. SITUAÇÃO HISTÓRICA

Furnas da Boa Sorte é uma comunidade rural composta de 150 (cento e cinquenta) pessoas entre 36 (trinta e seis) famílias remanescentes do quilombo, situada no Município de Corguinho, região central do Estado do Mato Grosso do Sul. Conforme se colhe do Relatório Antropológico, de agora em diante RA⁹, tornou-se local de isolamento devido à posição geográfica privilegiada tanto em virtude da conformação sinuosa do terreno que compõe a Serra de Maracaju, como por encontrar-se no chamado *caminho das águas da rota de vacaria*¹⁰ e da Fazenda Taboco, apossada no século XIX, por José Alves da Costa [coronel Gegé e depois seu filho coronel Zelito], foragido da revolução, caminho este, também percorrido por brasileiros da força expedicionária no ano de 1865 e, no mesmo período, pelos paraguaios durante a guerra do Paraguai, período este marcado historicamente pelas revoltas e guerras ocorridas antes da abolição do escravismo.

Na época, o império adquiria milhares de soldados escravos [alforriando-os, pela lei de 06-11-1866] para engrossar as fileiras do exército brasileiro que nessa situação anômala, as relações escravistas sofriam certo afrouxamento propiciando as fugas.

Pela história oral dos informantes mais idosos de Furnas da Boa Sorte, os primeiros habitantes da comunidade chegaram por volta dos anos 80 (oitenta) do século XIX, período anterior à Lei áurea de 13 de maio de 1.888, situação que justifica a fuga da escravidão e a intenção de isolamento.

Pelas respostas ao questionário do ALMS e pelo próprio RA, os informantes revelam nas entrevistas que os primeiros moradores vieram dos Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; que o coronel Zelito da Fazenda Taboco foi de grande valia para os fundadores Bonifácio Lino Maria, José Matias Ribeiro e Gabriel Lourenço Alves, no requerimento dos títulos de posse da área de Furnas de Boa Sorte, São Sebastião e Caridade, consideradas simplesmente como Furnas da Boa Sorte.

⁹ RA da Fundação Palmares no projeto de titulação da gleba de Furnas da Boa Sorte.

¹⁰ Rio Anhembi (hoje Tietê) – rio Grande (hoje Paraná) – rio Pardo – rio Anhandu – Serra de Maracaju – córrego Varadouro (no atual município de Terenos-MS – rio Aquidauana – rio Miranda – rio Paraguai – rio Cuiabá, RA.

1.1 ETNIA

No grupo social pesquisado, devido à ancestralidade escrava e a convivência sócial e geograficamente delimitada, mesmo que de sistema lingüístico contemporâneo com o meio urbanizado, constata-se uma maneira peculiar de perceber o mundo, relatada anteriormente por Adam Schaff (1974, p. 109) na *hipótese de Sapir-Whorf*, assim se expressando:

[...] é possível examinar mais objetivamente os dois pensamentos da hipótese de Sapir-Worf, contidos nos passos até aqui citados:

1) a linguagem é um produto social, e o sistema lingüístico definido, no qual fomos educados e pensamos desde a infância, influencia a nossa maneira de perceber o mundo que nos rodeia;

2) em razão das diferenças ente os sistemas lingüísticos, as quais são o reflexo dos diferentes meios em que nasceram esses sistemas, os homens percebem diferentemente o mundo.

Como no caso da comunidade de fala de Furnas da Boa Sorte, a “transfiguração étnica” — descrita por Ribeiro (1995, p. 257) — tem “[...] origem nos primórdios da escravidão e atinge a própria língua dos seus ancestrais com a imposição e necessidade de comunicação” perpassando por pidgins, crioulos até tomar corpo a língua dos escravos, atualmente dos quilombos, que perfaz um recorte do português do Brasil, cuja visão de mundo dos seus informantes neste viés sociocultural se vislumbra, por exemplo, na grande incidência das variações fonético fonológica, morfossintática e semântico lexical em face das construções regulares.

Os moradores da Comunidade de Furnas da Boa Sorte em razão das adversidades com que foi habitada, ainda hoje conservam uma identidade étnica do que restou do período colonial, sem extravasar desejo de autonomia, mas dignos de merecerem esse reconhecimento pela sociedade, não apenas como substrato cultural que a Carta Magna e as Leis querem preservar, mas como pessoas humanas que compõem a etnia do Brasil.

1.2 CULTURA

“A língua é a arte mais ampla e maciça que se nos depara cúmulo anônimo do

trabalho inconsciente das gerações”. Sapir (1971, p. 216). E conforme o RA¹¹, a memória oral de Furnas da Boa Sorte, “[...] refere à noite de bailes, com a catira, engenho–novo, rasqueado e siriri eram os sons das violas e danças preferidas [...]”.

Em narrativas recentes dos informantes¹² são manifestos os traços culturais da geração passada:

[...] meu pai era... eli era... eli era um carrerista... fazia carrera i tocava sanfona... sanfoneru violeru i eli era também assim uma pessoa... eli sirvia assim pras pessoa assim... essa genti assim qui dá aula assim... professori [...]

Observamos, nas narrativas efetuadas em 14.05.2006, a aceitação e convívio com melodias e ritmos diversificados, ficando configurada a influência das fronteiras do Estado com o Paraguai e da cultura musical do Rio Grande do Sul, como se colhe das respostas dos informantes dos membros da comunidade, ao serem questionados quanto às músicas e danças mais presentes nas festividades:¹³ “Xoti, varsa, ranchera, porca paraguaia e vanerão” e “chamamé, sertanera, vanerão, vanera”.

No que se refere à cultura de convívio, oportuno trazer a narrativa de uma informante¹⁴:

[...] cunheci eli guri já chucru... mais eli qui foi mi procurá né ieu eu não ((risos)) primera coisa qui eli... qui eli agradô meu pai muito tempu... ((risos)) levô farinha levô um ba:::ita dum frangão pu sogu né... pá agradá u vei... puque u meu pai... si u senhor cunhississi eli... sinho podia bem contá pa todú mundu qui qui era aqueli vei... senhor pensa... pa fia deli namorá... eu vô ficá grudadu aqui juntinhu... não sinhô... du jeitu qui nos tá qui ó... si achava qui bem bem... si nun achassi... precurava rumu [...]

[...] graças a deus mais agradeçu... du jeitu qui meu pai mi criô eu agradeçu muito... há... tem moça aqui genti vê... já mocinha qui não sabi nem custurá nem fazê as coisa... aqui já tá di braçu dadu é bejanu é coisa... deus mi livi... não não [...]

¹¹ Dança com coreografia de origem africana, comum em Minas Gerais, Goiás e interior de São Paulo. É oportuno lembrar que a memória oral refere à origem dos primeiros habitantes que vieram de Minas Gerais, RA, p. 57.

¹² Informante n. 8 (cf. item 3.1, p.28) nas narrativas de 14.5.2006.

¹³ Músicas Sul-mato-grossenses tocadas em rádios locais, a influência da fronteira e da cultura gaúcha.

¹⁴ Informante n. 4 (cf. item 3.1, p.28) nas narrativas de 15.5.2006.

[...] eli mi cha eli mi falava pra mim... vá fazê issu aqui pra mim... eu ia... nunca rispundi... nunca sai pisanu duru não...

Malgradadas as adversidades sofridas pelos ancestrais do povoado de Furnas da Boa Sorte e a transfiguração cultural que no dizer de Ribeiro (1975, p. 258) é “[...] morrer ou renascer através de alterações estratégicas que tornem a sua sobrevivência maleável [...]”.

Ao discorrer a questão étnica, Ribeiro (1995, p. 258) descreve a transfiguração psicocultural que:

Pode dizimar populações retirando-lhes o desejo de viver [...], como vimos ocorrer com o negro, que, refugiando-se num quilombo, reconstitui a vida que aprendera a viver no núcleo colonial de forma a readquirir sua dignidade e possibilitar sua sobrevivência.

Nos últimos anos, com o fenômeno da globalização que acirra as manifestações sociais com o surgimento das ONG's¹⁵ politizadas, rompem preconceitos e multiplicam-se as ações de âmbito Municipal, Estadual e Federal; intercâmbios culturais como o Quilomboaxé e Setas para adolescentes e crianças, que se prosseguirem com uma frequência maior, contribuirão para intercomunicações de grupos e trocas de experiências no meio urbano das crianças e jovens moradores de Furnas da Boa Sorte. A propósito Bennett (19-?) acrescenta que há dois tipos de cultura:

A cultura objetiva e a cultura subjetiva. Cultura Objetiva consiste nas manifestações produzidas pela sociedade, como literatura, música, ciência, arte, língua, enquanto estrutura, entre outras; seria o produto concreto criado pela sociedade. **Por outro lado, a Cultura Subjetiva pode ser encontrada em manifestações abstratas, como valores crenças e no uso da língua, levando a uma competência intercultural.** (negrito nosso)

1.3. ECONOMIA

Deste a fundação de Furnas da Boa Sorte, no último quartel do século XIX,

¹⁵ Organizações não governamentais.

prevalecia a agricultura de subsistência com o plantio de arroz, feijão, milho, mandioca e cana de açúcar, além da criação de animais domésticos; e a partir de 1930 houve a fragilização da vida comunitária em razão do ciclo da mineração que atraiu os negros da comunidade, o que culminou com a criação do Distrito de Corguinho na época pertencente ao município de Aquidauana-MS, ficando a lavoura de subsistência na responsabilidade das mulheres e crianças.¹⁶

Por volta de 1950 ocorreu o efeito inverso, a decadência da mineração e a expansão da agricultura, com a valorização das terras, mormente em razão da divisão do Estado de Mato Grosso em 11 de outubro de 1977 e a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, permaneceu a comunidade na lavoura de subsistência aumentando a relação de dependência aos fazendeiros vizinhos quanto a trabalho, saúde, escola, transporte, burocracia do Estado em relação à legalização das suas terras, que culminou em vender mão de obra a custo reduzido para complementar a renda familiar, instituindo assim o clientelismo.¹⁷

Depois da outorga dominial das terras ocorrida em 2003, com a obtenção de alguns maquinários para a agricultura, ainda que com o reforço de pacotes assistenciais, a economia da comunidade continua sendo de subsistência.¹⁸

Furnas de Boa Sorte utilizando-se de matéria prima local continua produzindo de forma artesanal trançados de folhas de palmeiras, apás, peneiras, balaies, cestas; objetos em madeira como pilões, colheres-de-pau, mão-de-pilões e até pouco tempo, também com madeiras fazia-se jiraus, estrados para dormir; do capim seco fazia-se colchões para camas; da paina, o travesseiro; produção de farinha de mandioca, rapaduras, doces, tapetes, bolsas; do barro faz-se potes e panelas, além da pintura em cerâmica e pedra.¹⁹

Mesmo assim, a agricultura de subsistência e os produtos artesanais, ainda não são suficientes para garantir as necessidades básicas das famílias, circunstância que está gerando a migração de famílias e jovens para os centros urbanos em busca de melhor perspectiva de vida.

¹⁶ Conforme RA.

¹⁷ RA, p. 82

¹⁸ Observações nossas obtidas informalmente quando das gravações na comunidade.

¹⁹ Informações encontradas no RA e nos projetos SEPPIR e SETAS, conforme R. Bibliográficas.

1.4 RELIGIÃO CRENÇAS E OUTROS.

Os rituais de matriz africana ainda estão muito presentes na vida e na memória da comunidade de Furnas da Boa Sorte. Até pouco tempo conforme se colhe no RA, um informante revela que acende vela para o “Zé Pilintra”, dizendo:

Finado Modesto trabalhava com finado Gabriel, eles recebiam entidade: Preto Velho, Pai Xangô, Rompe Mato, Veado. Eu tinha uma irmã que o finado Gabriel queria casar com ela. Ela não quis. Fizero um trabalho pra ela. Ela ficou na cama. Atrás do quarto era só mosca. Mas mosca mesmo. Fui noutro que entendia. Ele me disse: ali no paiol tem milho, ali o cocho deixa seu animal. Pode soltar o animal, ce posa. Vô arruma um remédio procê. No outro dia quando acordei ele já tava acordado. Trouxe meia garrafa: cê leva esse aí, dá uma xícara para ela. Mas quando chega lá ela já ta boa. Quando cheguei tava mesmo. Dei o remédio. Ele disse que sexta-feira ia na minha casa: cê ta no meio da trempe. Cê é um coitadinho, o porco ta é bom. Foi lá, fez o trabalho, depois disso melhorou todas as coisas.

Durante a coleta de dados, foi contado por um informante²⁰ um fato curioso que revela matriz Africana:

frangu é eli pegô pra criá na meia as galinha... ai quandu foi pa reparti fico u frangu pra trais... eli u homu feis feitiçu pra eli ... eli fico muito runhin... i faleceu... i u homi si mandô cum as galinha qui era deli... daí meu pai falo assim depois i nos pega u otu frangu cê vem buscá... nun vei nada... foi fazê é feitiçu.

Quanto ao culto a lemanjá que nos grandes centros, até substituiu o Papai Noel na comemoração do último dia de ano, não se tem informações em Furnas da Boa Sorte onde a religiosidade situa-se mais no cristianismo entre o catolicismo e a igreja protestante, conforme relato que segue:

Sôbra a religião nois era catórcu daí cum inpaçu di tempu.. pareceu a essa religião apostólica nos achemu fundamento nela ai dechemu da catolca passemu pa religião postolica... i na religião apostolica nois vamu ficá... ali é crenti religiao crenti... inclusiv e eu tenhu um filhu qui passo pa religião crenti ... puquê eli bibia munhintu intão eli passô pá religião... puque tinha... um pareci qui uma coisa qui acumpanhava eli ... pa fazê bebê.

²⁰ Informante n. 3 (cf. item 3.1, p. 28) nas narrativas de 14.5.2006.

A morte como momento da existência do ser em passagem de um ciclo para outro segue ritual, sem conotação aflitiva de fim ou tragédia, cujos velórios seguem um misto de rituais africanos com o catolicismo, como colocar-se água em baixo do caixão, varrer a casa no sentido fundo-frente para que o defunto saía e a morte não contaminem os vivos. Ao sair o velório, com oferendas ao morto acendem-se velas e leva-se água ao cemitério, cumprindo o ritual da sexta feira maior. Os antigos dizem que levavam até comida para o cemitério.

Ao dar a luz, a mulher fica “de cócoras” e recebe a ajuda da parteira e do marido. A placenta, que é a dona do corpo, enterra-se embaixo da cama ou no terreno da casa. O cordão umbilical após cortado com tesoura tem seu sangue estancado com o cabo de um garfo bem quente. A tesoura é colocada em posição de cruz embaixo da cama durante sete dias. Logo na primeira lua nova a mãe segurando a criança ergue-a mostrando à luz dizendo: “lua nova, luá, olha esta criança e me ajuda a cria”, conforme RA.

O sol é cultuado como fonte de vida, proteção, defesa, restauro e cura, de modo que, as portas das casas abrem para o nascente. Onde há sol, as sombras se afastam. Há remédios para curar a alma, o “mar-olhado”, como no caso da guiné. As plantas ligadas ao sobrenatural, o quiabo na frontal do terreiro e o algodão na parte posterior, o pau de quiabo e o algodão é defensivo de “bichos” sobrenaturais.

Nas “roças de toco”, após as desmatas, as queimadas eram realizadas no momento mais apropriado, 24 de agosto “dia de São Bartolomeu”, protetor dos ventos porque os perigos seriam menores.

Após o plantio havia e talvez ainda haja um ritual de jogar o restante da semente no mato. A cerca de arame protege a roça dos animais maiores só não protege da amargosinha.²¹ Na colheita, antes de se retirar os alimentos da roça deixam-se um punhado dos grãos colhidos em três dos quatro cantos da roça. O alimento deixado de presente para a mãe natureza, num rito de oferenda de primícias, simboliza agradecimento pelo resultado do trabalho, como expectativa de fertilidade da terra no ano vindouro, renovando-se o ciclo agrário anual.

²¹ Conhecido em outras regiões por pássaro preto, arranca milho, arumará e chupim, conforme RA.

1.5 POLÍTICA

Não obstante a Constituição Federal de 1988 ter reconhecido o direito às terras de Furnas da Boa Sorte entre outras, e a conseqüente titulação em 2003, ainda assim subsiste a questão interna de poder ou não explorar a área individualmente, ou se tal atividade é coletiva, o que está gerando facções e divisão de grupos na comunidade.

Furnas da Boa Sorte está na sexta geração desde os seus primeiros moradores; possui luz elétrica, água encanada, alguns utilizam telefones móveis sem fio, e contam com a escola Padre José de Anchieta para o ensino fundamental.²²

Mesmo assim, o ensino obrigatório ainda não está direcionado para as atividades econômicas e culturais da comunidade, tal como formação de técnicos para a agricultura mecanizada. Por isso, titular a área para a comunidade e entregar maquinário para as atividades ainda que com acompanhamento técnico de Órgão Estatal, isso não parece ser o suficiente, porque de “Sem Terras” não se trata, o que há é uma enorme situação de dependência de gestão, informações, técnicas que sugerem estudos de vocação local para a criação de uma cooperativa que poderá envolver a capacitação de pessoas que residem na localidade para conduzir as atividades.

Todavia, a atividade econômica não caminha a sós, porque haverá de ter soluções para fixar as crianças e adolescentes na comunidade, envolvendo além da escola, esporte, cultura e lazer, do contrário não haverá a preservação cultural estampada na legislação, com tendência de se tornar habitada apenas por pessoas idosas, enquanto os jovens continuarão migrando para os centros urbanos em busca de melhores perspectivas.

1.6 COMENTÁRIOS

Ao nosso sentir, o que mais chama a atenção no projeto de dissertação da variação lingüística de Furnas de Boa Sorte é a receptividade dos informantes e demais membros da comunidade quando das gravações *in locu*.

O *Corpus* constante deste trabalho revela a riqueza e a imensidão cultural com que os descendentes de africanos ainda contribuem com a nossa história, cultura e língua, demonstrando mesmo, que “cultura não tem hierarquia”. E a partir dos dados

²² Conforme RA , 1997 p. 38.

fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos coletados na fala de Furnas da Boa Sorte, constatamos diversos fenômenos lingüísticos que descrevemos e analisamos. Nesse propósito, entendendo “[...] a língua como espelho da alma popular e numa concepção histórico-social”, Marcelesi (1975, p. 27) descreve:

O caráter social da língua é acentuado pela importância da história numa concepção que põe em relevo a idéia de depósito, de acumulação de experiência. A língua torna-se assim uma espécie de memória coletiva do povo que a fala, e isso não propriamente por o discurso provir de um passado, mas porque é todo esse passado que nele se reflete.

CAPÍTULO 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA: ORÍGEN.

Desde tempos mais remotos, a língua vem sendo objeto de acurada análise por especialistas. A partir da visão estruturalista de Saussure e do gerativismo iniciado por Chomsky, os quais se voltaram para a análise da língua enquanto modelo abstrato, apesar das suas sempre atualizadas contribuições, seus estudos, não relaciona a língua com as suas variações e mudanças em face da heterogeneidade da sociedade, vale dizer, mantiveram fora das suas análises *a estrutura da sociedade e sua história*. Ao oposto disso, a partir da década de 70 (setenta), mormente com Wilian Labov, que se dá cientificidade aos estudos variacionistas; *a variação e a mudança* passam a serem os objetos centrais dos estudos de descrição da língua a partir de dados coletados da fala dos indivíduos.

Para isso, a sociolingüística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, afastou as dificuldades apontadas por muitos lingüistas: *a agramaticalidade do discurso, a variação na fala, as dificuldades do registro e as limitações do corpus*. Afirmando Labov (1972 apud MONTEIRO, 2000, p. 31), quanto a agramaticalidade “[...] nos diversos estudos empíricos que realizou a grande maioria dos enunciados é constituída de frases corretamente formada segundo todos os critérios”.

A reprodução do falante que numa análise superficial poderia ser taxada de agramatical, para a sociolingüística há que se considerar a situação em que esse discurso é produzido. A *competência* está correlacionada a um conjunto de oposições funcionais que oferece múltiplas possibilidades de realização e que o *desempenho* do falante está correlacionado à *situação* em que o discurso é produzido, por isso diz Tarallo que *“a língua é situacional”*.

A *variação na fala* ou as diversas formas lingüísticas para se dizer a mesma coisa para a análise laboviana (1972, apud MONTEIRO, 2000, p. 32) é muito mais freqüente do que se imagina e ocorre em todos os níveis, pois “[...] um mesmo fonema se realiza em alofones distintos, um único referente nem sempre é designado por um só e mesmo vocábulo e as estruturas sintáticas geralmente apresentam alternâncias”.

Assim, foi dissolvida a suposta associação entre estrutura e homogeneidade,

porquanto, Labov por sua metodologia, consegue dar um tratamento coerente a essa questão, comprovando que o caos aparente dos *discursos individuais* está sujeito a sistematização e análise. Posição que também é sustentada por Beline (2002, p. 127-128), ao dizer que “a variação pode chegar até o nível individual”.

As *dificuldades do registro*, Labov as superou com a adoção de técnicas, como propor questões que levem o informante a reproduzir emoções fortes que já tenha experimentado alguma vez, como perigo de morte, temas que quase sempre fazem esquecer o estilo cuidado e a fala se torna mais espontânea.

As *limitações do córpus* na pesquisa sociolingüística ocorrem muitas vezes porque a tarefa é coletar dados com frequência adequada, por isso usa-se um questionário direcionado para as respostas que se deseja obter ou com narrativas de experiência pessoal em que o discurso se torne espontâneo.

Portanto, a alternativa teórica introduzida por Labov, na década de 1960, resolve problemas da estrutura lingüística, bem como postula que a heterogeneidade é inerente ao sistema lingüístico, concebendo sua análise a partir de um conjunto de formas que se manifestam no contexto social, estabelecendo que a língua é constituída por fenômenos lingüísticos e extralingüísticos. Neste contexto, afirma Calvet (2002, p. 58), “[...] uma das descobertas da sociolingüística é que a função de uma língua pode ter influência sobre sua forma”

2.2. A VARIAÇÃO NA ORALIDADE.

Parte-se do princípio de que todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, vale dizer são heterogêneas, encontrando-se assim na língua, na comunidade de fala e, retornando a Beline (2002, p.127-128) “[...] no mesmo indivíduo”, produzindo formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe, morfossintaxe, do subsistema fonético–fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

A Heterogeneidade lingüística no compasso do multilingüismo e do bilingüismo do Brasil que remonta ao período colonial com índios e africanos, cujo afro descendência compõe o *córpus* de Furnas da Boa Sorte, são reveladores da diversidade cultural e lingüística, aferível na oralidade dos informantes, constatada

nos fenômenos variáveis. A propósito afirma Edward Sapir (1929 apud BELINE, 2002, p. 121):

É justamente porque a língua é um tipo de comportamento estritamente social, assim como tudo numa cultura, e também porque ela revela, em suas linhas gerais, regularidades que só o cientista tem o hábito de formular, que a Linguística é de estratégica importância social. Por trás de uma aparente ausência de regras do fenômeno social, existe uma regularidade na sua configuração que é tão real quanto aquela dos processos físicos do mundo mecânico... Uma língua é sobretudo um produto social e cultural e como tal deve ser entendida... É peculiarmente importante que os lingüistas, que são freqüentemente acusados – e justamente acusados – de falhar em olhar mais além dos padrões da sua matéria de estudo, tornem-se mais conscientes do que a ciência pode significar para a interpretação da conduta humana em geral.

A propósito da teoria laboviana, proscreeve Camacho (2000, p. 57) que “[...] a Sociolingüística trata da estrutura e da evolução da linguagem encaixando-a no contexto social da comunidade”. A par disso, sustenta Labov (1972 apud CAMACHO 2000, p. 55):

A existência de *variação* e de estruturas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar...a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores lingüísticos básicos. Alegamos que é da ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional.

Apesar do que já foi exposto, partimos do pressuposto de que nem todos os fenômenos das línguas estão sujeitos a variações, por “[...] comporem regras gramaticais categóricas ou invariantes, que não podem ser infringidas, como em português e outras línguas em que o *artigo sempre antecede o nome*”, conforme Monteiro (2000, p. 58). De outro vértice, as variáveis aparecem em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende tanto de fatores de ordem interna como de fatores de ordem social, como veremos em Furnas da Boa Sorte.

Assim, para Mollica (2000, p. 11), “[...] variantes são as diversas formas

alternativas que configuram um fenômeno variável tecnicamente chamado de variável dependente” [...]. Sustentando ainda a lingüista que:

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. [...]

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)

Assim, à Sociolingüística cabe investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação na comunidade, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos lingüísticos alternativos e prever o comportamento regular e sistemático da linguagem utilizada nos diversos contextos sociais. Nesse sentido sustenta Calvet (2002, p.73):

Mas, em face da variação, temos atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros.

Por conseguinte, as formas não prestigiadas geram preconceito lingüístico ou com o próprio falante, principalmente se há, em tais formas, uma identificação com as classes sociais discriminadas social e culturalmente, no entanto salienta Monteiro (2000, p.65):

À proporção que passa a ser usada por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se a variante é aceita pela classe dominante. É o que está acontecendo com o emprego do pronome *e/le* em função de objeto direto.

Pode ocorrer ainda, salienta Taralo (1985, p.13-14), como resultado aparentemente contraditório de uma pesquisa de campo em que uma variante conservadora não padrão represente na língua um importante fator de identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade, como é o caso da pesquisa de Labov em 1963, na ilha de Martha's Vineyard no Estado de Massachusetts (USA), “[...] quando as duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal-núcleo dos ditongos /au/, como em *house*, e /ay/, como em *right*, de centralização dos ditongos”. Ou seja, prossegue Tarallo, (Ibid.) “[...] ressentidos da invasão dos veranistas, os moradores da ilha passam a ter atitudes lingüísticas, de demarcação de espaços e manifestação cultural e de grupo”.

Ao procurar estabelecer os limites da variação, Fiorin (2002, p. 124-128), diante da indagação de “até que ponto as línguas variam”, imediatamente lembra a lição de Saussure de que “o ponto de vista cria o objeto”, e que portanto, é a partir da definição de língua para cada lingüista variacionista que se delimitará o tipo de investigação a ser feita. E remata Fiorin (Ibid.) afirmando que “[...] a opção científica de que a língua é um sistema inerentemente variável não exclui a possibilidade de ver a língua como um sistema homogêneo, em que a variação ocupa um lugar não central”.

Admitindo que a variação lingüística possa chegar ao nível individual, repisemos, é no contato com outros indivíduos que ele encontra limites para a sua variação individual, do contrário estar-se-ia diante do caos ou da *anarquia lingüística*. Por isso a importância da comunidade de fala, para as pesquisas variacionistas, que conforme Guy (2001 apud BELINE, 2002, p. 128-129), “[...] é formada por falantes que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros; e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem”.

Como ocorre em Furnas da Boa Sorte, a falta de contato lingüístico com outras comunidades favorece o desenvolvimento de diferenças lingüísticas. Tendemos a falar *como* aquelas pessoas *com quem* mais falamos. Por isso, as atitudes lingüísticas estão delimitadas por fronteiras sociais e geográficas. Mas como as formas variáveis chegam ao nível individual, pelo vasto campo da competência do informante, do ambiente contextual e situacional de fala, na análise de Belini (2002,

p.130), necessitamos saber “[...] o quanto se é diferente e o quanto se é igual”, por isso, para estudar a variação lingüística, é preciso o modelo de análise que opera com quantidade de dados, para se constatar com qual freqüência o uso da variável ocorre na fala dos informantes da comunidade de fala constantes do *corpus*.

Quanto à importância da sociolingüística e mais especificamente dos estudos variacionistas e por assim dizer das comunidades de fala sustenta Labov (1972, apud CAMACHO, 2002, p. 67), que:

As penalidades por ignorar dados da comunidade de fala são a sensação crescente de frustração, a proliferação de questões sem solução e a convicção de que a Lingüística é um jogo em que cada teórico escolhe a solução que melhor se adapta a seu gosto ou intuição.

Entre nós, dada à importância dos estudos da língua falada, prossegue Camacho (2002, p.66):

A história contemporânea da Lingüística aponta para mudanças significativas em direção da descrição da língua viva, falada. Vale observar que, no Brasil, os pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado, coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho, da USP, têm-se debruçado sobre a observação direta do oral com o objetivo final de fornecerem uma gramática de referência dessa modalidade de linguagem.

2.3 A VARIÁVEL E AS VARIANTES LINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS

Os fenômenos variáveis são observáveis no plano horizontal (geográfico) e no plano vertical (social), podendo igualmente ser estudados tanto na ordem sincrônica quanto na ordem diacrônica. As variáveis lingüísticas podem ser analisadas sob os aspectos fonológico, sintático, lexical e semântico, entre outras. No dizer de Tarallo (1985, p.8):

Variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística [exemplo: a marcação do plural no sintagma nominal], a

variante (1) é a presença do segmento fônico /s/ e a variante (0), em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero”.

As variáveis extralingüísticas são gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, entre outras. A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação lingüística explica Paiva (2003, p. 35) “[...] tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes lingüísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala”. As comunidades ocidentais entre as mulheres possuem tendência a conservar as formas padrões e, “nas comunidades muçulmanas” conforme estudos de Haeri (1978 apud PAIVA, 2003, p. 35) “[...] a variante uvular de prestígio do árabe literário predomina entre os homens e as formas não prestigiadas entre as mulheres”, de modo que, ainda que os padrões de correlação possam diferir, eles “[...] refletem mais do que diferenças biológicas, *diferenças no processo de socialização* e atribuições que homens e mulheres exercem no seio familiar da comunidade”.

No caso da alternância entre as formas *nós* e *a gente* para a expressão da primeira pessoa do plural, o uso do pronome *nós*, variante mais conservadora, é mais freqüente entre os homens, indicando que “[...] a implementação da variante inovadora, *a gente* está sendo liderada pelas mulheres” conforme Omena (1996 apud PAIVA, 2003, p. 36), demonstrando que, “[...] em muitos processos variação e mudança lingüística, não há uma polarização evidente entre a variante de prestígio e a variante não prestigiada”.

Na variável faixa etária, pode se dizer que homens e mulheres mais jovens apresentam grande semelhança de comportamento lingüístico, enquanto homens e mulheres mais velhos tendem a apresentar diferenças mais notável, principalmente em construções lexicais e sintáticas.

Por isso na perspectiva laboviana, denominada *tempo aparente*, Monteiro (2000, p. 77) diz que “[...] é possível realizar um estudo da mudança mediante a observação do comportamento lingüístico de falantes de diversas faixas etárias”. No entanto “[...] somente uma análise em tempo real esclarecerá se realmente se trata de uma mudança lingüística ou se o fenômeno consiste numa variação própria da gradação etária (*age grading*)”. Por isso, com base na teoria Laboviana, adverte Monteiro (2000, p. 77):

Se os falantes modificam um habito lingüístico durante suas vidas, mas a comunidade como um todo não modifica o padrão, é claro que não se trata de mudança lingüística. Pode no caso ocorrer uma variação estável. É importante ter em mente que toda mudança pressupõe variação, mas a recíproca nem sempre é verdadeira.

A variável *classe social* sofre a influência de fatores históricos, políticos, econômicos em falantes de uma comunidade. Chambers (1985 apud MOLLICA, 2003, p.30), julga que:

Classe social é o aspecto mais marcado linguisticamente nas nações intensamente industrializadas e a estratificação social pode ser observada com base em indicadores ocupacionais, educacionais e econômicos.

No Brasil é tarefa complexa categorizar e delimitar uma classe social, conforme afirmam Paiva & Schere (1999 apud MOLLICA, 2003, p. 30), que:

A busca de variáveis sociais não convencionais para o entendimento da variação lingüística numa sociedade tão complexa como a brasileira, em que a categorização por classe social segundo parâmetros como renda, local de moradia, escolarização e profissão não é claramente delimitada, tem motivado o controle de aspectos mais sutis da ambientação material e cultural dos indivíduos e do seu grau de integração aos valores veiculados pelos meios de comunicação de massa. Concebidas na forma de escalas que controlam a relação quantitativa e qualitativa dos falantes com os produtos culturais (como mídia televisiva e escrita, cinema, teatro e outros) sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno (apartamentos, carros, telefones, viagens etc.) e suas expectativas em relação ao futuro, variáveis como bens materiais, bens culturais e motivação vêm insinuando uma outra forma de exame de variação sociolingüística. (...) Conjugadas com variáveis mais convencionais, como idade, sexo, escolarização, essas variáveis mais refinadas permitem detectar tendências divergentes no interior da mesma comunidade de fala (...) revela-se, portanto, estreita correlação entre a complexidade social e os processos de variação.

A variável escolaridade, assim como as outras variáveis, dependendo do ponto de vista do sociolingüista possui peso particular na pesquisa e na obtenção dos resultados, uma vez que quanto menor o grau de escolaridade maior será o índice de

variantes “não padrão”, considerando-se ainda o “ambiente, grupo de referência”, como assinala Bortoni-Ricardo (2004, p. 49) [pessoa com quem o informante não interage fisicamente, como em programas de rádio], e “experiência vicária do informante” [adquirida ouvindo programas de rádio e televisão].

Votre (2003, p. 51) analisa a variável escolaridade buscando os seus efeitos e as correlações entre variação, continuidade e mudança lingüística, estabelecendo algumas distinções no interior de categorias presentes na dinâmica social em que interage a escola, como a forma de prestígio social e forma relativamente neutra e ao fenômeno socialmente estigmatizado em face do fenômeno imune à estigmatização. “Essa competição de fatores regidos pela imposição da regra padrão, interage contra a variação e conseqüentemente retarda a mudança lingüística”. Mas, “[...] o alto grau de escolaridade numa comunidade, também não significa imunidade à variação lingüística” e, como bem acentua Labov (1975 apud SCHERRE, 2005, p. 66), que “[...] quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir”, vernáculo este que nem sempre coincide com as formas codificadas pela tradição gramatical, às vezes consideradas como as únicas formas legítimas por parte de muitos legisladores e usuários da língua.

E a variação lingüística ora perquirida, para usar a expressão de Scherre (2005, p. 43) está na “[...] língua real — sistema transmitido de geração em geração em circunstâncias naturais — é de riqueza e de complexidade ímpares, que ainda não se deixou descrever nem explicar na sua totalidade”.

2.4 O MÉTODO DE ANÁLISE VARIACIONISTA

Labov estabeleceu a ruptura em relação aos modelos dialetológicos anteriores e aos modelos estruturalistas vigentes na época a partir de uma concepção de língua com um sistema heterogêneo ordenado, condição *sine qua non* para o estudo da mudança lingüística. Ao identificar a mudança como a face sincrônica da variação, rompe com a fronteira entre sincronia e diacronia o que permite a compreensão de mudanças já completadas.

O método estatístico desenvolvido por Labov foi intitulado de *sociolingüística*

quantitativa, por operar com um programa estatístico que permite, com eficiência, o estudo da variação da língua de uma comunidade de fala, revelando tendências e correlações inerentes à massa de dados lingüísticos, e validá-los, dentro de um grau de certeza.

A língua de uma comunidade inteira pode ser estudada partindo da fala de alguns de seus membros, pois os pesos que vão definir os usos de formas variantes pelos falantes são os mesmos pesos relativos que definem a comunidade de fala, ainda que possa haver diferenças nas quantidades de dados de cada falante, dentro do quadro geral da variação.

Conforme Monteiro (2000, p. 96) O princípio básico é o de que “[...] a ocorrência ou não de um determinado fato lingüístico, se deve a um leque de condicionamentos, quer de ordem estrutural quer de ordem social”. Mas a participação desses fatores dificilmente será uniforme: “[...] todos terão uma probabilidade de ocorrência específica e poderão atuar conjuntamente, “[...] alguns deles agindo no sentido de favorecer a aplicação da regra, enquanto outros pressionando na direção contrária”. A análise da interação dos grupos de fatores determinará o peso relativo de cada um deles e informará quais os que, tendo pouca ou nula interferência no fenômeno em questão, são, por isso mesmo, considerados estatisticamente irrelevantes.

Em síntese, a língua falada em suas realizações naturais e espontâneas, é o objeto principal da sociolingüística e a formulação coerente das hipóteses dará ao pesquisador respostas confiáveis.

CAPÍTULO 3. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

De posse dos resultados obtidos estatisticamente por meio de software VARBRUL/2001, a interpretação dos dados é o momento mais importante da pesquisa, porque se traduz na representação científica do acervo lingüístico e sociocultural da comunidade, no caso ora tratado Furnas da Boa Sorte.

Os dados concretos de fala, aparentemente caóticos e confusos, a partir da associação de fenômenos estruturais e sociais, permitem uma compreensão da língua em sua dinamicidade. Pois como assinala Monteiro (2000, p.105), “[...] sistematizar as situações de heterogeneidade é a tarefa que deve ser levada a termo para se descrever a língua como um instrumento de comunicação”. Daí a questão enfática de Tarallo (1985, p.6):

Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação lingüística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Além disso, o cruzamento dos dados, o formal e o funcional, assim como o interno e o externo, o social e o não social, nos permitem analisar aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos mais importantes da comunidade de Furnas da Boa Sorte, mediante análise quantitativa, por meio do software VARBRUL/2001.

3.1. PROCESSAMENTO SISTEMÁTICO DO PACOTE DE PROGRAMAS VARBRUL/2001

O software VARBRUL foi criado por Cedergren e Sankoff no início da década de 70, na Universidade de Nova York, como um projeto de parceria entre o Departamento de Linguagem e Lingüística e o Serviço de Ciência e Computação, inicialmente para MS-DOS.

Foi de Steve Harlow a iniciativa de criar a versão Windows, tomando por base o programa Goldvarb 2.0 (RAND & SANKOFF, 1990) desenvolvido para o Macintosh, com uma aplicação composta de apenas um arquivo “EXE” que não necessita de outro software para processar análises lingüísticas para quantificar os dados.

Para acionar o programa é necessário delimitar uma variável dependente e

/ou fator lingüístico necessariamente binário uma vez que o programa ainda não permite uma análise com três ou mais variantes, vale dizer, uma variável lingüística com dois ou mais valores, denominadas variantes. É necessário ainda, estabelecer valores e/ou codificar as variáveis independentes, que são fatores extralingüísticos.

A escolha dos códigos²³ que simbolizam os fatores lingüísticos e extralingüísticos pode ser realizada aleatoriamente, desde que tais códigos não se repitam e que assumam uma correlação entre as múltiplas características do contexto. No caso específico dos fatores extralingüísticos sugere-se que a codificação lembre o fator a que se refere. A confiabilidade das análises estará posta na existência de um número significativo de codificação.

O pacote de programas VARBRUL é o software que auxilia o pesquisador da sociolingüística a alcançar os percentuais que nos dão, cientificamente, condições de estabelecer a quantidade e a relevância de variação ocorrente no ato de fala. Na análise dos dados coletados na comunidade de Furnas da Boa Sorte, utilizamos a versão 2001 do programa.

Ao acessar o pacote de programas do VARBRUL aparecerá a janela principal “GoldVarb” que depois de solicitar do pesquisador um primeiro comando (clique em “View/Token”), disponibilizará a segunda janela “Tokens-Untitled.jkn”. Nela, o programa determina que se clique em “File/New”.

O pesquisador terá, então, que digitar, no lado esquerdo da janela (pois a janela “Tokens” é constituída de dois lados), primeiramente, os fatores lingüísticos (formados pela Variável Dependente), que foram codificados como “(0)” para regularização da regra, vale dizer, para a resposta esperada pelo pesquisador ao aplicar os quesitos do ALMS; e “(1)” para a aplicação da regra, vale dizer, para as variações lingüísticas manifestadas pelos informantes para designar a mesma coisa com o mesmo valor de verdade.

A digitação dos dados no programa deve obedecer rigorosamente às orientações que seguem:

- a) o programa só faz a leitura dos dados que iniciem com um abre parênteses (;
- b) depois, na próxima coluna, devem ser inseridos os sinais, previamente definidos, para cada seqüência lingüística;
- c) o programa só considerará a cadeia de codificação, valem dizer, os sinais que

²³ Exemplos de codificação dispostos no quadro A, p. 30.

representam a seqüência lingüística atualizada. Se for conveniente inserir o contexto lingüístico, é necessário deixar pelo menos três espaços em branco após a cadeira de codificação;

d) a pergunta referente a cada fenômeno lingüístico em questão deverá iniciar com um ponto e vírgula (;).

Após a digitação dos fatores lingüísticos, o programa requer a digitação dos fatores extralingüísticos (formados pelas *Variáveis Independentes*) que para essa análise contará com a atuação de um grupo: Grupo “Sexo” que recebeu a codificação “M” para designar masculino e a codificação “F” para designar Feminino.²⁴

A intersecção das codificações e seus itens, nesta dissertação resultaram em:

Variável Dependente

0 - realização possível

1 - # realizações/aplicação da regra

Variável Independente Lingüística

Grupo 1: fatores fonéticos

B – lotização

A – Apócope

E – Epêntese

R – Rotacismo

S – Síncope

Variável Independente Extralingüística

Grupo 2: Sexo

M – Masculino

F- Feminino

²⁴ Características dos informantes já dispostos na introdução, p. 3.

Informantes²⁵

1, 2, 3, 4;

5, 6, 7 e 8.

Feitas todas as codificações, volta-se à janela principal, clica-se em “View/Groups” onde aparecerá uma terceira janela “Groups”. Nessa janela, clica-se em “New group/New Factor” e digitará toda a codificação que representa as Variáveis Dependentes e Independentes.

Após a digitação dos grupos, deve-se clicar em “Add” para que toda a codificação seja automaticamente adicionada. Então será necessário preencher, com um dos códigos criados para os grupos, o espaço chamado “Default”. **Em nossa pesquisa adotou-se o critério de preenchê-lo com os primeiros códigos de cada grupo**, resultando, desta forma, na seguinte “cadeia de codificação” = (BM). Ao terminar essa fase de preenchimento, clica-se em “Save” e depois em “ok”.

Volta-se à janela “Tokens”. Se alguma codificação fora digitada erroneamente já na Janela principal aparecerão os erros que deverão ser corrigidos para que o programa continue rodando. Caso contrário surgirá a mensagem *Checking of tokens completed.X*²⁶, indicando que tudo foi digitado com sucesso.

A seguir, clicar-se-á novamente em “Action/Generate Factor spec’s” o que fará surgir conseqüentemente três micro-janelas que automaticamente sumirão ao clicar-se sobre elas “ok”.

Após esse momento, o VARBRUL/01 registrará os fatores de especificação, ou seja, os códigos determinantes dos grupos no lado direito da janela “Tokens”. Para salvar a codificação clicaremos em “File/Save”. Nesta dissertação, as codificações foram salvas, nesse primeiro momento, sempre utilizando o nome da realização possível para a questão em que estivermos processando os dados mais a seqüente simbologia “dat”.

Na janela “Tokens” clicar em “Action/No Recode”. Nada aparentemente acontecerá. Já na reta final da sistematização, que nos dará os percentuais

²⁵ Informantes: femininos: 1=ORM; 2=IMA; 3=MLL; 4=MEP; masculino: 5=ABC; 6=TBC; 7=ALM e 8=CJB.

²⁶ A letra “x” deve ser entendida como uma variação numérica condicionada pela quantidade de ocorrências que compõem um corpus em estudo.

estatísticos da análise do *córpus*, o programa requererá do pesquisador que ele volte à janela principal “*GoldVerb*” para que ele clique em “*View/Results*”, que fará surgir uma janela em branco.

Esse é o momento de salvar novamente toda a codificação e para realizar essa segunda etapa de salvamento, exigido pelo programa, adotamos então o mesmo critério para salvar as ocorrências que o primeiro, com a diferença de que ao invés de “*dat*” colocamos no final da realização possível em questão nesse momento “*_NoRec*”.

Finalmente, clicaremos em “*Action/lood cells to memory/Ok*” e, voltando à janela principal ainda mais esta vez, clicaremos em “*View/Results*” para que o programa nos dê a primeira rodada de resultados marginais dos grupos. Nessa rodada, perceberemos se houve ou não os “*Knockouts*”²⁷ ou “*Singleton*”, que só aparecerão quando os dados somarem 100%, ou seja, quando os resultados dos cruzamentos de um grupo com outro forem equivalentes a 100% de aplicação da regra ou não.

Para que obtenhamos o cruzamento entre os dados de um grupo com outro, por meio dos quais verificaremos os percentuais estatísticos de como está a condição de variação lingüística na comunidade de fala, faz-se necessário dar um clique na janela principal em “*View/Results*” que disponibilizará a janela “*Tokens*”, onde clicaremos em “*Action/Cross Tabulation*”. Assim, a intersecção de um dado grupo de fatores com outro será efetuada e, automaticamente, o programa oferecerá os resultados percentuais estatísticos dos cruzamentos realizados.

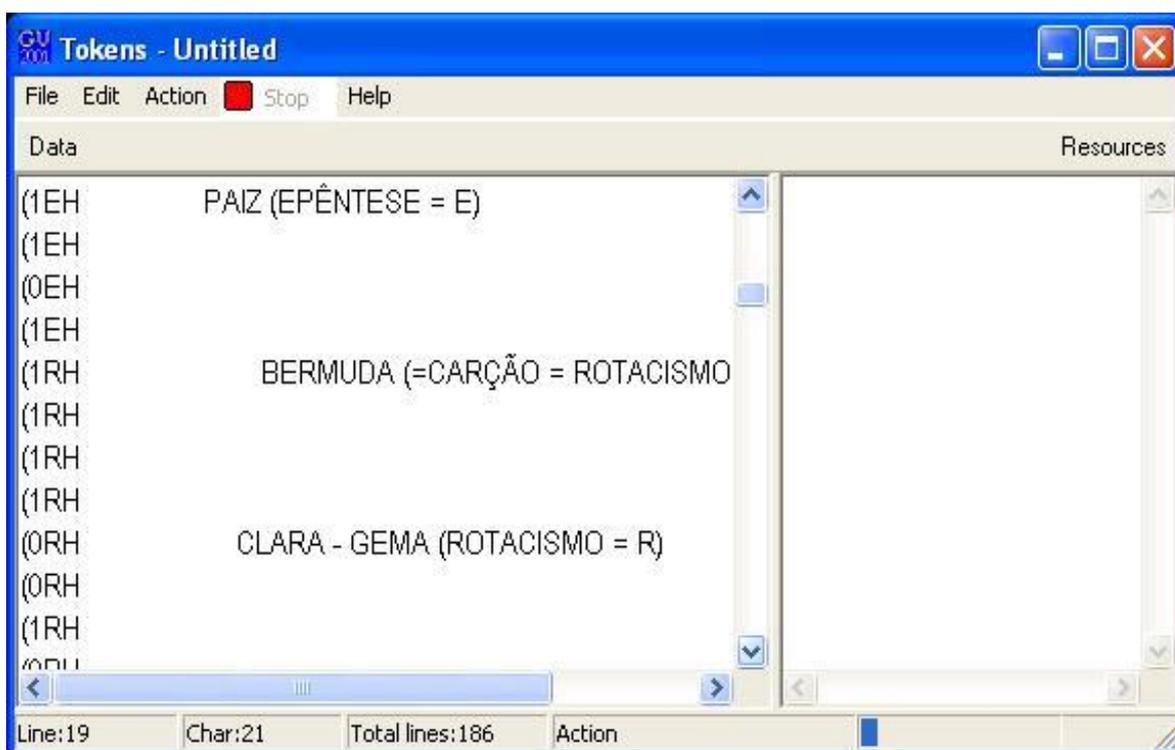
O *Cross Tabulation* dispõe de duas opções para interpretação dos dados: texto ou grade. A forma texto possui as características descritas acima. A forma grade permite ver os modelos de distribuição, em cores, onde as cores mais escuras indicam aumento percentual da aplicação da regra; quanto mais próximas forem as cores, menores serão as diferenças entre as células e, inversamente, quanto mais contrastes, maiores serão as diferenças entre elas.

A escolha entre uma ou outra forma (texto ou grade) é condicionada pelo objetivo, pelo que se quer demonstrar na interpretação dos dados. No caso das interpretações realizadas da fala da comunidade de Furnas da Boa Sorte, optamos

²⁷ Os *Konockouts* ou *singleton* são avisos de que o programa fornece para indicar que em determinados grupos de fatores não houve variação, ou seja, ocorreram 100% de aplicação ou não aplicação da regra.

pela forma texto. Vemos no quadro abaixo como os dados são codificados no programa VARBRUL/01:

Quadro A – Exemplo de codificação de dados



3.2. ANÁLISE DOS FENÔMENOS FONÉTICOS NA FALA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS DA BOA SORTE

A fonética tem sido objeto de estudo desde os tempos mais remotos. A partir dos neogramáticos que procuraram explicar as mudanças lingüísticas pela observação dos sons, rotulou-se de *leis fonéticas*; e a partir da segunda metade do século XIX, aumentou esse interesse em razão da *descrição das línguas vivas* e também a formulação de hipóteses sobre o funcionamento dos sistemas fonológicos.

A Fonética trata dos constituintes do discurso segmentados no nível mais profundo, quando ainda estão desprovidos de significação, ou seja, a fonética trata dos sons da fala, na sua descrição, classificação e transcrição. Para Dubois (1973, p. 282), “[...] a fonética estuda os sons da língua em sua realização concreta,

independentemente de sua função lingüística, e a fonologia estuda os sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação lingüística”.

É consabido que por meio do léxico ocorrem as variações e mudanças na língua, pela *difusão lexical*, por isso Wang (1969 *apud* MOLLICA, 1993, p. 1), ao contrapor-se aos neogramáticos afirmou que “[...] toda mudança sonora se processa foneticamente abrupta, porém lexicalmente gradual”.

É claro que quando se fala em variação fonética, entra em ação tanto a análise da produção dos sons da fala dos membros de uma comunidade, como a de Furnas da Boa Sorte, quanto dos significados que este mesmo som produz, e esse trabalho não se realizaria se não estudássemos o aparelho fonador que abrange o sistema articulatório (faringe, língua, nariz, palato, dentes, lábios), o sistema fonatório (laringe onde está a glote) e o sistema respiratório (pulmões, músculos pulmonares, brônquios, traquéia).

É do nosso intuito, desvendar as variações fonéticas na comunidade de Furnas da Boa Sorte, uma vez que o aparelho fonador possibilita a emissão de sons que difere na fala de pessoa para pessoa, onde reside a variação de pronúncia, de som, ou fonético da comunidade em estudo.

Assim, no *córpus* de Furnas da Boa Sorte, após a aplicação do ALMS, como já mencionado, o programa estatístico VARBRUL, selecionou os fenômenos fonéticos de maior incidência na fala dos informantes, que são:

1. a iotização do som /æ/ > /y/;
2. a apócope (a queda do fonema no fim do vocábulo);
3. o rotacismo (troca medial ou final de “ L por R”); e,
4. a epêntese (aumento de fonemas no meio da palavra).

Da quantidade coletada inicialmente de dados fonéticos de 184, que compõem o *corpus*, a tabela abaixo demonstra a valoração e percentuais dos fenômenos com maior número de incidência na comunidade de Furnas da Boa Sorte:

Tabela 1- Distribuição dos fatores fonéticos (B, A, R e E) de acordo com a variável dependente.

Fatores Fonéticos	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total
B (<i>lotização</i>)	8 16%	40 83%	48 26%
A (<i>Apócope</i>)	5 17%	23 82%	28 15%
R (<i>Rotacismo</i>)	12 25%	36 75%	48 26%
E (<i>Epêntese</i>)	21 35%	39 65%	60 32%
	46 25%	138 75%	184 100%

Como podemos observar na tabela 1, das ocorrências que integraram o *corpus* fonético na fala dos informantes de Furnas da Boa Sorte, 184 se referem aos fenômenos (B), (A), (R) e (E). O fenômeno lingüístico com o maior número de ocorrências processadas é a *lotização* (**B**) que engloba 48 ocorrências em seu valor absoluto atingindo assim 26% no seu valor relativo.

Dos 48 fenômenos processados, houve apenas 8 ocorrências que não confirmaram a aplicação da regra variável, isto é apenas 8 ocorrências da construção regular (com percentual de 16% de ocorrências no *córpus* dos informantes de Furnas da Boa Sorte) que não apresentaram variação em relação ao fenômeno (**B**). Quanto à incidência do fenômeno do desvio ou aplicação da regra, quantificamos 40 ocorrências o que nos assegura um valor relativo mais elevado.

Deste modo, encontramos entre os informantes 83% de variação com relação ao fenômeno fonético (**B**), pois é notória a aplicação da regra referente à *lotização* na comunidade em estudo como {ab'eia}, {fa'mia}, {fo'inha}, etc.

A *apócope* (**A**) é o segundo maior número de ocorrências, que apresentou um valor absoluto, equivalente a 28 ocorrências e um valor relativo de 15%. Houve 5

ocorrências relativas à não aplicação da regra, ou seja, em que aconteceu a construção regular referente a este fenômeno fonético.

Com isto, houve 17% de ocorrências que não apresentaram variação referente ao fenômeno da Apócope (**A**). No tocante à incidência da regra variável, constatamos 23 ocorrências equivalentes a um valor relativo de 82%. Para melhor compreensão do fenômeno, seguem algumas inserções de uso entre os falantes de Furnas da Boa Sorte, como {ˈflô}, {ˈmatá}, {imoh}, entre outros.

O terceiro maior fenômeno no número de ocorrências de caráter fonético é o *rotacismo* (**R**) que apresentou um valor absoluto de 48 ocorrências e um valor relativo de 32% no quadro geral. Houve 12 ocorrências na construção regular, totalizando 25% e, com relação às incidências da aplicação da regra variável constatou-se 36 ocorrências equivalentes a um valor relativo igual a 75%. Esses fenômenos estão sedimentados na fala da comunidade em {carˈçãõ}, {reˈvorvi}, {vortá}, e outros;

E por último, entre os fenômenos de variações fonéticas mais relevantes do *corpus*, foi encontrada a *epêntese* (**E**) que apresentou 60 ocorrências que garantiram uma relativização valorativa de 26% no quadro geral. Dessas 60 ocorrências houve 21 ocorrências da construção regular, equivalente a um valor relativo de 35%.

No que tange à aplicação da regra variável em diferentes realizações do fenômeno fonético (**E**), ocorreram em 39 vezes, o que implica num percentual de valor relativo de 65%. Podemos encontrar o fenômeno em Furnas da Boa Sorte em manifestações como {adevoˈgadu}, {ˈaranhia}, {ˈcruiz}.

Portanto, das 184 ocorrências dos fenômenos de variação fonético-fonológicos analisados na comunidade de Furnas da Boa Sorte, obtivemos 138 ocorrências da aplicação da regra, vale dizer, 138 incidências de variações na fala dos habitantes da comunidade. Esse valor corresponde a 75% de ocorrências que apresentaram o fenômeno em oposição à construção regular. E as demais ocorrências, quais sejam, as 46 restantes, resultam de 25% de construção regular, em que não houve variações.

Observaremos nas tabelas 2, 3, 4 e 5 adiante relacionadas os valores percentuais totais e relativos de cada um desses fenômenos fonéticos que mais ocorreram na comunidade de Furnas da Boa Sorte — (B), (A), (R) e (E) — levando-se em consideração o cruzamento de cada um deles com as variáveis dependentes (0) e (1) e a variável independente extralingüística (sexo), seguindo sempre a ordem de

maior para menor percentual de ocorrências.

3.2.1 A iotização (B)

A propósito do fenômeno em análise, Ilari & Basso (2006, p. 175) destacam que a variação diastrática, que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população sem escolarização, como no caso de Furnas da Boa Sorte, esta variedade, referida às vezes como “português subpadrão” ou “português sub-standard”, como mencionam os citados autores, foi descrita por vários estudiosos entre eles Castilho (1985), que destacou o — uso de /j/ por /ʎ/: {foja} em vez de [foʎa].

Assim, neste fenômeno da *iotização* o que ocorre na fonética, segundo Cristófaró Silva (2005, p. 40), é a vocalização da consoante lateral palatal e neste caso temos um seguimento com as características articulatórias de uma vogal do tipo /i/ que é transcrito como /y/: [maya]. E Coutinho (1976, p. 143), que insere o fenômeno como metaplasmo por permuta, o rotula apenas como *vocalização* definindo como a conversão de uma consoante num fonema vocálico.

Esta mudança fonética da consoante lateral palatal /ʎ/ para a semivogal /y/ abelha > {a'beia}, para Bagno (2003, p. 142-143), é um dos fenômenos tradicionalmente taxados como “erros” que compõem o que ele denomina de “*traços descontínuos*”, vale dizer:

São aqueles que aparecem com maior freqüência nas variedades mais estigmatizadas e deixam de aparecer quanto mais subimos na escala social, isto é, quanto mais nos aproximamos das variedades mais prestigiadas.

Segundo o mesmo lingüista (2003, p. 144), “[...] a pronúncia {tra'baio}, {teia} ou {paia} para o que se escreve “trabalho”, “telha” e “palha” são classificadas como *traços descontínuos*”, porque virtualmente não comparecem nas variedades prestigiadas. Em Furnas da Boa Sorte, além das citadas por Bagno, encontramos ainda as pronúncias como {fa'mia}, {fo'inha} e {pi'oiu}, para o que se escreve “família”, “folhinha” e “piolho”.

A *iotização* (B) considerada variável estigmatizada, prossegue Bagno (2003, p. 130), em alguns aspectos se mostra bastante inovadora, pois esta mesma etapa da

mudança da lateral palatal /ʎ/ para a semivogal /y/, foi cumprida na França ainda no século XVIII. “A nossa palavra “*bilhete*”, se origina da palavra francesa “*billet*”, que hoje é pronunciada “*biyê*” pelos franceses, de modo que, quando um falante brasileiro pronuncia “*bilhete*” como “*biyete*”, ele está acompanhando uma mudança lingüística” que ocorreu na própria língua de onde a palavra foi tomada de empréstimo.

Relata ainda o mesmo lingüista que “[...] o mesmo fenômeno ocorreu em muitas variedades do espanhol, tanto na Europa quanto na América, e que ocorre quando o falante deixa agir mais livremente as forças internas da língua”.

Na tabela 2, veremos os resultados dos valores absolutos e dos valores relativos, após o cruzamento das ocorrências do fenômeno do traço descontínuo, aqui representado pela mudança da consoante /ʎ/ em /y/, com a variável sexo. Antes, porém, vejamos no quadro B que segue alguns exemplos do fenômeno **(B)** constatado na fala dos informantes de Furnas da Boa Sorte:

Quadro B — Exemplificação de algumas ocorrências de lotização encontradas em Furnas da Boa Sorte²⁸.

Ordem	Ocorrência	Transcrição fonética	Informante
01	[famia]	[fa'mya]	(1BM5)
02	[foinha]	[foynɔ]	(1BM5)
03	[teia]	[ˈteya]	(1BM7)
04	[pioiu]	[py'oyu]	(1BM8)
05	[jueiu]	[ju'eyu]	(1BF1)
06	[trabaia]	[trabayɔ]	(1BF2)
07	[veiu]	[vejɔ]	(1BF3)
08	[abeia]	[aβeya]	(1BF4)

Este fenômeno da *iotização*, como se vê no quadro B, consistente na mudança do /ʎ/ em /y/ ocorreu em Furnas da Boa Sorte, em quase todas as incidências na posição intervocálica, ora partindo da vogal anterior média alta (média fechada) e média-aberta (meia-fechada) /ɛ/, com a vogal central posterior /a/ e com a vogal central anterior /a/. Quanto as incidências nos quadricúlos 04, 05 e 07, o

28 No quadro B, a codificação abaixo do quadriculo informante: o primeiro número refere-se à variável dependente (1) ou (0), o segundo ao fenômeno fonético, no caso da lotização (B), o terceiro se masculino (M) ou feminino (F) e o quarto é o número do informante.

fenômeno do traço descontínuo ocorreu com a supressão final da consoante /ʎ/ substituída pela semivogal /j/, e depois com a inclusão da outra semivogal /w/ excluindo também a vogal posterior média alta /o/ nas construções colhidas em Furnas da Boa Sorte , {pi'oiu}, {ju'ei u}, [ˈveiu}.

A partir dos resultados do fenômeno fonético da *iotização* (**B**), cuja incidência da aplicação da regra variável obteve 83% (tabela 1, p. 32) no cruzamento do grupo de fatores para a verificação do condicionamento da variável dependente, estão sistematizados a partir da tabela seguinte.

Tabela 2. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (B) e a variável “sexo”.

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	3 15%	17 85%	20	100%
FEMININO	5 18%	23 82%	28	

Fica demonstrado pela tabela 2 que houve 3 ocorrências regulares do fenômeno da *iotização* (**B**) entre os informantes do sexo masculino, que representam 15% de construção regular. E em 17, a quantidade de incidências da aplicação da regra variável que resulta em 85%, na comunidade de Furnas da Boa Sorte.

Entre as informantes do sexo feminino, em 5 situações ocorrem a aplicação da construção regular que representem 18%, enquanto obteve-se 23 ocorrências da aplicação da regra variável. Obtivemos assim, em ambos os sexos, um percentual considerável da *iotização* (B), com uma ligeira queda percentual em relação às mulheres, corroborando, neste estudo sócio-variacionista, a constatação de Ficher citada por Paiva (2003, p. 34), que elas demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente.

3.2.2. Apócope (A)

Este fenômeno segundo Coutinho (1976, p. 147-148), também rotulado de *apócode* é também uma espécie de metaplasmo, no caso por *subtração*, que se dá pela queda de fonema no fim do vocábulo tais como {amare > amar}, {legale > legal} e {mense > mês}.

A mesma orientação de *metaplasmo* constante de Carvalho & Nascimento (1969, p. 37), e depois prosseguem os escritores (1969, p. 54), tratando o fenômeno como *vocalismo* definindo como o estudo da evolução dos fonemas vogais na passagem do Latim para o Português, relatando que “[...] a vogal e a postônica final sofreu *apócope* quando precedida de consoante que podia formar a sílaba com a vogal anterior”. Essas consoantes “[...] eram {l,n,r,s ,z} em {male > mal}, {bene > bem}, {amare > amar}, {mense > mês} e {cruce > cruz}”. Rematando ainda os lingüistas (1969, p.76), como “*redução do caso lexicogênico, a apócope do /m/*”.

Mais esclarecedora ainda é a definição de Dubois (1973, p. 62), de que “[...] *apócope* é uma mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra, em {fotografia > foto} e {cantar > cantá}”.

Quadro C — Exemplificação de algumas ocorrências de apócope encontradas em Furnas da Boa Sorte²⁹.

Ordem	Ocorrência	Transcrição fonética	Informante
09	[homi]	[ˈomy]	(1AM5)
10	[santu antôin]	[ˈsatu aˈtoyn]	(1AM6)
11	[flô]	[ˈflo]	(1AM7)
12	[revolvi]	[reˈvɔwvi]	(1AM8)
13	[céza]	[ˈsɛza]	(1AF1)
14	[matá]	[maˈtə]	(1AF2)
15	[tocá]	[tɔˈkə]	(1AF3)
16	[gradiá]	[ɡɾaˈdʒə]	(1AF4)

Conforme notamos no quadro C este fenômeno da *apócope* (A) nos quadriculos 11, 13 até 16, segundo Hora (2005), “há uma tendência universal que

²⁹ Codificação do informante conforme nota 25, p. 28 e nota 28, p. 35.

inclui o português de apagar o coda como [jorná], [pape]” desaparecendo a consoante dental ou alveolar [ɹ], como ocorre entre os Falantes de Furnas da Boa Sorte em {flô}, {céza}, {matá}, {tocá} e {gradiá}. E como corolário lógico da deriva da língua, sustenta Carvalho e Nascimento (1969, p. 58), que “[...] as consoantes finais latinas no caso /r/, geralmente, sofreram apócope”.

E nas construções como {revolvi}, {homi}, {santo antôin}, “[...] os sons das pós-tônicas sofrem certa instabilidade”, conforme Dubois (2005, p. 479). Nas duas primeiras ocorrências exemplificadas, com alçamento da vogal anterior /e/ para /i/ e, finalmente, conforme Ilari & Basso (2006, p.175), ainda mencionando “[...] a variação diastrática, com a queda de material fonético posterior à vogal tônica citando {figo por fígado} e {Ciço por Cícero}”, exatamente como ocorre em {santu antôin} em Furnas da Boa Sorte, no fenômeno **(A)** da *apócope*.

Tabela 3. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (A) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	3 25%	9 75%	12	100%
FEMININO	2 12%	14 88%	16	

A tabela 3 mostra em relação ao fator fonético **(A)** que houve 3 ocorrências da construção regular entre os informantes do sexo masculino, ou seja, a *apócope*, que representa 25% de construção regular na comunidade. Em relação ao mesmo fenômeno variável, ocorreram, também entre os homens, 9 incidências da aplicação da regra variável, o que resulta em 75% de variação em Furnas da Boa Sorte, em relação ao fator fonético ora interpretado.

Com as mulheres houve 2 ocorrências da construção regular, que representa 12% do total de ocorrências e 14 incidências da aplicação da regra variável entre os informantes deste sexo, o que atinge o percentual de variação no percentual de 88%

em relação ao fator fonético **(A)**.

Observa-se que houve uma maior incidência da aplicação da regra variável do fenômeno da *apócode (A)*, entre as mulheres. E, portanto, das 28 ocorrências do quadro geral, 12 para os homens e 16 para as mulheres.

3.2.3 Rotacismo (R)

É um processo, segundo Dubois (1973, p. 523), que “[...] se observa na fonética histórica do latim. No caso, designa a transformação do /r/ a partir da consoante //, seja na posição intervocálica seja antes de consoante”.

O fenômeno é também tratado por Bortoni-Ricardo (2005, p. 57), como “[...] traços descontínuos como em {sirva >> silva} e ocorre com frequência na fala de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade” como em comunidades rurais, ao mesmo tempo em que são reflexos arcaicos da língua evoluída em tempo diacrônico, como ocorre em Furnas da Boa Sorte, conforme situações encontradas no quadro D, a seguir:

Quadro D — Exemplificação de algumas ocorrências de rotacismo encontradas em Furnas da Boa Sorte³⁰.

Ordem	Ocorrência	Transcrição fonética	Informante
25	[carção]	[ˈkarsáo]	(1RH5)
26	[crara]	[ˈkrara]	(1RH6)
27	[purmão]	[pʊrˈmao]	(1RH7)
28	[revorvi]	[revɔrvi]	(1RH8)
29	[parmera]	[paɾˈmera]	(1RM1)
30	[sortera]	[soɾˈtera]	(1RM2)
31	[pobrema]	[pɔˈbrema]	(1RM3)
32	[vortá]	[vɔɾˈta]	(1RM4)

O **rotacismo (R)** é um fenômeno fonético que consiste na realização de um som de consoante vibrante simples alveolar sonora /r/ no lugar da lateral alveolar vozeada.

³⁰ Codificação dos informantes conforme nota 25, p. 28 e nota 28, p. 35.

Nas incidências acima relacionadas está sempre presente grupos consonantais de oclusivas ou fricativas seguidas da líquida //, com o cancelamento de /r/ no grupo consonantal {pro} em {pobrema} e com o apagamento do /r/ final nos quadrículos 28 e 32.

O trabalho de Mollica (2000, p. 88) salienta que os processos de variação nos grupos consonantais formados por consoantes oclusiva ou fricativa seguidas de // líquidas e o cancelamento de /r/ também em grupos consonantais constituem tema bastante fértil para a questão da fala/escrita.

Tabela 4. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	8 29%	20 71%	28	100%
FEMININO	4 20%	16 80%	20	

Conforme vemos na tabela 4, quanto à variável gênero (sexo), os resultados revelam que os homens aplicaram 8 vezes a construção regular, representando 29% do total de ocorrências e, de outro lado, incidindo em 20 vezes na aplicação da regra, o que implica dizer que em 71% ocorreu na variável independente e fonética do *rotacismo* (R) em Furnas da Boa Sorte. Para o sexo feminino ocorreu a incidência da construção regular por 4 vezes, gerando um percentual de 20% e em contrapartida adotou a aplicação da regra em 16 oportunidades, o que representa um percentual de 80%, portanto acima do percentual atingido pelos homens, em relação ao fenômeno do *rotacismo* (R), tomando-se por base o total de ocorrências de 28 em relação aos homens e 20 em relação as mulheres, atingindo 48 situações deste fenômeno fonético na fala dos informantes de Furnas da Boa Sorte.

3.2.4. Epêntese (E)

Já dizia Ribeiro (1957, p. 406) que, “[...] a epêntese é uma figura de dicção ou metaplasmo, pela qual um vocábulo sofre no meio, em seu material, aumento de vogais ou consoantes, como {Joanne} por {João}” e Carvalho & Nascimento (1969, p. 36), com a definição similar de que “*epêntese* é o acréscimo de um fonema no meio do vocábulo”, de modo que na descrição e interpretação do fenômeno da epêntese nas ocorrências de Furnas da Boa Sorte, verificamos as construções curiosas dos informantes conforme se destaca no quadro E que segue:

Quadro E — Exemplificação de algumas ocorrências de epêntese encontradas em Furnas Boa Sorte³¹.

Ordem	Ocorrência	Transcrição fonética	Informante
17	[adevogadu]	[adevo'gadu]	(1EM5)
18	[paiz]	[ˈpays]	(1EM6)
19	[cruiz]	[ˈçroys]	(1EM7)
20	[aranhia]	[aˈrahya]	(1EM8)
21	[munhintu]	[ˈmɔŋitu]	(1EF1)
22	[unhia]	[uŋya]	(1EF2)
23	[madrinhia]	[madɾɪŋya]	(1EF3)
24	[nois]	[noys]	(1EF4)

Conforme verificamos no quadro E, na ocorrência 17, o fenômeno da epêntese (**E**) se deu pelo acréscimo da vogal prétonica anterior média-alta /e/ pós consoantes mudas e oclusiva alveolar vozeada /d/. Nas construções de 18, 19, 20, 22, 23 e 24, ocorreu a inserção da vogal /i/, representados pelo som /j/ que freqüentemente ocorre no português em razão do ambiente fonológico, enquanto que em 21 ocorre um aflouçamento dos nervos do órgão fonador e nazalização do som com os acréscimos das consoantes /n, h, n/. Conforme explicita Crystal (1985, p. 94), o fenômeno que também é estudado em gramática histórica é quando ocorre a inserção de uma vogal após a consoante que termina uma sílaba, como ocorre em alguns dialetos do português como em {rpto}, pronunciado {rapitu} e advogado que é

³¹ Codificação dos informantes conforme nota 25, p. 28 e nota 28, p. 35.

pronunciado {adivogadu}, neste caso até formando uma sílaba nova, como ocorre em Furnas da Boa Sorte.

A tabela 5 trata dos valores absolutos e percentuais de variação, com relação ao fenômeno da epêntese, quando cruzamos esta variável dependente com o grupo de fator na variável independente sexo.

Tabela 5. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (E) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	12 43%	16 57%	28	100%
FEMININO	9 28%	23 72%	32	

A tabela 5 mostra que houve 12 ocorrências da construção regular entre os informantes do sexo masculino no tocante ao fato fonético da Epêntese (**E**), que representa 43% da construção regular entre os homens. E 16 incidências na aplicação da regra variável entre eles resultam em 57% de variação em relação ao fenômeno da epêntese (**E**), na comunidade de Furnas da Boa Sorte.

Em relação às mulheres, obtivemos 9 ocorrências da construção regular que representa 28% vinte e oito por cento e, em contrapartida, houve 23 incidências da aplicação da regra que representam 72% do total de ocorrências entre as mulheres, contribuindo assim para um percentual elevado de variação na comunidade.

Assim, o total de ocorrências do fator fonético (**E**), entre os informantes do sexo masculino é de 28 e, entre as mulheres, o numeral total é de 32 ocorrências. A somatória entre ambos os sexos do total de ocorrências é de 60 do fator fonético (**E**), no quadro geral dos fenômenos fonéticos analisados mais relevantes.

O passo seguinte e imediato de análise é o da **Regressão Múltipla**. Devido

ao fato de termos elencado para esta dissertação um único fator extralingüístico³² Sexo e, por isso, não ser possível encontrarmos pesos relativos de significância entre outros fatores, tendo em vista que não foram estratificados, realizamos a primeira etapa da análise de *Regressão Múltipla — Step Up & Step Down* — para salientar não os pesos relativos de significância entre fatores extralingüísticos — mas os pesos relativos variacionais e confrontativos entre os **aspectos lingüísticos** e, por isso, esta etapa estará vinculada às duas etapas aspectuais seguintes³³, onde estarão analisados conjuntamente.

Desta forma, ao cabo de cada análise feita concernente ao *Binominal 1 Level* já disporemos o seu resultado.

3.2.5. Binominal 1 level

Por meio da *opção Binominal 1 level* obtivemos o quadro que segue, que nos remete a probabilidade global do poder da aplicação ou não da regra, vale dizer, da variável lingüística **(1)** e **(0)**.

A interpretação do Gráfico1, que segue, depende da premissa de que devemos considerar o *eixo horizontal* (das probabilidades) e o eixo vertical (da aplicação da regra) em valores totais³⁴.

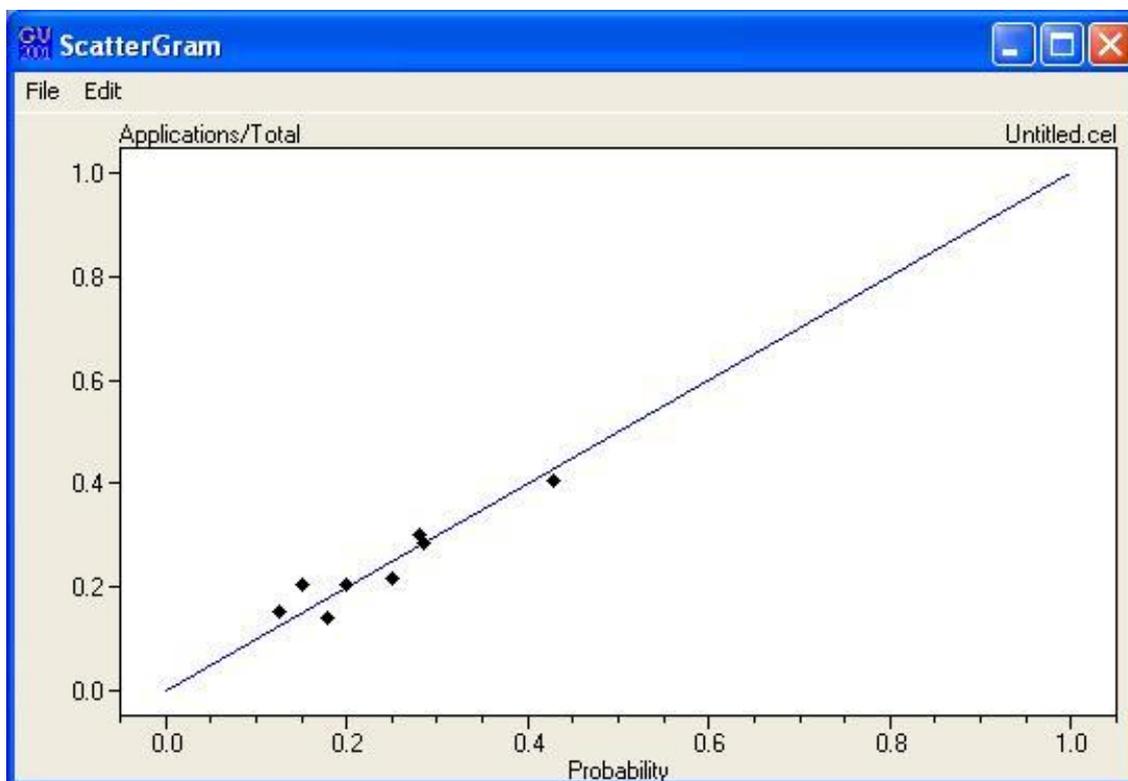
Devemos, ainda, nos ater à reta diagonal que se mantém desde o ponto zero até encontrar-se com o ponto final que determina os valores de 1.0 da horizontal e da vertical. Desta forma, quanto mais distantes os pontos se mantiverem da reta possuidora de inclinação e que passa pela origem, mais se comprovará a interação entre os fatores fonéticos. Conforme gráfico 1 que segue:

³² Para realizar a pesquisa em Furnas da Boa Sorte, estratificamos o único fator extralingüístico Sexo devido à automática exclusão dos demais, pois se considerarmos o fator *Classe Social*, por exemplo, verificaríamos que na comunidade em questão ela não seria possível ser estratificada, visto que a classe dominante local é igualitária; o fator *Escolaridade* também é igualitário, pois todos os informantes elencados para a pesquisa são pessoas não-alfabetizadas e, quanto ao fator *Faixa Etária*, foram estratificados somente os adultos, devido à existência maior de crianças e ao êxodo dos jovens para os centros urbanos.

³³ A análise *Step Up & Step Down* encontra-se disponível, no item 3.5 a partir da página 82.

³⁴ Os valores totais são representados pelos números exatos de ocorrências obtidas no *corpus*.

Gráfico 1 – Interação dos grupos de fatores fonéticos (B, A, R e E) com a variável dependente.



Finalmente, podemos comprovar que, conforme vemos no gráfico 1, os pontos mais distantes da reta são condicionadores de variação, vale dizer, os grupos que foram selecionados como relevantes e mais significativos para que houvesse variação na comunidade e quanto mais alto for o ponto, ou quanto mais sobe na escala, aproximando-se de 1.0, mais significativa a freqüência relativa variacional.

Estes resultados de aspectos fonéticos das rodagens de *Step Up & Step Down*, conforme já anunciado, estarão dispostos no item 3.5, no cruzamento dos outros aspectos lingüísticos, morfossintáticos e semântico lexicais.

3.3. ANÁLISE DOS FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS NA FALA DA COMUNIDADE DE FURNAS DA BOA SORTE

Conhecer as estruturas morfossintáticas do português do Brasil em situações naturais de fala na comunidade de Furnas da Boa Sorte dos descendentes de africanos após 500 da existência do nosso País é uma experiência enriquecedora. Na

visão de Chomsky (1998 apud OLIVEIRA, 2006, p. 33), “[...] a faculdade da linguagem é regida por *princípios* e por isso mesmo universais e *invariantes*, e por *parâmetros* inerentes a cada língua, o que as tornam diferentes entre si [...]”.

E esses parâmetros ou propriedades que cada língua pode exibir, embora possamos encontrá-los no âmago estrutural, não seria objeto da inquietação dos estudiosos do ramo, não fosse a estrutura social que lhe é incrustada, mormente nas situações mais efêmeras do seu uso **nas situações naturais de fala**, em que uma língua vive e evolui.

E sejam quais forem às situações sócio-históricas que perpassam uma língua, tal como a forma com que o português dos colonizadores foi propalado pelo Brasil, com o multilinguismo e ou multidialetismo, a toda evidência, as diversas etnias que compõem a nossa cultura também contribuíram para a evolução natural, ou seja, a deriva interna e a heterogeneidade lingüística.

E a evolução da língua ou a deriva, é consabido, não obedece a padrões da norma culta, pelo contrário, na história das línguas, sempre prosperou o que foi rotulado de *dialeto popular* como aconteceu com o latim vulgar e o francês provençal.

Assim, a fala dos informantes de Furnas da Boa Sorte em suas manifestações naturais expressam o acúmulo inesgotável da cultura dos seus antepassados e a vertente do português na comunidade. Nesse contexto, a fala é a atualização da língua e por sua vez, corolário da manifestação da cultura, como elemento de transformação e poder³⁵ da comunidade e em última análise, no dizer de Tarallo (apud OLIVEIRA, 2006), “cultura que não tem hierarquia”.³⁶

Daí a importância da constatação dos fenômenos internos morfossintáticos dos moradores de Furnas da Boa Sorte em registros de situações espontâneas de atualização da fala, onde captamos o funcionamento sintático peculiar à comunidade, bem como selecionamos e quantificamos os fenômenos mais ocorrentes e, entre estes, os de maior incidência da regra variável (desvio).

O ALMS adaptado³⁷ propõe diversos quesitos abordando superstições, simpatias e lendas e outras narrativas dos informantes para o levantamento de indício do funcionamento morfossintático na comunidade onde vislumbramos os seguintes fenômenos:

³⁵ Ver nota 2.

³⁶ Aula de sociolingüística com o Dr. Dercir P. Oliveira na UFMS, Câmpus de Três Lagoas.

³⁷ Sistema de questionário do Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul.

Flexão de número na relação determinante + nome;
 Enfraquecimento do futuro do presente;
 Flexão de número na relação sintagma nominal + sintagma verbal;
 Artigo diante de antropônimos;
 Pronome nós e a gente na conjugação do presente do indicativo;
 Advérbio de negação, presença ou não de dupla negação.

Para sistematizar a descrição e interpretação destas questões no VARBRUL/2001 para obter os valores absolutos e percentuais gerados pelo programa, codificamos os dados da análise de aspecto morfossintático do modo que segue:

Fatores Lingüísticos

Variável Dependente

Grupo 1 : aplicação ou não da regra

0 – realização possível

1- # realizações

Grupo 2: fatores morfossintáticos

Q- Flexão de número da relação determinante + nome;

K- Enfraquecimento do futuro do presente;

C- Flexão de número da relação sintagma nominal + sintagma verbal;

N- Artigo diante de antropônimos;

G- Pronome nós e a gente na conjugação do presente do indicativo;

D- Advérbio de negação, presença ou não de dupla negação.

Fatores extralingüísticos

Variável Independente

Grupo 3 Sexo

M- Masculino

F- Feminino

Com as narrativas, o grupo de fatores escolhidos (Q, K, C, N, G e D), para a amostragem da sistematização dos dados de aspecto morfossintático gerou 257

ocorrências³⁸. Na tabela 6, podemos ver os valores absolutos e percentuais bem como a frequência relativa de cada grupo de fatores morfossintáticos a serem analisados, destacando a maior incidência dos fenômenos na fala dos moradores de Furnas da Boa Sorte no momento da atualização da língua.

Tabela 6. Distribuição dos fatores morfossintáticos (Q, K, C, N, G e D) de acordo com a variável dependente.

Fatores Morfossintáticos	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total
Q — flexão de número da relação determinante + nome	01 1%	69 98%	70 27%
K —enfraquecimento do futuro do presente	01 5%	18 94%	19 07%
C — flexão de número na relação sintagma nominal + sintagma verbal	02 6%	30 93%	32 12%
N — artigo diante de antropônimos	16 66%	08 33%	24 09%
G — pronome nós x a gente na conjugação do presente do indicativo	40 67%	19 32%	59 22%
D — advérbio de negação – presença ou não de dupla negação	39 73%	14 26%	53 20%
	99 38%	158 61%	257 100%

³⁸ Essa quantidade de ocorrências somente foi possível depois da terceira visita à comunidade quando os informantes já se encontravam totalmente desinibidos em suas narrativas.

Observa-se na tabela 6 que, das 257 ocorrências selecionadas que compõem o *corpus* dos dados morfossintáticos da comunidade de Furnas da Boa Sorte neste trabalho, 70 ocorrências se referem ao fenômeno da Flexão de Número na Relação Determinante + Nome **(Q)**, cuja quantidade representa o valor percentual de 27% no quadro geral.

Mais significativa ainda é que desses 27%, houve apenas 1 ocorrência da construção regular do fator **(Q)**, que foram encontradas nas narrativas referentes aos quesitos para apurar o fenômeno lingüístico **(Q)**. Isso implica dizer que apenas 1% dos membros da comunidade em análise não varia no tocante a esse fenômeno **(Q)**.

Quanto à aplicação da regra variável desse mesmo fenômeno, sobe-se para 69 incidências, o que garante um valor relativo na ordem de 98%, significando dizer que a comunidade de Furnas da Boa Sorte em suas narrativas adota a regra variável em alta escala.

O segundo maior número de ocorrências de caráter morfossintático encontrado entre os fenômenos analisados, refere-se ao fator Enfraquecimento do Futuro do Presente **(K)**, que apresentou um valor absoluto equivalente a 19 ocorrências e um valor relativo de 7%.

Nesse aspecto, houve uma ocorrência da construção regular, implicando dizer que 5% dos informantes da comunidade não variam com relação ao fenômeno **(Q)**.

Em contrapartida obtivemos 18 incidências da aplicação da regra, equivalente a um valor relativo de 94% de aparição do fenômeno **(K)**.

A terceira maior quantidade de ocorrências entre os aspectos morfossintáticos que constatamos na comunidade de Furnas da Boa Sorte recaiu sobre o fator Flexão de Número na Relação Sintagma Nominal + Sintagma Verbal **(C)**, que apresentou um valor absoluto equivalente a 32 ocorrências e um valor relativo equivalente a 12% no quadro geral.

Houve apenas 2 ocorrências da construção regular correspondendo a um valor percentual igual a 6% e, em relação à aplicação da regra em diferentes vertentes constatamos 30 ocorrências equivalentes a um valor relativo de igual a 93%.

O fenômeno Artigo Diante de Antropônimos **(N)** ocupou a quarta colocação na disputa entre os fatores morfossintáticos porque as 24 ocorrências refletem o percentual relativo de 9% no quadro geral, com 16 ocorrências da construção regular

importando em um percentual de 66% de valor relativo. A aplicação da regra variável em suas diversas realizações nesse fator **(N)** nos deu 8 incidências responsáveis pelo percentual de valor relativo de 33%, na fala dos habitantes de Furnas da Boa Sorte.

O quinto fator morfossintático analisado na fala da comunidade em foco diz respeito ao fenômeno do Pronome Nós ou a Gente na Conjugação do Presente do Indicativo **(G)**, que apresentou 59 ocorrências que garantiram um valor relativo de 22% no quadro geral dos fenômenos quantificados.

Da construção regular obtivemos a quantidade de 40 ocorrências e um percentual de valor relativo de 67%. E quanto a aplicação da regra do fenômeno **(G)**, em diferentes situações de variação, apuramos 19 incidências que foram responsáveis pelo valor relativo de 32%.

O sexto e último fator de aspecto morfossintático analisado na língua falada dos nativos de Furnas da Boa Sorte, refere-se ao fator Advérbio de Negação Presença ou não de Dupla Negação **(D)**, que apresentou 53 ocorrências e um peso relativo de 20% em face do quadro geral.

Desse número, constatamos 39 ocorrências da construção regular com um percentual relativo de 73%. E quanto à aplicação da regra variável na fala da comunidade de Furnas da Boa Sorte, tivemos 14 ocorrências e um valor relativo de 26%, no fenômeno **(D)**.

Portanto, das 257 ocorrências referentes aos fatores (Q, K, C, N, G e D), de aspecto morfossintático analisados na comunidade de Furnas da Boa Sorte, constatamos 158 incidências da aplicação da regra correspondente a 61% do total de fenômenos morfossintáticos. Ao passo que, 99 ocorrências em um percentual de 38%, representaram as situações de construção regular. Assim, no cômputo geral quanto aos fatores morfossintáticos há relevante percentual de variação e adoção da regra variável em Furnas da Boa Sorte.

Observamos nas tabelas que seguem os valores percentuais totais e relativos de cada um desses fatores (Q, K, C, N, G e D) de aspecto morfossintático que foram selecionadas para análise e que representam por esse viés o funcionamento da língua na comunidade de Furnas da Boa Sorte, operando o cruzamento de cada um desses seis fatores com a variável dependente **(0) e (1)** e a variável independente (sexo), observando a ordem de maior para menor percentual de ocorrências.

A seguir passaremos a descrever e interpretar os valores absolutos e

percentuais das variações encontradas na fala da comunidade de Furnas de Boa Sorte, no momento da atualização da língua falada.

3.3.1. Flexão de número na relação determinante + nome (Q)

Para a gramática tradicional na definição de Ribeiro (1957 p. 324) “[...] chama-se *concordância* a correlação que há entre as palavras ou termos da oração, entre as proposições principais e as secundárias, e entre as várias phases ou membros de um período”. Na noção de gramática gerativa, salientada por Dubois (1973, p. 558), “[...] o sintagma nominal é o constituinte do nóculo da frase na gramática gerativa, sendo este nóculo formado pela cadeia: sintagma nominal (SN) + sintagma verbal (SV)”.

A regra de concordância nominal de número em português é um fenômeno de grande exigência em manifestações de fala e escrita, pois solicita do informante a repetição da marca plural no decorrer de todo contexto o que, pela redundância, provoca em dadas situações o não preenchimento da marca plural no sintagma nominal.

Conforme sedimentado por meio de diversos estudos elaborados por (LEMLE & NARO, 1977, BRAGA, 1978, SCHERRE, 1978, apud VEADO, 1982, p. 56) “[...] a concordância de número no SN é uma regra que, da mesma maneira que a CV, encontra-se em processo de mudança sintática [...] em direção a um sistema sem marca de plural em todos os seus seguimentos”

O que explica o alto índice de aplicação da regra variável na concordância de número no sintagma nominal é a ausência de escolaridade e o isolamento social dos moradores de Furnas da Boa Sorte, tanto que estudos de (SCHERRE, 1988, 1989, SCHERRE & NARO, 1997, 1991, NARO & SCHERRE, 2003, apud Paiva & DUARTE 2006, p. 134) demonstram:

“[...] claramente que a ausência de marca de plural, principalmente em contextos lingüísticos mais favoráveis ao processo, caracterizam, em maior ou menor grau, tanto na fala de pessoas não escolarizadas ou de baixo nível de escolarização como de pessoas de nível universitário “

Os referidos estudos comprovam ainda que há uma relação direta entre a

probabilidade de emprego da regra de concordância de número (e concordância verbal) e o *grau de saliência fônica* da oposição entre as formas do singular e do plural. Vale dizer, quanto mais intenso for o contraste morfológico na oposição singular e do plural (leitão/leitões) mais a construção regular se aplica e quanto menor (tia/tias) menos ela se aplica.³⁹

A propósito dos modificadores⁴⁰ com substantivos próprios, quando se refere a número plural, salienta Neves (1999, p. 113), que “[...] nem sempre esses **substantivos** se pluralizam, sendo o plural indicado apenas pelos elementos que os acompanham: *A Am voa diariamente para os Estados Unidos com os JUMBO 747 (VEJ)*”.

Por meio das análises dessa relação, *determinante em face do sintagma nominal* revelamos a maneira como os habitantes de Furnas da Boa Sorte processam a pluralização, no momento da atualização da fala.

Passamos a transcrever as diversas seqüências em que esse fenômeno morfossintático da flexão de número na relação determinando em face do sintagma nominal, na fala dos moradores de Furnas da Boa Sorte ocorrem⁴¹:

- (1) **As galinha** rodô tudo (1QF1)
- (2) **Dois irmão** mais velhu (1QM5)
- (3) Lá pra casa **das tia** né (1QF2)
- (4) Aí foi criá **us leitão** ... e ai ... eu pidi pu ... pum ... rapais (1QM8)
- (5) **Us fii** tudu criadu graças a Deus (1QF4)
- (6) Era só **treis irmão** que eu tinha (1QF3)
- (7) As **minhas irmã** (1QM6)
- (8) **Nus braçu** (1QM7)

São algumas das seqüências lingüísticas, dentre outras, registradas nos momentos de atualização da fala de todos os informantes de que integram o *corpus* que compôs o grupo do fator **(Q)** da comunidade de Furnas da Boa Sorte, quando da aplicação do questionário morfossintático.

³⁹ Exemplos do informante n. 8, no contexto “us leitão” e do informante n. 2, no contexto “casa das tia né”.

⁴⁰ Estamos tratando dos determinantes nominais com especificidade nos artigos definidos.

⁴¹ Na codificação (1) ou (ø) é a variável dependente; (Q) Flexão de número na relação det. + nome; (M) ou (F) para masculino e feminino, por último, o número do informante.

Iniciemos a sistematização pelo fator Flexão de Número na Relação determinante + Nome **(Q)** – que teve o primeiro maior índice de incidências morfossintáticas a partir das selecionadas para a rodada de análises:

Tabela 7. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (Q) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	01 02%	39 98%	40	100%
FEMININO	00 0%	30 100%	30	

A tabela 7, referente ao cruzamento do fator morfossintático **(Q)** relativo ao uso da *flexão de número na relação determinante + nome*, com a variável extralingüística *sexo*, revela que homens e mulheres em situações espontâneas de atualização da fala em Furnas da Boa Sorte incidem aplicação da regra variável (desvio), em proporções elevadas e similares em percentuais, significando que a variante **(1)** prevaleceu em relação à variante **(0)**.

O valor percentual da variante **(1)** entre os homens foi de 98% frente a 2% da variante **(0)**; entre as mulheres de 100% da variante **(1)** e obviamente 0% da variante **(0)**;

Os pesos relativos apresentados, referente ao fator **(Q)** são relevantes para a sociolingüística porque a freqüência relativa da variável **(1)** referente ao fator **(Q)** permaneceu entre 98% e 100% e 2% e 0% da variável **(0)**. Este fator **(Q)** obteve no quadro geral uma média de freqüência relativa igual a 98% da variável **(1)** enquanto que da variável **(0)**, obtivemos o percentual 1%.

3.3.2 Enfraquecimento do futuro do presente (K)

Em situações de atualização da fala em Furnas da Boa Sorte, tal como acontece na linguagem do dia-a-dia, certos tempos verbais são pouco utilizados. É o que ocorre, por exemplo, no modo indicativo, com “o futuro do presente (*cantarei, baterei, partirei*)”, enfatiza Terra (2002, p. 191), “[...] é substituído por uma locução verbal formada pelo verbo *ir* no presente do indicativo seguido do infinitivo do verbo principal, substituindo *viajarei* por *vou viajar*.”

Neves (2000, p. 65) leciona que “[...] a construção do verbo *ir* com *infinitivo* de outro *verbo* indica futuridade: quando eu crescer *vou comprar* um carro bonito como o de seu Manoel Valadares”.

Por este fator, pretendemos analisar o modo pelo qual os moradores da comunidade de Furnas da Boa Sorte, no momento da atualização da fala, conjugam os verbos do futuro do presente, vale dizer, se utilizam verbos que indicam futuridade, acompanhados do infinitivo ou não.

Importante transcrever algumas seqüências lingüísticas extraídas do corpus que nos servem de exemplificação⁴²:

- (09) *Vai gradiá* (1KM5)
- (10) *Vai tocá* (1KM7)
- (11) *Vai Fazê* (1KM8)
- (12) *Vô ficá* (1KM6)
- (13) *Vai vim* (1KF1)
- (14) *Vô trabalha* (1KF2)
- (15) *Vô arrumá* (1KF3)
- (16) *Vá fazê* (1KF4)

Observamos que extraímos dos momentos de atualização da língua falada da comunidade em apreço dos quatro informantes de cada sexo, portanto em oito contextos diferentes, a incidência do fenômeno morfossintático e fator **(K)**.

A seguir, sistematizamos o fator **(k)**, que obteve o segundo maior índice de ocorrências entre o *corpus* morfossintático inseridos na rodada de análise estatística:

⁴² Na codificação (1) ou (∅) é a variável dependente; (K) enfraquecimento do futuro do presente; (M) ou (F) para masculino ou feminino e, por último, o número do informante.

Tabela 8. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (K) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	01 11%	08 89%	9	100%
FEMININO	00 00%	10 100%	10	

A tabela 8 refere-se ao cruzamento do fator morfossintático (**K**) relativo ao enfraquecimento do futuro do presente, com a variável extralingüística sexo, cujo resultado demonstra que entre os homens incidiu em maior número a aplicação da regra.

O percentual da variante (1) entre as mulheres foi de 100% em face do percentual 0% da variante (0); entre os homens, obtivemos o percentual de 89% na variante (1) e o percentual de 11% para a variante (0). Deste modo os valores relativos da variante (1) na ordem de 100% e 89%, versus 0% e 11% da variável (0) são relevantes para os estudos da sociolingüística.

Assim, o fator (**k**) obteve no quadro geral uma média de freqüência relativa igual a 94% da variante (1) frente a 5% de freqüência relativa da variante (0).

3.3.3. Flexão de número na relação sintagma nominal + sintagma Verbal (C)

Os gramáticos tradicionais da língua portuguesa conceituam a concordância como sendo “[...] um princípio sintático, segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam nas suas flexões com as palavras de que dependem” (CEGALA, 1977 *apud* VEADO 1982, p. 54).

Salienta Câmara Jr. (1971, p. 65), que “[...] em português, como nas demais línguas românicas, e mesmo indo-européias de maneira ampla, há entre o nome e o verbo uma oposição formal, que se manifesta na qualidade e no mecanismo da flexão”.

Scherre (2005, p. 67), observa que “[...] a concordância de número, quer verbal quer nominal, é uma das áreas mais férteis em termos de variação”.

É que, devido à exigência do sistema há uma redundância da marca plural enquanto que fatores lingüísticos e extralingüísticos conspiram para uma simplificação, como ocorre, por exemplo, no morfema de plural apenas aparecendo no determinante, como Azevedo (2007, p.2) em: “*Os menino chego ou chegáro; meus cóbri não chega pra nada etc.*”, e ainda a tendência para redução das flexões verbais, opondo-se a primeira às demais pessoas, como em: “vô, vai, vai, etc.”, e ainda como menciona Oliveira (2007), “perdida de la flexión: tu > foi, ele > foi, nós > foi e eles foi”.

Por outras palavras, na perspectiva variacionista, essa ausência de concordância entre os elementos do sintagma verbal (SV) é vista como decorrente de fatores sociolingüísticos e esse fenômeno segue um curso evolutivo do português falado no Brasil.

As análises dessa relação, *Sintagma + Sintagma Verbal (C)*, nos revela a maneira como os habitantes de Furnas da Boa Sorte processam a pluralização do sintagma nominal e sintagma verbal, no momento da atualização da fala. Deter-nos-emos a seguir nas situações contextuais em que o fenômeno ocorreu⁴³:

- | | |
|--|--------|
| (17) <i>Nois danemu a chorá quiria saí meu pai num quis dechá</i> | (1CM5) |
| (18) <i>Eu falu semp pus meu guri... falei... seis nunca viu nada dificiu</i> | (1CM7) |
| (19) <i>Lá elis plantava milhu i socava is quebrava u milhu semp</i> | (1CM8) |
| (20) <i>Pra nois rrumá um lugá pra eli né ... tantu qui nois arrumo</i> | (1CM6) |
| (21) <i>Nois tá cunversanu aqui passava um guri aqui ... bastava</i> | (1CF1) |
| (22) <i>Minha mãi meu pai trabaiava na roça</i> | (1CF2) |
| (23) <i>Essas zotra saía respondenu</i> | (1CF3) |
| (24) <i>Podi contá qui jeitu nois foi criadu</i> | (1CF4) |

Observe-se que nos contextos (19) *Lá elis **plantava*** e em (23) *Essas zotra **saía***, a ausência da marca de plural explica-se também pelo *princípio da saliência fônica* na relação singular/plural que se verifica na nasalidade da vogal átona final tanto em (19) como em (20), neste último com ditongação, conforme estudos de

⁴³ Na codificação, (1) ou (∅) é a variável dependente; (C) flexão de número na relação sintagma nominal + sintagma verbal; (M) ou (F) para masculino e feminino e, por último, o número do informante.

(NARO, 1981, SCHERRE & NARO, 1997, p. 95-98, NARO & SCHERRE, 1999, p. 22-29 *apud* SCHERRE, 2005, p. 54).

As seqüências lingüísticas são algumas das selecionadas no *corpus* que compôs o grupo do fator **(C)** e que foram analisadas a partir da atualização da língua falada pelos informantes da comunidade de Furnas da Boa Sorte, quando da aplicação dos quesitos do grupo morfossintático.

Prosseguimos sistematizando o fator **(C)** que registrou o terceiro maior índice de ocorrências morfossintáticas das que integraram a rodada de análises:

Tabela 9. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (C) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	02 12%	14 88%	16	100%
FEMININO	00 00%	16 100%	16	

A tabela 9, referente ao cruzamento do fator morfossintático **(C)** flexão de número na relação determinante do sintagma verbal, com a variável extralingüística sexo, revela que homens e mulheres em situações espontâneas de atualização da fala em Furnas da Boa Sorte incidem na aplicação da regra variável (desvio), em proporções elevadas, significando que a variante **(1)** prevaleceu em relação à variante **(0)**.

O valor percentual da variante **(1)** entre os homens foi de 88% frente à 12% da variante **(0)**; entre as mulheres de 100% da variante **(1)** e obviamente 0% da variante **(0)**.

Os pesos relativos apresentados, referentes ao fator **(C)** são relevantes para a sociolingüística porque a freqüência relativa da variável **(1)** referente ao fator **(C)** permaneceu entre 88% e 100% e 12% e 0% da variável **(0)**. Este fator **(C)** obteve no

quadro geral uma média de frequência relativa igual a 93% da variável **(1)** enquanto que da variável **(0)**, obtivemos o percentual 6%.

3.3.4. Artigo diante de antropônimos (N)

Na atualização da fala dos moradores de Furnas da Boa Sorte, identificamos o fenômeno do artigo diante de antropônimos. Sustenta Crystal (1997, p. 32), que “[...] muitos idiomas não tem sistemas de artigos⁴⁴, como o russo” sendo o mesmo, prossegue o escritor “[...] de base parcialmente gramatical e parcialmente semântica”. E Lyons (1979, p. 155), lembra que “[...] o artigo, em inglês, pode ser como uma classe de um só membro, que encerra a palavra *the*, invariável em gênero e número” asseverando ainda o lingüista (p. 294) que “[...] em todas as línguas o artigo definido origina-se de um pronome demonstrativo”.

Ribeiro (1957, p. 524), insere os “artigos” na categoria dos “adjetivos *determinativos*” e que “[...] o artigo indicativo é *o, a, os, as, a* que Lancelot, Soares Barbosa e outros chamão *definitivo*” (**sic**).

A gramática de Terra (2002, p. p.100), enfatiza que “[...] com nomes de pessoas geralmente não se usa artigo”, enquanto que Cadore (2000, p. 171), prefere dizer que “[...] o uso do artigo diante de nomes próprios denota familiaridade e é facultativo”.

Entretanto dá-se o nome de artigo, define Dubois (1973, p. 72) “a uma a subcategoria de determinantes [...] constituinte obrigatório, o artigo (definido) é em geral omitido (apagado) antes de nomes próprios como João, Júpiter, Paris”.

Quando empregado diante de antropônimos, além de ser o artigo definido indicativo de intimidade entre falantes, Leite & Callou (2002, p. 51-52), afirma que:

No Brasil, o uso obedece a uma distribuição regional nítida e é suficiente, por si só, para determinar a região de origem do falante [...] aumentando a frequência à proporção que se vai do nordeste para o sul do país.

Quanto ao uso na gramática normativa o artigo definido, afirma Neves (2000, p. 391), “ocorre em situações *diretas* como em: **A égua tem arreios?** Ou indiretas

⁴⁴ Estamos tratando do artigo definido.

como: *O jantar de ontem **nO restaurante** me trouxe recordações do nosso namoro, da época em que você escreveu Hortências*".

A função do **artigo definido** pode ser interpretada sob dois aspectos distintos, menciona Neves (2000, p. 396) "o de determinação e o da substantivação". Neste trabalho de análise morfossintática dos artigos diante de antropônimos damos ênfase ao aspecto interpretativo referente a determinação e verificamos o modo pelo qual os falantes de Furnas da Boa Sorte, inserem ou não, no momento da atualização da fala, o artigo diante de nome próprio. Observemos, assim, as seqüências lingüísticas extraídas do *corpus* para exemplificação do fenômeno⁴⁵:

(25) fazenderu Tacilu Bogi (0NM5)

(26) *otrus qui vieru pra cá com o Corone Zelitu* (1NM7)

(27) prá lá tamém caridadi ... Boa Sorti ... São Sebastião ... mais aqui tudu é Boa Sorti (0NH8)

(28) avô Bunifaciú Linu Maria (0NM6)

(29) *a Iliani ... fais cumida* (1NF1)

(30) u vei era ... era dureza (0NF2)

(31) *poque essas dois a Denir i u Caitanu* (1NF3)

(32) *u carlu* (1NF4)

Esses contextos lingüísticos são alguns entre outros registrados no *corpus* que compõe o grupo do fator Artigo diante de Antropônimos (**N**), os quais foram analisados a partir da atualização da língua falada pelos informantes da comunidade de Furnas da Boa Sorte.

Este fator (**N**) obteve a quarta colocação dentre as ocorrências morfossintáticas mais relevantes, considerando as que foram separadas para a rodada de análise, encontradas na fala da comunidade de Furnas da Boa Sorte. A seguir, temos a tabela de valores absolutos e percentuais do cruzamento deste fator (**N**) e a variável independente sexo.

⁴⁵ Na codificação (1) ou (ø) é a variável dependente; (N) artigo diante de antropônimos; (M) ou (F) para masculino e feminino e, por último, o número do informante.

Tabela 10. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfosintático (N) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	12 75%	04 25%	16	100%
FEMININO	04 50%	04 50%	8	

Os resultados percentuais acima demonstram que os informantes masculinos entrevistados em Furnas da Boa Sorte, em relação ao uso do artigo diante de nome próprio (**N**), com uma diferença de 25% a mais em relação às mulheres, adotam a construção regular.

No tocante à aplicação da regra variável, em relação a estes informantes masculinos, os índices apontam o mesmo percentual de 25%, a menor, em relação às mulheres, pois enquanto os homens incidem na aplicação da regra variável em 25% do total das ocorrências, as mulheres incidem em 50% do total de ocorrências na aplicação da regra variável (desvio). Assim, fica demonstrado que em Furnas da Boa Sorte em relação ao fenômeno (**N**) os homens adotam a construção regular; e em relação às mulheres, a concorrência acirrada entre o fator (**1**) e o fator (**0**), leva a irrelevância para os estudos sociolingüísticos.

3.3.5. Pronome nós versus a gente na conjugação do presente do indicativo (G)

Na linguagem coloquial, entre outras funções, sustenta Neves (2000, p. 469) que “[...] o sintagma nominal **a gente** é empregado como um pronome pessoal para a referência a *primeira pessoa do plural (=nós)*”. A propósito esclarece Ilari & Basso (2006, p. 115) que, “[...] *nós* (ou *a gente*) e *você* não são exatamente o plural de *eu* e *você* no sentido de que *nós* pode significar *eu + você* ou *eu + ele(s)*, ou ainda *eu+*

você(s)+ ele(s)”, ou ainda conforme (Neves, *Ibid.*) também é utilizado “para a indeterminação do sujeito”.

E Cunha (1972 *apud* VEADO 1982, p.23), de idêntica postura, menciona que “[...] na linguagem coloquial, emprega-se *a gente* por *nós* e também, por *eu*”, explicitando ainda Bechara (1978 *apud* VEADO, 1982, p. 23) que:

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular

Diversos estudos foram desenvolvidos no Brasil acerca do ***nós*** e ***a gente*** pois essa alternância no nível morfológico e de alternância no sistema pronominal para a referência à primeira pessoa do plural, como *Nós trabalhamos bem/A gente trabalha bem* (OMENA 1986, 1996, 2003, OMENA E BRAGA 1996, LOPES, 1993, 1999, 2003, (MENON, 1994, 1996, entre outros *apud* PAIVA & DUARTE, 2006, p. 131) “[...] não envolve propriamente uma oposição entre forma prestigiada e forma não prestigiada”.

Um aspecto importante na modelização da alternância entre *nós* e *a gente*, menciona Paiva & Duarte (*ibid.*)

[...] é o grau de saliência fônica entre a forma verbal na primeira pessoa do singular e do plural [...], pois quando maior o grau de distintividade entre as duas formas (por exemplo, *é/somos, faz/fazemos*), menores as chances de ocorrências da variante *a gente*.

Por isso, “[...] a forma *a nós*, que incide mais entre os falantes mais velhos, acima de 26 anos”, conforme relata Omena (1996 *apud* PAIVA & DUARTE, 2006, p. 131) “[...] sofreu o fenômeno da gramaticalização perdendo propriedades de sua categoria-fonte, de nome, tornando-se um pronome, sem perder nuances semânticas, como, por exemplo, de número indefinido de pessoas”.

Estudos realizados por Oliveira (2007), demonstram que:

[...] algunos aspectos sintáticos se alejan de la gramática tradicional y subrayan la diversidad del português de Brasil (PB), que, de cierto modo, está presente em todo el país. La expresión *a gente* sustituyendo al pronombre *nós* (nosotros): *A Gente faz a proposta/La gente hace la propuesta.*

Pretendemos por meio das análises deste fator Pronome Nós e a Gente na Conjugação do Presente do Indicativo (**G**), descobrir se os moradores da comunidade de Furnas da Boa Sorte, no momento da atualização da língua falada, empregam o pronome nós ou o pronome indeterminado *a gente* para conjugar o presente do indicativo.

A seguir, para melhor elucidação do fenômeno, transcrevemos algumas das seqüências lingüísticas⁴⁶:

- (33) *tantu tabaio pá cuidá nós ... i Eli quiri aqui dexassi sem a vaca nós...* (0GM5)
 (34) *dáveis a genti num ta muito bom vai chegandu um di carru né... não* (1GM7)
 (35) *eu pidi pu ... pum rapais qui ta senu subrin da genti ... Eli benzeu ela* (1GM8)
 (36) *nós jantava mei dia... tem dia qui ia armoçu pra nós na roça ... eu* (0GM6)
 (37) *nois ia ... é uma coisa qui aconteci ... tem qui sigui aquilu i num tem* (0GF2)
 (38) *uma paredi repartida assim era barru nós subia porque nós quis* (0GF1)
 (39) *nu é qui munhinta moça qui hoji a genti si vê ... há deus mi livi...* (1GF4)
 (40) *quandu saía festa a genti ia ... era era sempri eli falô ...* (1GF3)

Esses contextos lingüísticos que acabamos de transcrever são alguns dentre outros registrados no *corpus* que compôs o grupo de fator (**G**) e que, foram analisadas a partir da atualização da língua falada pelos informantes da comunidade de Furnas da Boa Sorte, quando da aplicação do questionário morfossintático.

Na sistematização do fator (**G**) obtivemos o quinto maior índice de ocorrências morfossintáticas, das que foram selecionadas para a rodada de análise.

⁴⁶ Na codificação (1) ou (∅) é a variável dependente; (G) pronome nós ou a gente na conjugação do presente do indicativo; (M) ou (F) para masculino e feminino, por último, o número do informante.

Tabela 11. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfosintático (G) e a variável “sexo”

V.D. Sexo	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	14 54%	12 46%	26	100%
FEMININO	26 79%	07 21%	33	

A tabela 11, referente ao cruzamento do fator morfosintático **(G)** (relativo ao uso do pronome *nós* versus *a gente* na conjugação do presente de indicativo) com a variável extralingüística **sexo**, revela que houve mais variações entre os informantes do sexo masculino.

O valor percentual da variante **(1)** entre os homens foi de 46% em face do percentual de 54% da variante **(0)**; entre as mulheres obtivemos o percentual de 21% da variante **(1)** frente ao percentual de 79% da variante **(0)**.

Os valores relativos relacionados o fenômeno **(G)** do uso do pronome *nós* e *a gente*, na conjugação do presente do indicativo, mostraram uma freqüência relativa da variante **(1)** referente ao fator **(G)** entre os percentuais de 21 e 46% versus 54 e 79% de freqüência relativa da variante **(0)**.

Os resultados tenderam à preservação pelos falantes de Furnas da Boa Sorte da forma pronominal *nós* numa atitude lingüística mais conservadora, mormente entre as mulheres, o que contrasta com a constatação de Paiva (2003, p. 36), tendência que se verifica entre os mais velhos⁴⁷, correspondendo também a outras pesquisas (OMENA, 1996 *apud* PAIVA & DUARTE, 2006, p. 142), que apontam “uma maior incidência da forma inovadora *a gente* entre os mais jovens”.

Por outro aspecto, por se tratar de comunidade rural fechada⁴⁸ e remanescente do quilombo, a variável *a gente* não prevaleceu para corroborar outras

⁴⁷ Conforme mencionamos anteriormente, trabalhamos com informantes com idade acima de 55 anos.

⁴⁸ Comunidade fechada e, por muitos anos, isolada devido à ancestralidade escrava dos informantes.

pesquisas realizadas em meios apenas rurais⁴⁹, tal como Veado (1982, p. 23) concluiu “[...] a forma *a gente* é altamente empregada pelos falantes do dialeto rural”

3.3.6. Advérbio de negação - presença ou não de *dupla negação* (D)

Carvalho & Nascimento (1969, p. 102), classifica esse fenômeno morfossintático da presença ou não da dupla negação como “[...] arcaísmo sintático de emprego de duas negativas preverbiais: ninguém non sabia”, ou como proscreeve Ilari & Basso (2006, p. 176) de que:

[...] Negação redundante com indefinidos negativos (*ninguém não sabia*); aparecimento de um segundo advérbio de negação depois do verbo e eventual queda do advérbio de negação anteposto: *não vem não* ou *vem não*.

Os advérbios de acordo com Neves (2000, p. 247) são “[...] *modalizadores asseverativos negativos* como em: não deixaria de ir ao cinema aquela noite, **de jeito nenhum**” e quanto à natureza do processo Neves (Ibid.) “[...] freqüentemente o enunciado **não** vem acompanhado de um novo enunciado **não** ou outro qualquer elemento de negação: **não**, você **não** sabe” e ainda menciona Neves (Ibid.) “[...] a negação em contextos de coordenação: “**não** fugiu **nem** mugiu”

Por meio desta questão, demonstraremos se os moradores da comunidade de Furnas da Boa Sorte, no momento da atualização da língua falada, realizam ou não dupla negação ao utilizarem advérbio de negação. Para tanto, observemos as seqüências contextuais a seguir extraídas das respostas ao questionário morfossintático⁵⁰:

(41) *e::: muintas noite eu vi escurecê e vi manhecê vê si eu pegava um pratu di cumida pra cume eli garrava a gemê passa mali eu incostava aquela pratu di cumida ... nun ia nun cumia mais ... (1DM5)*

(42) *num tinha capa pra genti si vedá da chuva eu passei fomi i tomá chuva frio i ia sem lanterna i pra lá ... cai num buraco saí ladera a rumo pa vim ... vinha cá compra*

⁴⁹ Pesquisa realizada na região de Sanfranciscana de Januária-MG, na década de 1980.

⁵⁰ Na codificação (1) ou (Ø) é a variável dependente; (D) advérbio de negação – presença ou não e dupla negação; (M) ou (F) para masculino ou feminino e, por último, o número do informante.

caía num buracu escuro ... (0DM7)

(43) meu pai ... eli era um carrerista i tocava sanfona i eli era também assim uma pessoa eli sirvia assim pras pessoa assim essa genti assim qui dá aula assim profesori ... intão qui ... vai qui foi istu ... qui **nun** tevi uma margi assim pra eli dá aula pra nós né (0DM8)

(44) eu num sei quantu tempu quei eli deu pra chegá di di Minas aqui ... aí já aqui quando chi chego aqui aí construiu a famia deli ... (0DM6)

(45) bachu a água tava mais raza ... só pá quem sabia nadá ... só saí pa fora ... **nun** dava **não** (1DF1)

(46) tem qui sigui aquilu e **num num** tem iscolha... (1DF2)

(47) minha mãe **nun** levava tudu pá roça... era unhas quantas ... minina muié era unhas ... **nun** ia tudu pá roça ... unhas ficava (0DF3)

(48) mais eli qui foi mi procurá né ieu eu não (0DF4)

Transcritas estas seqüências lingüísticas que foram extraídas do arcabouço morfossintático em momentos de atualização da língua falada dos informantes de Furnas da Boa Sorte, começemos a sistematizar o fator **(D)** dupla negação, que obteve o menor índice de ocorrências morfossintáticas dentre os fatores incluídos na rodada de análise.

Tabela 12. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator morfossintático (D) e a variável “sexo”

Sexo \ V.D.	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total	
MASCULINO	15 65%	08 35%	23	100%
FEMININO	24 80%	06 20%	30	

A tabela 12, referente ao cruzamento do fator morfossintático **(D)** que trata do

(uso do advérbio de negação - presença ou não de dupla negação), com a variável extralingüística **sexo**, mostram que em Furnas da Boa Sorte a variante **(0)** incidiu com maior frequência, com as mulheres liderando as incidências em contextos de construções regulares.

Assim, no fator **(0)** os homens apresentaram o valor percentual de 65% da construção regular e 35% da variante **(1)** aplicação da regra. As mulheres, por sua vez, atingiram o valor percentual de 80% da variável **(0)** e 20% da variável **(1)**.

Encerrando esse item do fator morfossintático **(D)** a frequência relativa da variante **(1)** oscilou entre 20 e 35% e de 65 e 80% de frequência relativa da variante **(0)**. Portanto, o fator **(D)** obteve uma média de frequência relativa igual a 73% da variante **(0)** e 26% de frequência relativa da variante **(0)**.

Conforme já mencionamos o passo seguinte e imediato de análise devido ao fato de termos elencado para esta dissertação um único fator extralingüístico⁵¹ *Sexo* e, por isso, não ser possível encontrarmos pesos relativos de significância entre outros fatores, tendo em vista que não foram estratificados, realizamos a primeira etapa da análise de *Regressão Múltipla — Step Up & Step Down* — para salientar não os pesos relativos de significância entre fatores extralingüísticos — mas os pesos relativos variacionais e confrontativos entre os **aspectos lingüísticos** e, por isso, esta etapa estará vinculada à etapa aspectual anterior e a posterior a esta⁵².

Desta forma, a exemplo da anterior, ao cabo de cada análise feita concernente ao *Binomial 1 Level* já disporemos o seu resultado.

3.3.7. Binomial 1 level

Conforme salientamos na análise anterior, é por meio da opção *Binomial 1 level* que obtemos o quadro que segue, que é indicativo da probabilidade global do poder da aplicação ou não da regra, vale dizer, da variável lingüística **(1)** e **(0)**. A interpretação do gráfico dependerá sempre da premissa de que devemos considerar o eixo *horizontal* - eixo das probabilidades – e o eixo *vertical* – eixo da aplicação da regra em valores totais.

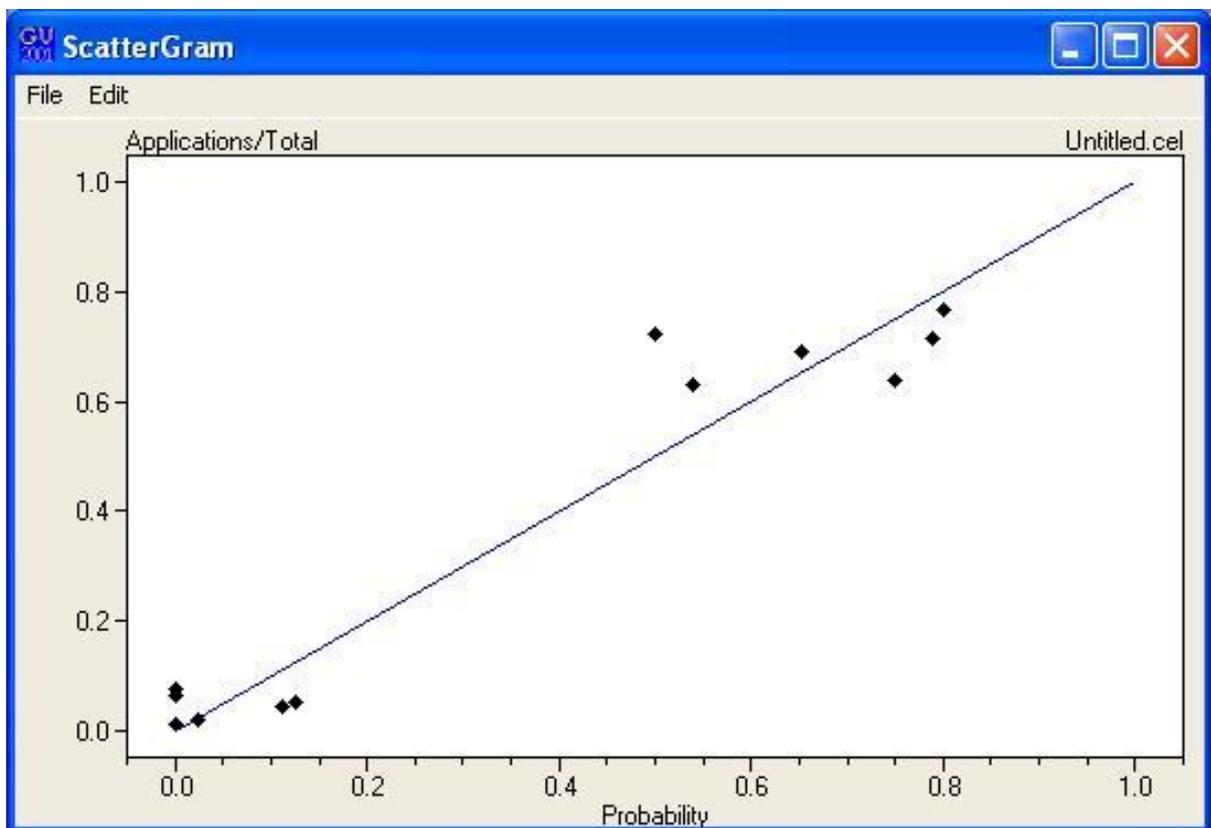
Importante novamente nos ater à reta diagonal que se mantém desde o ponto

⁵¹ Conforme nota 32, p. 43.

⁵² Conforme nota 33, p. 43.

zero até encontrar-se com o ponto final que determina os valores de 1.0 da horizontal e da vertical e lembramos que quanto mais distantes os pontos se mantiverem da reta, possuidora de inclinação e que passa pela origem, mais se comprovará a interação entre os fatores. Vejamos:

Gráfico 2 – Interação dos grupos de fatores morfossintáticos (Q, K, C, N, G e D) com a variável dependente.



3.4. ANÁLISE DOS FENÔMENOS SEMÂNTICO-LEXICAIS NA FALA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS DA BOA SORTE

3.4.1- O Léxico.

No estudo da variação e da mudança nos sistemas lingüísticos, o léxico afigura-se de base importante para a sistematização dos fenômenos, porque repita-se, conforme vislumbrado pelos neogramáticos e sedimentado por Wang (1969 apud MOLICA, 1993) que “[...] toda mudança sonora se processa foneticamente abrupta,

porém lexicalmente gradual”.

Nesse sentido, prossegue Mollica (Ibid.), “[...] categorias e subcategorias lexicais inibem ou favorecem as modificações lingüísticas, direcionando o seu curso de forma paulatina, motivada e sistemática”.

A semântica lexical, conforme Trask (2004, p. 262) “[...] é em termos simples o estudo do significado das palavras” e para a gramática gerativa transformacional, na visão de Dubois (1973, p. 527), “[...] a semântica é um meio de representação do sentido dos enunciados”, noção completada pela idéia de *campo semântico* que Dubois (Ibid.) define como “[...] área coberta, no domínio da significação, por uma palavra, ou por um grupo de palavras da língua”.

Em recente trabalho de variação lingüística do Brasil, Oliveira (2007) expõe que:

El estudio de la variación lingüística, dadas sus características continentales, exige bajo el aspecto lexical, un estudio muy criterioso a partir de las múltiples influencias: portugués europeo, negros, índios, en el período de formación, e italianos, españoles, poloneses, alemanes, em el período de la colonización, obviamente que, en donde existen quilombos, aldeas y colônias, las influencias y los prestamos tienen alta frecuencia, solo para ejemplificar, examine algunas manifestaciones lexicales de algunas regiones brasileñas. [...] iii. No Centro-Oeste: matula, chamamé, sesta, chalana, mamgaba, siriema, mutum, guavira, piúva, tuiuiú, gueirova, bolicho, curicaca, quebra torto, buenas, varadouro, tropim, tijuco, putiã, piroga, gambira, funda.

Por meio do léxico conforme Ilari & Basso (2006, p. 239) “[...] ocorreu a difusão do português pela população afro-descendente e mestiça” em razão da condição submissa a partir do período colonial. Porém, é inegável a influência africana no português do Brasil, conforme se manifesta Ribeiro (19-?, apud RODRIGUES, 2004, p. 150):

Sob a denominação de *Elemento negro* designamos toda a espécie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influência das línguas africanas faladas no Brasil. Essas alterações não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos: ao contrário, são bastante profundas, não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma.

No caso de Furnas da Boa Sorte, devido à questão histórica de isolamento e à

ancestralidade africana, tornou-se crucial “fotografar” as variáveis semântico-lexicais na expectativa de encontrarmos elementos de origem africana no português falado nesta região do Mato Grosso do Sul, com as influências da colonização, com vistas a demonstrar as particularidades do fenômeno semântico-lexical nos contextos de atualização da língua falada pelos seus moradores.

Observamos também nesse recorte dos fenômenos semântico-lexicais, por meio da rodagem de dados no conjunto estatístico Varbrul/2001 e pelos resultados obtidos, como se processou a *difusão do léxico* na comunidade, quais os componentes lexicais que mais retratam a localidade em seus aspectos socioculturais, trazendo o conteúdo da origem etimológica dos vocábulos relevantes.

As variações lexicais presentes na fala dos informantes que foram selecionados na comunidade de Furnas da Boa Sorte, para que houvesse o levantamento do *corpus* a ser descrito e analisado, foram englobados 19 campos semânticos conforme o ALMS, que são:

- a) Acidentes geográficos;
- b) Fenômenos atmosféricos;
- c) Tempo;
- d) Flora;
- e) Fauna;
- f) Corpo humano;
- g) Doenças mais comuns;
- h) Funções do corpo humano;
- i) Características Físicas;
- j) Cultura e convívio;
- k) Ciclos da Vida;
- l) Religião e crenças;
- m) Alimentação e utensílios;
- n) Vestuário e objetos de uso pessoal;
- o) Habitação;
- p) Trabalho e atividades agropastoris;
- q) Brinquedos e diversões;
- r) Sistema de pesos e medidas;

s) Outros;

O vocabulário empregado pela comunidade de Furnas da Boa Sorte, a toda evidência, está intimamente ligado à sua situação histórico-cultural, por isso os moradores dessa comunidade, em situações descontraídas de fala, nunca empreenderão contextos lingüísticos que contenham outros significados semânticos lexicais, porque assim, estariam negando as suas próprias identidades enquanto detentores do conhecimento lingüísticos necessário ao convívio com os seus pares.

Os campos semânticos que mais apresentaram variação lexical em Furnas da Boa Sorte foram: **Fauna** codificada como **(E)** e **Corpo Humano** codificado como **(F)**.

Para alcançar os valores absolutos e percentuais com relevância de 10% ou mais, fração mínima aceita pela sociolingüística entre os campos semânticos, codificamos os fatores lingüísticos e os fatores extralingüísticos na primeira rodada dos dados lexicais no Varbrul da seguinte maneira:

Fatores Lingüísticos :

Variável Dependente

Grupo 1: aplicação ou não da regra

∅ – não regionalismo (construção regular)

1 – regionalismo (aplicação da regra = desvio)

Fatores Extralingüísticos

Variáveis Independentes

Grupo 2: Campos Semânticos

A- Acidentes geográficos;

B- Fenômenos atmosféricos;

C- Tempo;

D- Flora;

E- Fauna;

- F- Corpo humano;
- G- Doenças mais comuns;
- H- Funções do corpo humano;
- I- Características Físicas;
- J- Cultura e convívio;
- K- Ciclos da Vida;
- L- Religião e crenças;
- M- Alimentação e utensílios;
- N- Vestuário e objetos de uso pessoal;
- O- Habitação;
- P- Trabalho e atividades agropastoris;
- Q- Brinquedos e diversões;
- R- Sistema de pesos e medidas;
- S- Outros;

Grupo 3: Variável Sexo

M- Masculino

F- Feminino

Tabela 13. Distribuição dos campos semânticos (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R e S) de acordo com a variável dependente.

Campos Semânticos	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total
A (Acidentes Geográficos)	37 33%	75 66%	112 3%
B (Fenômenos Atmosféricos)	49 55%	39 44%	88 3%
C (Tempo)	1 12%	7 87%	8 0%
D (Flora)	72 52%	64 47%	136 4%

E (Fauna)	156 51%	147 48%	303 10%
F (Homem)	134 43%	176 56%	310 10%
G (Doenças mais comuns)	80 37%	136 62%	216 7%
H (Funções do Corpo Humano)	25 39%	39 60%	64 2%
I (Características Físicas)	44 55%	36 45%	80 2%
J (Cultura e Convívio)	88 40%	132 60%	220 7%
K (Ciclos da Vida)	113 46%	131 53%	244 8%
L (Religião e Crenças)	50 54%	42 45%	92 3%
M (Alimentação e Cozinha)	123 59%	85 40%	208 7%
N (Vestuário e Acessórios)	166 66%	82 33%	248 8%
O (Habitação)	41 46%	47 53%	88 3%
P (Atividades Agropastoris)	138 60%	90 39%	228 7%
Q (Brinquedos e Diversões)	87 62%	53 37%	140 4%
R (Sistema de Pesos e Medidas)	20 83%	4 16%	24 0%
S (Outros)	27 42%	37 57%	64 2%
	1451 50%	1422 49%	2873 100%

De início podemos observar que os campos semânticos **E (Fauna)** e **F (Corpo Humano)** alcançaram a frequência relativa aceita pela sociolinguística.

No campo semântico **A (Acidentes geográficos)**, apareceu a variação lexical

{bucaina}⁵³ externado pelo falante no lugar de “montanha e serra”, destacando Bueno (1968, v.2 p. 525), que o termo significa “[...] passagem numa montanha e ‘boca’ do Tupi e o sufixo ‘aina’ indica quantidade, seqüência” e, na orientação de Machado (2003, v.1. p. 260), na toponímia de ‘vila, rio e serra’, e deriva, ção de boca, depressão numa serra”

Neste mesmo campo semântico **A** nos deparamos a construção {curixu}⁵⁴, do informante para representar “banhado”, Machado (Ibid. p. 451), traz “corixa” designando “[...] os furos que ligam o rio Paraguai ao rio Nabileque (Mato Grosso), desvio ou canal de escoamento de pequenos rios, lagoas, várzeas. Do tupi”.

Ainda nesse campo semântico **A (Acidentes geográficos)** obtivemos {lançanti}⁵⁵ em lugar de “baixada”, Bueno (1968, v.5 p. 2091) oferece sinonímia de “terreno ladeiro”

No campo semântico **B (Fenômenos atmosféricos)**, tivemos {curiscu}⁵⁶ para representar “relâmpago”, Bueno (Ibid. v. 2, p. 821), compila que coriscu “[...] é uma faísca elétrica, raio, relâmpago. Do latim curiscus”.

Prosseguindo nesse campo semântico **B** registramos o sintagma {camin de Santiago}⁵⁷ em lugar de “via láctea”, que segundo Bueno (Ibid. v.8, p. 4.243) “[...] o termo Galáxia, caminho de Santiago, extensa faixa que corta o céu, de cor esbranquiçada, mas luminosa. Do latim Via Láctea, caminho de leite, do grego Galaxias”. E, Machado (2003, v. 3, p. 1472) também significando “estrada de Santiago”.

Para concluir este campo semântico **B** nos deparamos ainda com o contexto {riscu di inchorru} no lugar de “arco-íris”, mas encontramos etimologia apenas para “enxurro” que para Bueno (Ibid. v.3, p. 1153), “corrente d’água lamacenta. Origem onomatopaica de churr, a mesma que está em jorrar, jorr. A ortografia devia ser enchurro corrente d`água lamacenta.

Do campo semântico **C (Tempo)** encontramos as variações lexicais {cumeçu di seca}, {troca di foia}, {friagi}, {madurô foia}, {tão florecenu}⁵⁸, criando, os

53 Resposta ao quesito n. 1, do ALMS, de como se chama uma elevação de terreno não muito alta?

54 Resposta ao quesito n. 3, do ALMS, lugar que está sempre cheio de água e coberto de vegetação?

55 Resposta ao quesito n. 2, do ALMS, o que é um terreno baixo próximo a um rio?

56 Resposta ao quesito n. 31 do ALMS, o que é a claridade breve e rápida que aparece no céu, quando vai chover?

57 Resposta ao quesito n. 23 do ALMS, em noites estreladas, aquela faixa esbranquiçada que fica bem no meio do céu?

58 Resposta ao quesito n. 37 do ALMS, estações do ano?

informantes, contextos a partir dos efeitos das estações do ano, como uma espécie analógica de “figuras de palavras” conforme Terra (2002, p. 407).

No concernente ao campo semântico **D (Flora)** obtivemos a variação lexical {ureia di pau}⁵⁹ substituindo “cogumelos” e para Bueno (Ibid. p. 756, v. 2) “[...] cogumelo, também conhecido por orelha de pau, urupê, tortulho. Fungo. Lat. médico cucumellum, dimin. de cucuma, propriamente, *tacho*, pela semelhança da forma”.

Nesse mesmo campo semântico **D** constatamos a variação lexical {penca}⁶⁰ que Bueno (Ibid. 2951, v.6) designa, como “[...] cacho, conglomeração de várias cousas, penca de bananas, penca de flores, penca de gente. De um deverbis *pendica do lat. * *pendicare*, estar pendente, próximo a cair”.

A **(Fauna) E** é um dos campos semânticos a apresentar freqüência relativa de 10% considerada relevante para a sociolinguística onde apareceram as expressões {aragá}⁶¹ no lugar de “bagonal”, que para Figueiredo (1899, apud HOUAISS) “haragán que foge do trabalho e vive no ócio; origem incerta”.

Ainda neste campo semântico **E** tivemos os vocábulos {quenquém}, {tucandira}, {caiapó}⁶² aduzindo Nascentes (19-?, p. 626) que, “quenquém nome onomatopéico de uma formiga e de uma gralha, pelos ruídos que fazem”. E Aurélio (2007) designa que “tocandira, do tupi fere muito, é utilizada pelos índios para cerimônias de emancipação dos adolescentes” e “[...] caiapó, de origem indígena, acepção vulgar da formiga *atta sexdens*”.

O campo semântico **F (Homem – Corpo humano)** é outro que apresentou freqüência relativa de 10% considerada relevante para a sociolinguística aparecendo as construções lexicais como {defrus}⁶³ no lugar de “ranho”, {pataca}⁶⁴ no lugar de “rótula do joelho” e {garrão}⁶⁵ no lugar de “calcanhar”, designado Bueno (Ibid. v.2, p. 884) que “[...] defluxão é escorrimento, coriza, no latim Defluxionem, de defluere e defluir, o mesmo que defluxo, no latim defluxus”.

E, seguindo neste campo semântico **F**, sustenta Bueno (Ibid. p. 3584), com a

⁵⁹ Resposta ao quesito n. 53 do ALMS, aqueles chapeuzinhos que nascem no chão úmido ou nos paus podres?

⁶⁰ Respostas ao quesito n. 50 do ALMS, um cacho de bananas pode ter 1,2,3,4 ... ?

⁶¹ Resposta ao quesito n. 76 do ALMS, animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro?

⁶² Resposta ao quesito n. 90 do ALMS, nomes de formigas?

⁶³ Resposta ao quesito n. 106, aquele negócio que escorre do nariz quando estamos com gripe?

⁶⁴ Resposta ao quesito n. 130, como se chama este osso redondo que fica sobre o joelho?

⁶⁵ Resposta ao quesito n. 133, como se chama esta parte do pé apontando para o calcanhar?

acepção de que “rótula é o nome da pataca do joelho, do latim *rotula*, rodinha, diminutivo de *rota* mais sufixo *ula*.”

Finalizando neste campo semântico **F**, proscreeve Bueno (Ibid. v. 4, p. 1530) que:

garrão, o nervo da perna dos cavalos, de *garra*, perna, do celta *garr* e não do árabe *garfa* que passou depois a *garra*, unha, mão de animais, de aves de rapina provida de unhas aduncas; de *garra-ano* se fez *garrano* e em seguida *garrão*; é pois o animal que tem pernas firme, fortes; daí as expressões: *afrouxar*, *molear o garrão*, isto é, molear as pernas, cair”.

No que tange ao campo semântico **G (Doenças mais comuns)** obtivemos {mula}⁶⁶, segundo Bueno (Ibid. v.5, 2551) “do latim mula, doença venérea, adenite” e para Cunha (*apud* HOUAISS, Ibid.) “no uso informal bubão venéreo”.

Ainda neste campo semântico **G** encontramos {impinja}⁶⁷ que para Bueno (Ibid. v.4, p.1867) “impigem, erupção de pelo, dermatose, do latim *impetiginem*”.

No campo semântico **H (Funções do corpo humano)** apareceram as construções de variações lexicais como {luari}⁶⁸ e {regra} ao invés de “menstruação” e conforme Bueno (Ibid. v.5, p. 2224), “lua em sentido figurado e mau humor, vulgarmente menstruação”

E no campo semântico **I (Características físicas)** obtivemos {mancu}, {aleijão}, {cambota} e {zambeta}⁶⁹, no lugar de “coxo e rengo”. Bueno (Ibid. v.7, 3465-6) estabelece que “rengo adj. manco, que puxa uma das pernas, do latim *renicus deriv. De renes, rins; no português náfico, sinônimo de rengo, e no o gr. nephros, rim, nephronikòs, portanto, o que é manco, que puxa uma perna por enfermidade renal”. No caso de aleijão Houaiss (s XV cf. IVPM) “lat. laes/o, onis 'lesão, ferida'com a-protético; ver les-; f.hist. sXV aleijam, sXV aleygão, sXV aleyjam”. E, no caso de cambota Bueno (Ibid. v., p. 596) designa “Peça arqueada, moldura curvo que se usa na construção de abóbadas, arcos, etc.; ato de virar as pernas para o ar, dar uma cambota uma cambalhota, de cambo e este de *comb*, curvo, arqueado, e sufixo *ota*”. E, nos termos de Houaiss (f. hist. 1899, C.F) “zambo + eta zambêta”

⁶⁶ Resposta ao quesito n. 140 do ALMS, quais as doenças sexualmente transmissíveis?

⁶⁷ Resposta ao quesito n. 156 do ALMS, doença que dá na pele e pode deixar marcas em todo o corpo?

⁶⁸ Resposta ao quesito n. 162 do ALMS, nome que se dá ao sangue que a mulher perde todo mês?

⁶⁹ Resposta ao quesito n. 174 do ALMS, pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade?

No campo semântico **J (Cultura e convívio)** temos as variações {negu açu}⁷⁰ ao invés de “mulato”, {pinicão}⁷¹ no lugar de “beliscão” e {buféti}⁷² variável de “soco”, cujo vocábulo não o encontramos similar com o mesmo significado, mas na acepção de Bueno (Ibid. v., p. 2605) negraçu, adjunto de negro forte e grande, de negro e sufixo aumentativo, aço, do latim aceus, acea”. E para a expressão penicar Bueno (Ibid. v. 6, p. 2955) “dar beliscões, beliscar do latim *pinna*, pena, aqui instrumento pungente e sufixo *icare*”. Prosseguindo Bueno (Ibid. v.2, p. 527) no item “bofetada golpe com a mão no rosto, ofensa, de *bofar* bufar, fez-se *bofete* em espanhol e Portugal; *bouffet* em Frances; daqui o verbo *bofetar*, *bofetear*, *esbofetear*”.

O campo semântico **k (Ciclos da Vida)** tivemos as variações {purvisão}⁷³, no sentido de ‘providência’ a ter que tomar o casal que está separando, em lugar de “desquite” e “divorcio” e {cumpanheru}⁷⁴, {borsa}, {capa} e {matraca} expressões muito utilizadas nas comunidades rurais, em vez de “placenta”, e {fecho u palito}⁷⁵ no lugar de “morreu”, conforme Houaiss (1255, cf. fich/VPM) “abotoar o paletó”.

No campo semântico **L (Religião e crenças)** encontramos {macumberu}⁷⁶ no lugar de “feitiço”, {satanais} e {ixu}⁷⁷ no lugar de “diabo”. Quanto à expressão macumba, Carvalho & Nascimento (1969, p. 99), “elemento africano de crenças e práticas rituais” e Houaiss (Ibid.) do século XX, do Quimb. Makumba, plural de Dikumba, cadeado, fechadura em cerimônias de fechamento de corpus em rituais”. E satanáis em Houaiss (s XIII, cf. fich IVPM), “f. hist. s XIV sathanas, s XIV ssatanas, 1561” e para “exu 1933, na quimbanda, espírito maligno, diabo e demônio”.

Configurando-se assim neste campo semântico **L**, valores culturais, crenças e religião dos antepassados, mantidos até este século XXI, conforme construções lexicais reveladas a partir da fala dos informantes de Furnas da Boa Sorte.

No campo semântico **M (Alimentação e Cozinha)** constatamos as variáveis

⁷⁰ Resposta ao quesito n. 182 do ALMS, pessoas que tem a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro?

⁷¹ Resposta ao quesito n. 200 do ALMS, como se chama isto, mostrando um beliscão?

⁷² Resposta ao quesito n. 201 do ALMS, como se chama isto, mostrando um soco?

⁷³ Resposta ao quesito n. 230 do ALMS, separação em frente a um juiz?

⁷⁴ Resposta ao quesito n. 211 do ALMS, bolsa que ao se arrebentar a criança nasce?

⁷⁵ Resposta ao quesito n. 232 do ALMS, outras designações dadas a quem morre?

⁷⁶ Resposta ao quesito n. 247 do ALMS, que se pode fazer com a ajuda de maus espíritos para prejudicar alguém?

⁷⁷ Respostas aos quesitos n. 243 e 244 do AMLS, Deus está no céu e o diabo. Outras designações para diabo?

lexicais {quibebi}⁷⁸, {pamonha}⁷⁹, {cachaça}⁸⁰ e {candeia}⁸¹ respectivamente nos lugares de “caribeu”, “pamonha”, “pinga” e “lâmparina”. Bueno (Ibid. v.7. p. 3303), designa “quibebe prato culinário feito de abóbora madura, sal e temperos comuns, de origem africana” esta, ratificada por Carvalho & nascimento (Ibid. p. 99).

Quanto à pamonha, na acepção de Bueno (Ibid. v. 6, p. 2843), “milho verde ralado e misturado com açúcar, levado ao forno lento para cozinhar. Do tema *pam*, bater amassar e *monhã*, fazer batendo”, trazendo Houaiss (Ibid. 1877, cf. MS) “do tupi *pamuiñã*”.

Carvalho & Nascimento (Ibid. p. 99), traz o vocábulo *cachaça* como de origem africana, o mesmo se encontrando em Coutinho (1976, p. 325). No entanto Bueno (Ibid. v.2, p. 562), traz a acepção de que:

Cachaça, s.f. Porca Velha, feminino de *cachaço*, corpo velho. Modernamente significa apenas álcool, pinga, mas a origem e a mesma, tendo-se dado uma contaminação semântica. Lat. *catlu* (cacho) + *aça* (lat. *ocea*) = *cachaça*. Em latim, a todo animal pequeno, especialmente, filhote, dava-se o nome de *catulus*, de que *catlu* é contração por síncope da postônica. O grupo *tl* como *cl* palatiza-se em *ch*: *catlu* = *cacho*. O sufixo áceo, do latim *aceus*, *acea*, indicante de força, resistência física: *cachaça*. A carne da *cachaça* era e é de difícil cocção. Adicionava-se-lhe e ainda lhe adicionava álcool para amolecê-la. Houve contaminação semântica e a *cachaça* passou a significar pinga, álcool. Nada tem que ver com as supostas origens africanas e até tupis que lhe deram ao menos lidos em autores medievais.

Ainda em relação à origem da expressão *cachaça*, em trabalho realizado na comunidade negra do Cafundó, Vogt & Fry (1996, p. 316/339), traz a acepção de que “o vocábulo *cachaça* em línguas africanas ressoam como: “marafa, quimbombe (cf. quimbundo *kimbembe*, coisa que pinga, pingador), rogonja, orogonja, vienguê (forma que aparece em Minas Gerais)”

E, concluindo este campo semântico M (alimentação e cozinha), Bueno (Ibid. v.2, p. 604), menciona que “*candêa* s.f. vela do latim *candela* de *cândere*, queimar, iluminar, *candeia*”

O campo semântico **N (Vestuário e acessórios)**, traz como variáveis

⁷⁸ Resposta ao quesito n. 254 do ALMS, nome da bebida feita com carne e mandioca picadinhos e muito caldo?

⁷⁹ Resposta ao quesito n. 255 do ALMS, comida que é feita de milho verde ralado e cozida na palha?

⁸⁰ Resposta ao quesito n. 259 do ALMS, bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

⁸¹ Resposta ao quesito n. 274 do ALMS, sem luz elétrica o que se usa para iluminar a casa?

lingüísticas {camisola}⁸², {camisolão}⁸³ e {paieru}⁸⁴ no lugar de “camiseta, “pijama” e cigarro de palha. Observemos que nos dois primeiros casos, os informantes de Furnas da Boa Sorte trazem referências lingüísticas do Português Europeu, evidenciando atitude lingüística conservadora nas construções semântico-lexicais com significados vindos com a colonização.

A propósito a acepção de Bueno (Ibid. v. 2, p. 598) camisola – s.f. Camisa de fraudas longas e usada pelas crianças, pelos adultos para dormir. Em Portugal é a camisa de esporte, dos jogadores de futebol. Suf. *ola*. SB p. 598, v.2. SB p. 598, v.2.

Prosseguindo Bueno (Ibid. v. 2, p. 598), que “[...] camisolão é uma camisola comprida, sambenito das antigas execuções capitais, de camisola + ao”

E para {paieru} expressão muito usual nas áreas rurais, Houaiss (Ibid. 1124 cf. JM), traz como regionalismo do Brasil “palha + -eiro; ver palh-; f.hist. 1124 palleario, sXIII palieiros, 1600 palheiro”.

No que se refere ao campo semântico **O (Habitação)** obtivemos as variações lexicais {barracu}⁸⁵ e {dispensa}⁸⁶ no lugar das variáveis “rancho” e “galpão”. Para Houaiss (Ibid. 1913, cf. CF) “[...] barraco é casa mal construída, barracão; etim. barraca com alt. da vogal temática -a para -o, tomado como desin. de masc.; ver barrac-.

No caso de despensa, prosseguimos com Houaiss (Ibid. s XIII, cf. IVPM) etim., lat. tar. *dispensa*, ae 'o necessário para a manutenção e conservação de alguém, p.ext. 'lugar em que se guardam os mantimentos'; f.hist. sXIII *despêsa*, sXIV *despensa*, sXV *despença* 'despesa'.

Neste Campo semântico incidiu a variável de construção regular “tapera”, conforme Bueno (Ibid. v. 2, p. 3896) “s.f. casa abandonada, do tupi *tapera* que está por *tapuera*, taboa que foi abandonada” .

Observemos que a própria diacronia do léxico em suas evoluções de significado, como se colheu na fala dos moradores de Furnas de Boa Sorte o termo “dispensa” variável inicial de “galpão” que também é “despensa”, designado

⁸² Resposta ao quesito n. 276 do ALMS, camisa fechada de malha?

⁸³ Resposta ao quesito n. 290 do ALMS, roupa que se usa para dormir, mulher e homem?

⁸⁴ Resposta ao quesito n. 303 do ALMS, cigarro barato feito pelo próprio homem?

⁸⁵ Resposta ao quesito n. 310, do ALMS, casas bem pobres construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?

⁸⁶ Resposta ao quesito n. 312, do ALMS, construção feita principalmente nas fazendas para os peões morarem e provisoriamente guardarem seus petences?

“despesa”, portanto com significados distintos.

O campo semântico **P (Atividades agropastoris)** apresenta as variações semânticas lexicais como {sabugu}⁸⁷, {balaiu e jacá}⁸⁸ e {tuia}⁸⁹ substituindo as construções lexicais aguardadas “espiga”, “mão de milho” e “bolsa de estopa”, respectivamente.

Bueno (Ibid. v. 7, p. 3603), sabugo parte da espiga de milho onde se fixam os grãos lat. vulg.: *sabucus*. lat. liter. *sambucus*. deriv.; em Houaiss (s XIV cf. PM), “já em 1789, na rubrica da agricultura carolo, *sabuku*, rolha, cavilha, tarugo

Para Bueno (Ibid. v. 2, p. 475), o termo “balaio, cesto de vime, de origem desconhecida cuja forma castelhana *balay* é a que se aproxima da nossa, atribuída à língua americana até agora ainda não identificada”.

Quanto a jacá, Bueno (Ibid. v.4, p. 2016) diz que é “cesto grande, próprio para cargas, feito de taquara do tupi *yacá*, *ayacá*.”

E para “tulha” Bueno (Ibid. v. 8, p. 4112), afirma ser “celeiro para cereais, em Portugal depósito de azeitonas. Com este significado F. Adolfo Coelho, achou que o étimo fosse do lat. *tudicula*, máquina de moer azeitonas. O significado convém e a evolução fonética é também correta”.

No referente ao campo semântico **Q (Brinquedos e diversões)** apareceram expressões como {samba}⁹⁰, {mazum}⁹¹, {parieru}⁹², vocábulos que denotam variações lexicais na fala dos moradores de Furnas da Boa Sorte, os dois primeiros como ritmos mais dançados e músicas mais tocadas na comunidade e o último no lugar de “carreirada”.

Aurélio (2004), “o samba dança cantada, de origem africana do quimb. *Semba*, 'umbigada', do umbundo *samba*, 'estar animado, estar excitado', ou do luba e outras línguas bantas, *samba*, 'pular, saltar com alegria”.

Da variação {mazum} Aurélio (Ibid.) “mazurca do pol. *Mazurka*, pelo fr. *mazurka* é dança popular polonesa, originariamente cantada e dançada, em compasso ternário, com uma acentuação característica no segundo tempo, e que, no

⁸⁷ Resposta ao quesito n. 328 do ALMS, a parte do milho onde ficam os grãos?

⁸⁸ Resposta ao quesito n. 332 do ALMS, como se mede a quantia de espigas colhidas?

⁸⁹ Resposta ao quesito n. 336 do ALMS, como se chama o depósito onde se guarda a colheita?

⁹⁰ Resposta ao quesito n. 363, do ALMS, quais as músicas mais tocadas aqui?

⁹¹ Respostas ao quesito n. 364, do ALMS, quais as danças preferidas nas festas?

⁹² Respostas ao quesito n. 361, do ALMS, divertimento em que as pessoas colocam dois cavalos para correr numa pista reta e fazem apostas?

Brasil do séc. XIX foi dança de salão”.

A variação {parieru} que, na rubrica do turfe e hipismo, conforme Aurélio (Ibid.) “cavalo criado e treinado para disputar corridas, páreo, parelha + *-eiro*, adp. do plat. *parejero*, de *pareja* 'parelha'; ver *par(i)*”.

No campo semântico **R (Sistema de Pesos e Medidas)** encontramos as variações lexicais como {balança}⁹³, {borsa} e {regra}⁹⁴, sendo as duas primeiras nos lugares da variável da aplicação da regra “litro” e a terceira como variação de “metro”

A variação [regra] conforme Houaiss (Ibid. s XIII, fich IVPM):

É lat. *regiŕla,ae* 'régua, barra de pedreiro ou carpinteiro para aferir e tornar reta uma superfície, normas que servem de guia a procedimentos, dim. der. do rad. do v. *regĕre* 'dirigir, guiar, conduzir, governar'; de mesma orig., os voc. divg. quanto à forma *regra*, *régua* e *relha* se firmam no port. com signf. tb. diferentes; ver *regul-*; f.hist. sXIII *regra*, sXIII *regla*, sXIV *regleas*, sXIV *rrega*, sXV *reglla*, 1798 *rega*.

Assim a utilização de vocábulo {regra} como aplicação da regra variável (desvio), em contraposição com a variável aguardada (padrão) “metro”, sob qualquer olhar crítico é inabalável, porque [regra] no histórico do léxico é sinônimo de “régua” objeto que, de acordo com o quesito formulado, tem utilidade similar à variável “metro”. Nesse aspecto, mais uma vez, fica configurada a assertiva de Oliveira & Durigan (2004, 35), de que “não existe hierarquia no conhecimento”.

No campo semântico **S (Outros)**, obtivemos as variáveis lexicais {murozin}, {lombada}⁹⁵, {giganti}⁹⁶, {quilão}⁹⁷ e {bisqueteru}⁹⁸, nos lugares das construções regulares, os dois primeiros “quebra-molas”, “jamanta”, “sesta” e “ciclista”, respectivamente.

As variações para as quais encontramos justificativa etimológica, conforme Houaiss (Ibid. 1113, cf.JM), como “do regionalismo sul e sudeste com quebra-molas; e etim. *lomba* + *-ada*; ver *lomb(o)-*; f.hist. 1113 *lombada*, c1541 *lombada*”.

⁹³ Resposta ao quesito n. 371, do ALMS, como o agricultor mede a quantidade de semente que plantou?

⁹⁴ Resposta ao quesito n. 368, do ALMS, quando se vai medir uma tábua, que tipo de medida se usa?

⁹⁵ Resposta ao quesito n. 372 do ALMS, como se chama aquela parte um pouco mais alta feita no asfalto para que os carros passem mais devagar?

⁹⁶ Resposta ao quesito n. 373 do ALMS, aquele caminhão enorme que serve para carregar cargas pesadas?

⁹⁷ Resposta ao quesito n. 376, do ALMS, àquela hora, depois do almoço, em que as pessoas descansam e tiram uma soneca?

⁹⁸ Resposta ao quesito n. 379, do ALMS, quem anda de bicicleta é?

E, quanto a variação de {sesta} que segundo Houaiss (Ibid. s XIII, cf. AGC), “pelos latinos a sesta hora era ao meio dia” prossegue Houaiss (Ibid. 1712 cf. RB), “e, A. Nascentes, em TFB, anota que, segundo Alfredo de Carvalho, na expressão *fazer o quilo*, este voc. viria do quimb. *quilo* 'sono' e não do citado voc. gr. que significa 'suco digestivo', como poderia parecer”.

Para a variação {bisqueteru} ocorrida em Furnas da Boa Sorte, Aurélio (2004), assinala apenas “bicicleta + -eiro”. Desta forma está concluída a descrição dos fenômenos semânticos lexicais de Furnas da Boa Sorte.

Visando não apenas à descrição dos dados semânticos lexicais de Furnas da Boa Sorte, foi necessário realizar uma nova rodada desses dados de aspecto lexical no VARBRUL, desta feita sem que as codificações interferissem nos resultados. Assim, incluímos todos os campos semânticos (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S) para atingirmos aos valores de forma geral no que se refere aos números absolutos e percentuais de variações lexicais encontrados na comunidade.

Tabela 14: Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento da variável dependente e a variável sexo.

SEXO \ V.D.	Construção Regular	Aplicação da Regra	Total
MASCULINO	786 52%	710 47%	1.496
FEMININO	665 48%	712 51%	1.377

Conforme se observa na tabela 14, das 2.873 ocorrências que compuseram o *corpus* dos campos semântico-lexicais que mais incidiram na fala dos moradores de Furnas da Boa Sorte, entre os homens, obtivemos 786 ocorrências da construção regular **(0)**, o que equivale a um valor percentual de 52%, e 710 incidências da aplicação da regra variável **(1)**, correspondendo a um valor percentual de 47%.

Entre as mulheres, constatamos 665 ocorrências da construção regular **(0)**, o que importa num valor percentual de 48% e, 712 incidências da aplicação da regra **(1)**, com 51% de valor percentual.

Na comunidade de Furnas da Boa Sorte, quanto ao fenômeno analisado 51% das mulheres apresentam construções lexicais de aplicação da regra **(1)** 4% acima em valores percentuais que os homens (47%).

Assim o total de ocorrências entre os homens incluindo construção regular **(0)** e aplicação da regra **(1)** foi de 1.496; ao passo que, o total de ocorrências entre as mulheres, incluindo a construção regular **(0)** e a aplicação da regra **(1)**, foi de 1.377.

Conforme já mencionamos, o passo seguinte e imediato de análise devido ao fato de termos elencado para esta dissertação um único fator extralingüístico⁹⁹ *Sexo* e, por isso, não ser possível encontrarmos pesos relativos de significância entre outros fatores, tendo em vista que não foram estratificados, realizamos a primeira etapa da análise de *Regressão Múltipla — Step Up & Step Down* — para salientar não os pesos relativos de significância entre fatores extralingüísticos — mas os pesos relativos variacionais e confrontativos entre os **aspectos lingüísticos** e, por isso, esta etapa estará vinculada às duas etapas aspectuais anteriores¹⁰⁰, por isso segue Binominal I Level.

3.4.2. Binomial 1 level

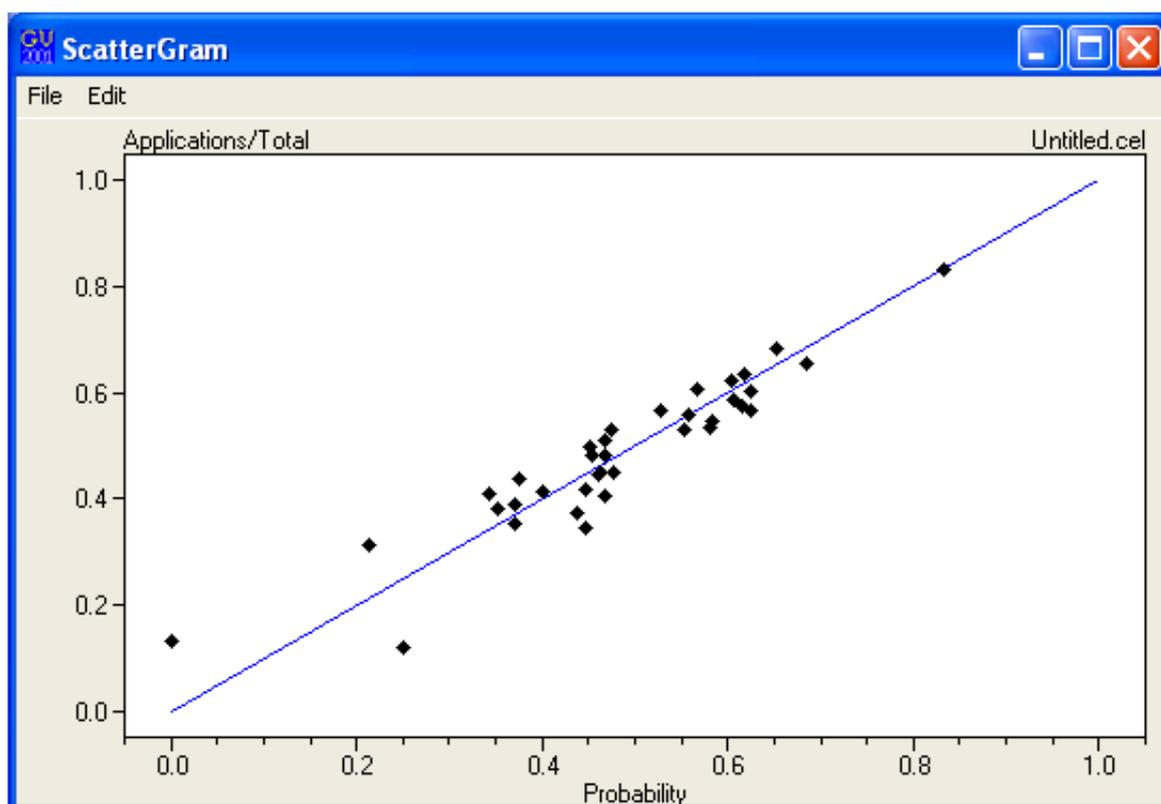
Conforme salientamos na análise anterior, é por meio da opção *Binominal 1 level* que obtemos o quadro que segue, que é indicativo da probabilidade global do poder da aplicação ou não da regra, vale dizer, da variável lingüística **(1)** e **(0)**. A interpretação do gráfico dependerá sempre da premissa de que devemos considerar o eixo *horizontal* - eixo das probabilidades – e o eixo *vertical* – eixo da aplicação da regra em valores totais.

Importante novamente nos ater à reta diagonal que se mantém desde o ponto zero até encontrar-se com o ponto final que determina os valores de 1.0 da horizontal e da vertical e lembrarmos que quanto mais distantes os pontos se mantiverem da reta, possuidora de inclinação, mais se comprovará a interação entre os fatores. Vejamos:

⁹⁹ Conforme nota 32, p. 43.

¹⁰⁰ Conforme nota 33, p. 43.

Gráfico 3 – Interação dos grupos de fatores semânticos lexicais (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R e S)) com a variável dependente.



Conforme vemos no gráfico, os pontos mais distantes da reta são os fatores especificados no grupo de elementos lingüísticos vale dizer, o grupo 1 da codificação dos dados, que no caso dessas análises lexicais, é representado por apenas 1 ponto, o mais distante.

3.5. RESULTADOS DA FUNÇÃO REGRESSIVA MÚLTIPLA

A regressão *Múltipla* é a função do VARBRUL que aponta qual ou quais grupos apresentaram maior relevância para a hipótese de que a variável dependente **(1)** tenha, realmente, se destacado em relação à variável dependente **(0)**, e quais os grupos de fatores lingüísticos dentro das vertentes: fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical foram confirmados como relevantes, assim como os que foram rejeitados pelo programa por não apresentarem grau de relevância.

Conforme lembrado nos seguimentos aspectuais anteriores, o cruzamento dos dados que compuseram globalmente o *corpus* da comunidade de Furnas da Boa Sorte, se deu entre os aspectos lingüísticos em razão de termos estratificados um único fator extralingüístico (sexo).

3.5.1. BINOMINAL UP & DOWN

A opção Binominal, UP & Down, inicia a análise progressiva, ou seja, o **step-up**. Denomina-se step-up por acrescentar, gradativamente, cada grupo de fatores por sua vez até que todos tenham sido devidamente agrupados.

No nível (LEVEL 1) aparecem ordenadas todas as probabilidades associadas aos fatores de cada grupo, tomados individualmente, finalizando sua operação ao selecionar o primeiro grupo de fatores **fonéticos**, o grupo **(B, A, E e R)**, estatisticamente relevante, através da mensagem:

Add Group 1# with factors BARE

No tocante às análises fonéticas realizadas, o grupo selecionado como relevante é o grupo três, referente aos fatores lingüísticos, ou seja, o grupo pertencente ao fenômeno lingüístico da Epêntese **(E)**.

B=0,385; A=0,405; **E=0,627**; R=0,510

No nível dois (LEVEL 2), o grupo um é combinado aos demais para, depois de apurar o grau de relevância estatística de cada combinação, selecionar o segundo grupo com maior relevância significativa no grupo de fatores, neste caso, o de aspecto fonético. Assim, obtivemos a repetição da imagem:

Add group #2 with factors **MF**

Neste nível, o grupo selecionado é o dois referente ao grupo sexo (M – Masculino e F- Feminino). Observamos aqui, que as probabilidades associadas aos fatores fonéticos **(B, A, E e R)**, foram procuradas no contexto em que cada grupo

ocorreu. Constatamos, também, que o grupo um¹⁰¹, ao interagir com os demais grupos [no caso o grupo 2 sexo], apresentou alterações nas probabilidades, alterando os valores referentes a cada fenômeno fonético analisado. Vejamos:

- Com o grupo dois, sexo: B= 0,391; A= 0,409; E= 0,630; R= 0,499

Na *Regressão Multipla*, os **grupos de fatores morfossintáticos** apresentou na etapa de análise Binomina, Up & Down, no nível 1 (LEVEL 1), onde aparecem ordenadas todas as probabilidades associadas às variáveis de cada grupo (**CKDNOG**), estatisticamente relevante, através da mensagem:

Add Group # with factors CKDNOG

No tocante às análises morfossintáticas, o grupo selecionado como relevante é o grupo um dos fatores lingüísticos e entre este o do **advérbio de negação – presença ou não de dupla negação (D)**.

C=0,190; K=0,163 **D=0,907**; N=0,875; Q=0,049; G=0,881

O próximo nível operado pelo sistema, LEVEL 2, procedendo da mesma maneira, sempre executa a interação dos grupos anteriormente selecionados a novos grupos possíveis de serem selecionados. Neste estudo, o software emitiu a seguinte mensagem:

No remaining while stepping up: 1

A mensagem acima significa que o programa excluiu os outros grupos (até por não terem sido estratificados), e por isso não aparecem outros resultados, significativos. Assim, segundo esta mensagem, o programa selecionou 1, ou seja, o grupo de fatores 1, das variáveis lingüísticas, considerando-o relevante dentro dos resultados estatísticos.

¹⁰¹ O grupo 1, representa a codificação dos fatores fonéticos (B = lotização. A = Apócode; E = Epêntese; R = Rotacismo). Os valores numéricos que aparecem se relacionam à interação do grupo 1 com o grupo 2 sexo e demais informações codificadas na p.27.

Assim, a análise regressiva – como no caso das análises morfossintáticas – comprovou a veracidade da análise progressiva, já que esta confirma os dados daquela, vale dizer, o que a análise progressiva seleciona como relevante, por meio da exclusão dos outros grupos, a análise regressiva exclui justamente o que a outra não havia selecionado.

Na *Regressão Multipla*, os **grupos de fatores semântico-lexicais**, apresentou na etapa de análise Binomina, Up & Down, no nível um (LEVEL 1), onde aparecem ordenadas todas as probabilidades associadas às variáveis de cada grupo, tomadas individualmente finalizando sua operação ao selecionar o primeiro grupo de fatores, o grupo **(A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S)**, estatisticamente relevante, através da mensagem:

Add Group # with factors ABCDEFGHIJKLMNOPQRS

No tocante às análises semânticas lexicais, o grupo selecionado como relevante é o grupo um dos fatores lingüísticos:

A=0,326; B=0,551; C= 0,123; D= 0,524; E=0,509; F=0,427; G=0,365; H=0,385; I=0,544; J=0,395; K=0,458; L=0,538; M=0,586; N=0,664; O=0,460; P=0,600; Q=0,616; **R=0,830**; S=0,417, e entre estes o **sistema de pesos e medidas (R)**.

O próximo nível operado pelo sistema, LEVEL 2, procedendo da mesma maneira, sempre executa a interação dos grupos anteriormente selecionados a novos grupos possíveis de serem selecionados. Neste estudo, o software emitiu a seguinte mensagem:

Groups selected while stepping up: 1

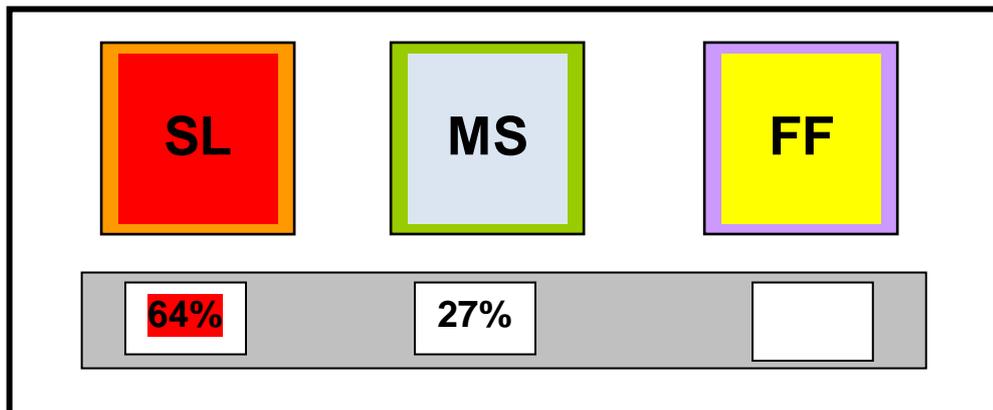
A mensagem acima significa que o programa excluiu os outros grupos (até por não terem sido estratificados), e por isso não aparecem outros resultados, significativos. Assim, segundo esta mensagem, o programa selecionou 1, ou seja o grupo de fatores 1, das variáveis lingüísticas, considerando-o relevante dentro dos resultados estatísticos.

Assim, a análise regressiva – como no caso das análises dos fenômenos

semânticos lexicais – comprovou a veracidade da análise progressiva, já que esta confirma os dados daquela, vale dizer, o que a análise progressiva seleciona como relevante, por meio da exclusão dos outros grupos, a análise regressiva exclui justamente o que a outra não havia selecionado.

Conforme anunciado anteriormente, realizamos a primeira etapa da análise de *Regressão Múltipla — Step Up & Step Down* — para salientar não os pesos relativos de significância entre fatores extralingüísticos — **mas os pesos relativos variacionais e confrontativos entre os aspectos lingüísticos** e, por isso, apresentamos através do quadro que segue o aspecto de maior relevância, com cada conjunto de letras representando um aspecto: SL = Semântico-lexical; MS = Morfossintático; FF = Fonético-fonológico, preenchido no campo representativo próprio o valor percentual de relevância de cada aspecto.

Quadro F - Confrontação dos aspectos lingüísticos e apuração dos pesos variacionais relativos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cabo desta pesquisa sociolingüística na comunidade de Furnas da Boa Sorte buscamos descrever e analisar as variáveis lingüísticas dos fatores fonéticos, morfossintáticos e lexicais, em situações naturais de fala, promovendo o cruzamento do elemento extralingüístico sexo.

Por este método se constatou, mais uma vez, sob a premissa da heterogeneidade do Português Brasileiro, formado pela conjugação de falares social e geograficamente diferenciados, que podemos perfeitamente encontrar no interior deste sistema maior, uma comunidade de fala com alto índice de freqüência da aplicação da regra (desvio), sem gerar o “caos”, e sem afetar a estrutura e o significado dos contextos lingüísticos nos seguimentos estudados.

Por isso, inspiradas na teoria Laboviana, salienta Paiva & Duarte (2006, p. 135) que “[...] o princípio da heterogeneidade ordenada e sistemática pode ser constatado em todos os níveis lingüísticos em todas as línguas naturais, o que não exclui, em hipótese alguma, a existência de regras categóricas”.

Por conta disso, independentemente da *competência* e do *desempenho* dos falantes da comunidade estudada, suas manifestações lingüísticas são facilmente compreendidas por qualquer pessoa, o que comprova a notória acepção de que, para comunicar-se ou falar uma língua (no caso, o português), não é necessário o acesso prévio às noções de gramática normativa.

A par da diversidade étnica pela qual o português do Brasil foi constituído a partir da vertente Portuguesa com a inclusão do elemento indígena, do arsenal lingüístico-cultural africano, não obstante o tempo decorrido, encontramos na comunidade em apreço, nas *variáveis lingüísticas* a constatação do multilingüismo que compõe a nossa língua e cultura.

Pelas condições históricas, étnicas e ambientais com que foi constituída a comunidade pesquisada, nos deparamos com construções lingüísticas dos institutos da fonética, morfossintaxe e lexical que corroboram o acervo de fenômenos lingüísticos típicos da região sul-mato-grossense.

Após o levantamento quantitativo das variáveis lingüísticas mais ocorrentes (fonético, morfossintático e lexical), procedemos separadamente o cruzamento com a variável extralingüística sexo, e verificamos o nível de incidências da variável

dependente (1) nos contextos de atualização da língua falada na comunidade.

Quadro G – Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos fonéticos com relação ao fator extralingüístico sexo.

Fator extralingüístico sexo	Aspectos Fonéticos			
	Iotização	Apócope	Rotacismo	Epêntese
Homens	85%	75%	71%	57%
Mulheres	82%	88%	80%	72%

Podemos observar no quadro G, o nível elevado de variação fonética na fala dos informantes de Furnas da Boa Sorte, tanto em relação aos homens quanto às mulheres, oscilando entre 57% a 88% de aplicação da regra (desvio).

Nesse aspecto, os fenômenos mais ocorrentes na comunidade de fala estudada foram a **iotização** (despalatização com troca do fonema “ʎ” por “y”), como ocorre em {pi’oiu}, a **apócope** (a perda de seguimento fonético nos finais dos vocábulos) como se constata em {ma’tá}, o **rotacismo** (a transformação do /r/ a partir da consoante /l/) como se constata em {car’são} e a **epêntese** (aumento de letras no meio da palavra), como se vê em {adevo’gado}.

Essa gama de variedades do fenômeno lingüístico encontradas em Furnas da Boa Sorte, em princípio com construções rotuladas de caipira cujas “[...] influências negativas são debitadas à procedência afro-indiana” conforme Coutinho (1976, p. 326), se traduz, em verdade, na junção de etnias e costumes diversificados e afetos às coisas da terra e da natureza que, inexoravelmente, esculpe o português do Brasil.

Por isso, o fenômeno da **iotização**, já sublinhado, como [fa’mia] detectado na comunidade estudada, considerado *traços descontínuos* da língua pela razão de não ser encontrado na modalidade prestigiada, também está presente em outras regiões rurais e até urbanas o Brasil.

Porquanto a **iotização**, em alguns aspectos, se mostra bastante inovador, pois

esta etapa da mudança da lateral palatal /ʎ/ para a semivogal /y/, conforme citada¹⁰² orientação de Bagno (2003, p. 130), ocorreu na França ainda no século XVIII.

Ainda no âmbito do aspecto fonético a epêntese pelo acréscimo de vogal no meio do vocábulo como nos contextos encontrados como {adevo'gadu} e {'nois}, Teyssier (2004, p. 103), classifica como “[...] aspectos inovadores da fonética brasileira”.

Por último, a variação fonética contribui para que ocorram variações em outros seguimentos da língua se correlacionados a outros fatores lingüísticos e extralingüísticos, atingindo, muitas vezes, no decorrer do tempo, o fenômeno da mudança lingüística. A propósito, com a cientificidade de Wang (1969 *apud* MOLLICA (1993), transcreva-se novamente, diz que “toda mudança sonora se processa foneticamente abrupta, porém lexicalmente gradual”.

Na etapa final da análise de regressão múltipla o programa selecionou o grupo **1**, referente aos fatores fonéticos **B** (iotização), **A** (apócode), **E** (epêntese) e **R** (rotacismo), e no cruzamento do o fator extralingüístico sexo, concebeu como o mais relevante o fator **E (epêntese)**.

O Quadro H demonstra os valores percentuais de cada fenômeno morfossintático no cruzamento da variável independente sexo, selecionado para as análises.

Quadro H – Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos morfossintáticos com relação ao fator extralingüístico sexo.

Fator extralingüístico sexo	Aspectos Morfossintáticos					
	(Q) Flexão de número na relação determinante + nome	(K) Enfraquecimento do futuro do presente	(C) Flexão de número na relação sintagma nominal + verbal	(N) Artigo diante de antropônimos	(G) Pronome nós e a gente na conjugação do presente do indicativo	(D) Advérbio de negação presença ou não de dupla negação
Homens	98%	89%	88%	25%	46%	35%
Mulheres	100%	100%	100%	50%	21%	20%

¹⁰² Conforme p. 34 e 35, referente à palavra bilhete.

No quadro H, denota-se um alto índice de variação (desvio) nos fenômenos **Q**, **K** e **C** e um baixo percentual de variação quanto aos fenômenos **N**, **G** e **D**, sendo que nos três primeiros o nível de aplicação da regra pelas mulheres atingiu 100% e o menor deles entre os homens atingiu 88%, revelando-se, que esses resultados do aspecto morfossintáticos são extremamente relevantes para a sociolingüística.

Desse aspecto morfossintático, o programa selecionou no cruzamento do fator extralingüístico sexo, como o **mais relevante** o fator **D (advérbio de negação – presença ou não de dupla negação)**.

O quadro H demonstra os valores percentuais da variação lexical quando analisada de acordo com o fator extralingüístico sexo.

Quadro I – Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos semânticos lexicais com relação ao fator extralingüístico sexo.

Aspectos semânticos lexicais	
Fator extralingüístico sexo	
Homens	Mulheres
47%	51%

Nos aspectos semânticos-lexicais o processo de variação lingüística na comunidade, concorre em percentuais próximos entre o **1 (regionalismo)** e **∅ (não regionalismo)**, restando aproximados os índices entre os informantes do sexo feminino e masculino.

O léxico na comunidade, traz à tona elementos diversificados das línguas que compõe o português do Brasil e que está sedimentado em {macum'beru}, {i'xu}, {qui'bébi} e {qui'lão}, de origem africana¹⁰³ que completa a nossa cultura.

As construções lexicais {cami'sola} e {camiso'lão} concorrem,reciprocamente, com “camisa” e “pijama”. Conforme já vimos¹⁰⁴, *camisola* para os portugueses representa a camiseta como a que se usa para jogar futebol e *camisolão* é uma roupa para ambos os sexos dormir, configurando-se assim em expressões do português

¹⁰³ Etimologia disposta anteriormente na p. 75-76.

¹⁰⁴ Etimologia disposta anteriormente na p. 76-77.

européu que conservadoristicamente permaneceu no acervo lingüístico de Furnas da Boa Sorte desde a época da colonização.

Curiosamente como surgiu como variável de dança e música na comunidade o contexto lexical {ma'zum} cuja grafia é “mazurka” que é uma espécie de dança poloneza¹⁰⁵, o que demonstra conhecimento e cultura na comunidade.

Ocorreram ainda {risçu di inchorru}, {aragá} e {defrus}, sendo que *risçu di inchorru* variável substituta de arco-íris, encontrada a sua origem vocabular em enxurro de origem onomatopaica e, a variável seguinte, com a grafia de *haragán* de origem incerta é quem foge do trabalho, e finalmente a última de grafia *defluxão*, escorrimento, coriza, do latim *defluxionem*¹⁰⁶ e {bu'caina} de origem tupi, para representar serra.

A essa gama de culturas e multilingüismos acrescentam-se o meio ambiente com que a composição dessas variáveis foram esculpidas pelos moradores da comunidade, como a propósito Sapir (1958 *apud* SCHAFF 1974, p. 101) diz que “[...] é o vocabulário de uma língua que reflete mais claramente o meio-ambiente físico e social dos que a falam”.

No aspecto lexical, na primeira fase de rodagens, destacaram-se com percentual acima de 10% os campos semânticos **E** (fauna) e **F** corpo humano). No programa da *regressão múltipla*, foi selecionado o grupo 1 dos fatores semânticos lexicais, de **sistema de pesos e medidas (R)**.

Constatamos pelos percentuais de pesos relativos apresentados que, apesar no alto índice de aplicação da regra (desvio), na comunidade de fala pesquisada, a tendência às formas de construção regular, ditas prestigiadas, são dos informantes do sexo masculino, contrastando, até certo modo, com outros resultados como em Mollica (2003, p. 27-31), no fonético e também no aspecto morfossintático, Paiva (2003, p 33-41), e igualmente no campo semântico lexical.

Essa tendência de liderança das mulheres na variação, nos três aspectos ora estudados, explica-se, pelo fato de assumir os homens o papel de maior exposição às pessoas de outras regiões, relegando às mulheres a rotina doméstica e as privando do convívio exterior, como no exemplo de Paiva (*Ibid.* p. 35 seq.) ao citar as mulheres do mundo árabe “[...] rigidez da separação entre os papéis, maior ou menor amplitude

¹⁰⁵ Etimologia disposta anteriormente na p. 78.

¹⁰⁶ Etimologia disposta anteriormente na p. 73.

das redes sociais de que eles participam e as restrições de mobilidade social impostas à mulher”.

Mas a língua falada pelos informantes femininos exerce maior influência lingüística de variação na comunidade, no momento da atualização da fala devido ao elevado índice de aplicação da regra e ou regionalismo.

Dos aspectos analisados, o valor percentual de variação foi maior que o valor percentual da regularidade no aspecto fonético e morfossintático contrapondo-se com o aspecto semântico lexical em que as variáveis de construções regulares suplantaram o fenômeno da variação.

Mesmo assim pelos percentuais globais apresentados em Furnas da Boa Sorte podemos dizer que há vocação da variação lingüística, codificada no momento das rodadas do programa como **(1)** – indicativa da aplicação da regra ou das diferentes variações – com relação à regularidade da língua, que teve a representação **(0)** na codificação.

De qualquer forma, a explicação para os índices elevados de variação, se deve também ao fato de se tratar da estratificação de pessoas não alfabetizadas, de uma comunidade rural, com pouco contato com o meio urbano, de faixa etária acima de 55 anos e que tiveram em seus ancestrais, o incômodo da fuga e do isolamento como estratégia de sobrevivência.

Nesse compasso, o conhecimento lingüístico presente na comunidade estudada inserida na cultura do Mato Grosso do Sul, contribui na formatação incessante da língua falada em contextos inovadores, seja na fonética, a *iotização* com /y/ por /ɣ/, a *epêntese* com a vogal no meio de vocábulo; seja na morfossintaxe principalmente com as regras de concordâncias em que a redundância de eventos que se exige a marca plural provocam variações que ocorrem em todas as estratificações sociais e até na modalidade escrita da língua; e por último, no léxico, no qual o histórico da comunidade inserido no multilingüismo do País aliado a fatores ambientais nos revela a matiz multifacetada de riqueza vocabular, como já mencionado, ora de conservadorismo como em {cami'sola}, ora de polidez como em {de'frux} e {ma'zum}, além de elementos africanos como {i'xu}, contextos indígenas e de influência do meio, como em {bu'caina} e/ou apenas do meio ambiente como em {ara'gá}. Todas estas construções que representam o acervo lingüístico-cultural da comunidade, interagem *ordenada e inconscientemente*, no *inexorável* processo de

variação e mudança da língua.

Por isso ao fim deste estudo podemos dizer que, se não há necessariamente a pesquisa que revelar, pontualmente, elementos lingüísticos que possam ser tidos como *evolução* da língua, a toda evidência, fica imune de dúvidas, que a comunidade ora estudada, pela riqueza cultural que apresenta, participa efetivamente da evolução da língua (português do Brasil) uma vez que, a variação e a mudança lingüística são reflexos dos exercícios de uso social, de seus elementos vivos onde se inserem o homem e a língua falada.

Os resultados obtidos neste estudo identificam a comunidade no seguimento lingüístico-cultural, revelando poder para que cada um de seus entes imponha-se como sujeito de direitos em face de todos os domínios da vida social, respeitando e fazendo respeitarem-lhes como pessoas que, igualmente às outras, dão a mesma contribuição para a cultura e o português do Brasil, sem jamais sentirem-se inferiorizados, desmistificando-se assim, os chamados preconceitos lingüísticos.

Por isso insistimos conforme Oliveira e Durigan (2004, p. 52) que “não existe hierarquia no conhecimento”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Eletrônico*. Curitiba: Positivo, 2004.

AZEVEDO, Leodegário A. de Filho. *Línguas Africanas Em Contato com o Português do Brasil*, <http://www.filologia.or.br>, consulta de 12.7.2007.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta. Língua e Poder da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

BANDEIRA, Maria de Lourdes & SODRÉ Triana de Veneza, *Relatório Antropológico. Furnas da Boa Sorte-MS, Projeto de Mapeamento e Sistematização das Áreas de Comunidades Remanescentes de Quilombo*. Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares. Campo Grande: Idaterra, 1997.

BELINE, R. A Variação Linguística. In *Introdução à Linguística. I. Objetos Teóricos*. FIORIN J. L. (Org.) São Paulo: Contexto, 2002.

BORTONI-Ricardo. *Nós chegemu na escola e agora? Sociolinguística & Educação*, São Paulo: Parábola, 2005.

BUENO, Francisco da Silva. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: 1968.

CADORE, Luís Agostinho, *Curso Prático de Português*, São Paulo: Editora Ática, 2000.

CAMACHO, R. G. Sociolingüística. In MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística, Domínios e Fronteiras*, v. I. São Paulo: Cortez, 2001.

CÂMARA, Jr., J. M. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Garcia Dolores & NASCIMENTO, Manoel, *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1969.

CAUVET, Louis-Jean. *Sociolingüística uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo São Paulo: Parábola. 2002.

COUTINHO, I de L. *Pontos de Gramática Histórica*, Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

CRISTOFARO SILVA, T, *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2005.

CRYSTAL, David, *Dicionário de lingüística e fonética*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

- DUBOIS, Jean et.al. *Dicionário de Lingüística*, São Paulo, Cultrix, 1973.
- FIORIN, José Luiz (Org.) *Introdução à Lingüística*, São Paulo: Contexto, 2002.
- HORA, D. In IV Congresso Internacional da ABRALIN. Curso de Fonologia e Variação, UNB, Brasília, 2005
- HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva.
- ILARI R. & BASSO R, *O português da Gente*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEITE Y. & CALOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2002.
- LYONS, John. *Introdução à Lingüística Teórica*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Editora Livros Horizonte, 2003.
- MARCELLESI, B. G. *Introdução à Sociolingüística. A Sociolingüística Social*. Editorial Aster. Lisboa: 1975.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da Fala da Alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- MOLLICA, Maria Cecília (Coord.) et. al. *Arqueologia na Mudança Lingüística*. In: Semana de Estudos Clássicos UFRJ. Rio de Janeiro, 1993.
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística. O Tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, José Lemos Monteiro. *Para compreender Labov*, Petrópolis-RJ, Vozes, 2000.
- MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística, Domínios e Fronteiras*, v. I, São Paulo: Cortez, 2001.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*, São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro. *O livro da Concentração. O lingüístico e o Literário*. Campo Grande: Editora UFMS, 2006.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro & Durigan Marlene. Gramática da Variação ou Variação da Gramática. In BELON A. R. & MACIEL S.D. (Org.). *Em dialogo estudos literários e lingüísticos*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro. *La Variación Lingüística en Brasil*. Campo Grande: CPTL/UFMS. 2007.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. A Variável Gênero Sexo. In MOLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística. O Tratamento da Variação*. São Paulo. Contexto, 2003.

PAIVA, Maria da Conceição A. de & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta Anos Depois: A Herança de um Programa na Sociolinguística Brasileira . In WEINREICH, Uriel, LABOV William & HERZOG Marvin I. *Fundamentos Empíricos Para Uma Teoria da Mudança Lingüística*. Tradução. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, Projeto da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em 24.3.2006.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. Formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Estudos Gramaticais e Filológicos*, v. 3, Salvador, Livraria Progresso Editora, Ed. 1957.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Brasília: Editora UNB. 2004

SAPIR, Edward. *A linguagem. Introdução ao estudo da fala*. Tradução J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e Conhecimento*. Tradução do Francês de Manoel Reis Coimbra: Livraria Almedina. 1974.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se Lindos Filhotes de Poodle*. São Paulo: Parábola, 2005.

SETAS. Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência Social e Economia Solidária. <<http://www.setass.ms.gov.br>>. Acesso em 24.3.2006.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*, São Paulo: Editora Scipione, 2002.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRASKI, R.L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto. 2004.

VEADO, Rosa Maria Assis, *Comportamento Lingüístico do Dialeto Rural*. Minas Gerais: UFMG, PROED, 1982.

VOTRE, Sebastião José. A Relevância da Variável Escolaridade. In MOLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística. O Tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

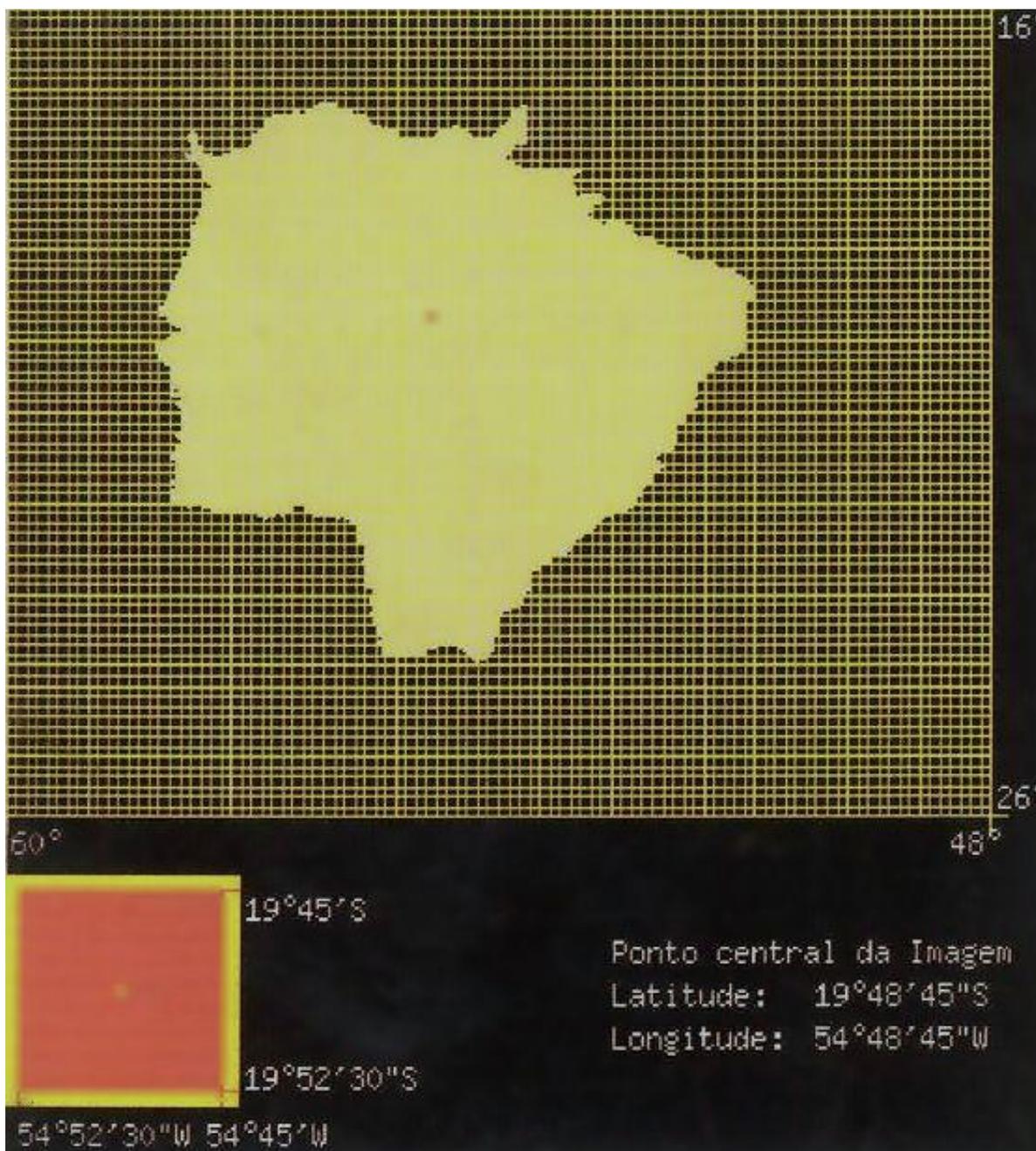
VOGT C. & FRY P. *Cafundó a África no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

WEINREICH, Urieu & LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança Lingüística*. Trad. Carlos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Anexos



Anexo 1- Planta aérea do Estado de Mato Grosso do Sul – Brasil e da localização geográfica da cidade de Corguinho, sede política da comunidade de Furnas da Boa Sorte.



Anexo 2 – Galeria de fotos da comunidade de Furnas da Boa Sorte



Fotografia 1- Saída de Rochedo, placa indicativa da estrada para Furnas Boa Sorte



Fotografia 2 – Placa indicativa da chegada à Comunidade de Furnas da Boa Sorte



Fotografia 3 – Conformação do terreno e da vegetação na Comunidade



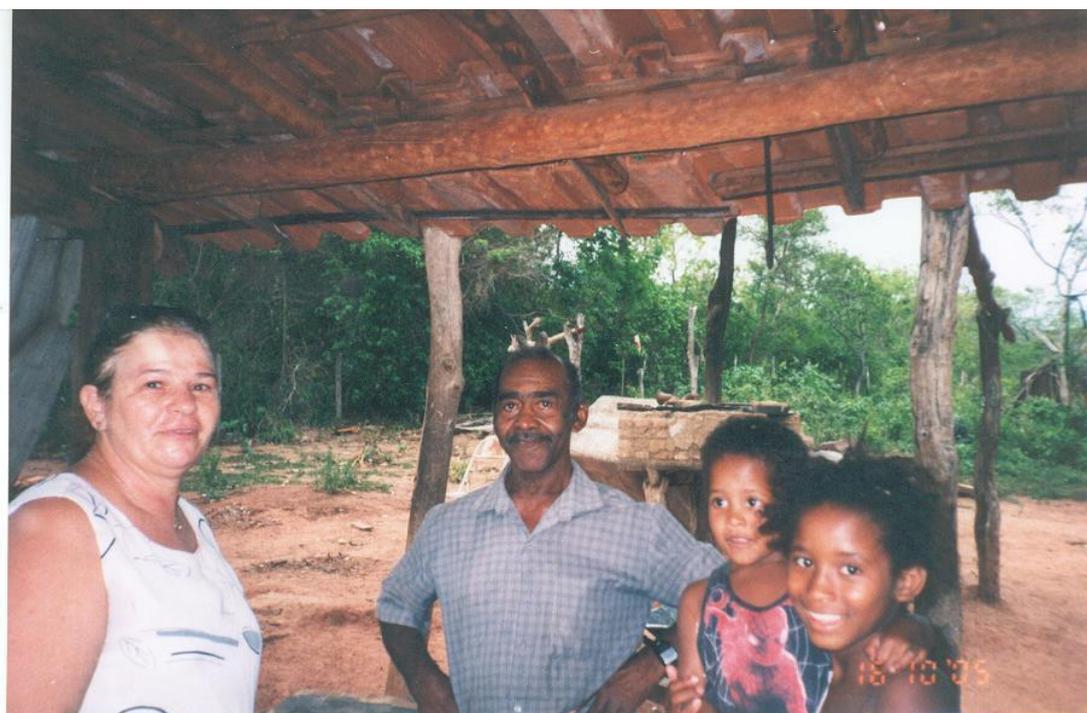
Fotografia 4 – Vista da residência de um dos informantes de Furnas da Boa Sorte



Fotografia 5 – Quintal da residência de informantes.



Fotografia 6 – Cobertura comunitária onde se armazena maquinários e cereais.



Fotografia 7 - Varanda da residência de um dos informantes com suas duas netas.



Fotografia 8 – Varanda da residência de um dos informantes.



Fotografia 9 - Ao fundo próximo a caixa d'água está situada a escola José de Anchieta e mais próximo, está o armazém de acondicionar cereais e implementos agrícolas.